

REVISTA

DA SEMANA

N. 6 9-2-57 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

5 HOMENS ARRASARAM O DISTRITO
NO BRASIL O ENSINO É CARO E RUIM
UMA LOUCURA CHAMADA ELVIS PRESLEY



Ilka Soares continua apaixonada por Anselmo Duarte

O CONSTRUTOR DA NOVA CHINA

Chou En-Lai, pequeno filho de Mandarins, colaborador de Tchang-Kai-Chek, Talleyrand da nova China. Adorado pelo seu povo, temido pelos inimigos, construtor da China do Século 20, em cima dos escombros de outra China já com 5 séculos de atraso. Homem simples, afável, calmo e sem explosões, mas imbuído das terríveis responsabilidades que assumiu em relação a seu povo e a própria história do mundo moderno. Por trás de sua máscara impenetrável, repousa o destino da nova China e de milhões de seres humanos, que até há pouco não viviam (nem eram considerados) como tal.



Ano 57 — N° 6 — Rio de Janeiro — 9-2-1957

DIRETOR
Helle Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Enaide, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lebe, Gilson Campos, Hermanno Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarneri.

SUMÁRIO

◆ **REPORTAGENS**

5 homens (em 20 anos) arrasaram o Distrito	4/7
Uma loucura chamada Elvis Presley	12/13
A pesca no Brasil é uma aventura	22/24
Ilka Soares x Anselmo	31/35
O ensino é ruim e custa uma fortuna	38/41
Mário Pedrosa	44/45
Didi: Por 7 milhões jogarei até na China	46/47
Italo Rossi — Um ator em ascensão	48/49
Qual o destino dos jogadores do Honved	56/57
Recuperou a vida aos 2 anos	58/59

◆ **HUMORISMO**

Fortuna	52/53
---------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Paginação.....Victor Tapajós
Fotografia.....A. Vieira e A. Ferreira
Desenho.....Alberto Lima
Laboratório.....V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardine — Rua Capitão Salmeão, 88
Fone: 34-1569



◆ Nossa capa: Ilka Soares, ex-artista de cinema que trocou a carreira pelo casamento. Depois de 4 anos, ainda bela e com dois filhos, se confessa apaixonada pelo marido, o ator Anselmo Duarte. (Foto Alberto Ferreira, exclusiva para a «Revista da Semana»).

Direito

à Praia

★ Parece que desta vez chegou mesmo o verão. Um calor danado anda molhando corpos, a cidade está cheia de mulheres decotadas e de homens de roupas claras, o sol vem se apresentando loiro e pujante e como a falta d'água continua dominando nossos doces lares, só mesmo o mar e a praia constituem prazer neste momento que nada tem de solene, pois que momentos solenes só há mesmo em discursos. Infelizmente para nós, pacatos banhistas que procuramos na referida praia e no mencionado mar não apenas amenizar o calor mas dar aos nossos corpos cansados pelo verão e pelo trabalho, a delícia das areias e das águas oceânicas, infelizmente para nós estamos quase sem esse direito. É que as praias foram invadidas, há muito tempo, por toda a sorte de bolas: pequeninas, grandes, leves, pesadas, ágeis, lerdas, bolas capazes de quebrar cabeças e que, segundo li num jornal, chegaram a matar, em dias desta semana, um senhor idoso que veraneava em Niterói.

★ Não que eu seja contra os esportes praianos; ó, não. Creio que todos são iguais perante a lei como conta a nossa prezada e jamais respeitada Constituição, mas justamente porque sou pela igualdade de direitos e deveres entre os homens, acho que os moços esportistas têm, tanto direito a jogar suas bolas, quanto os pacatos banhistas o têm de ficar quietos sob o sol. A praia, me parece é de todos. Que fazer então? Ao certo não sei, mas como acredito no nosso atual prefeito Negrão de Lima, como sei de sua inteligência e vejo e sinto suas realizações, creio que uma solução deve ser encontrada. Bola é como bala: não traz endereço e pode ferir uma criancinha com a mesma eficiência com que liquida um velho. Que o prefeito estude isso e encontre uma saída para um caso muito importante na vida dos habitantes desta cidade, principalmente nos localizados em Copacabana.

★ Declaro a bem da verdade que tenho horror ao aparato policial, às violências com que a polícia realiza suas ações, mas creio que não será mau um policiamento na praia, inclusive estabelecendo horas para os esportes. Assim, acontecia o ano passado e tivemos afinal um verão sem desastres; o mesmo não acontecerá se continuarem livres e tremendas as bolas imperando nas praias. Os moradores do Flamengo, segundo a notícia que vi num jornal, estão apavorados; os de Copacabana também. Depois ainda há um problema neste problema: a maioria dos jogadores não sabe jogar, nada e aí o perigo. Se um pacato banhista estiver deitado na areia e perto dele houver um encançado futebol de conhecedores dos mistérios desse esporte, podemos ter certeza de que nada acontecerá. Mas se esse «time» for de curiosos, de destreinados ou de jogadores inexperientes, então adeus cabeças, estômagos, tudo que afinal constitui a vida dos praianos.

Temos já os automóveis de todos os feitios e marcas para estropiar corpos, aleijar e matar incautos, não podemos permitir que as bolas nas praias aumentem o número de aleijados ou de mortos em nossa cidade. Pelo que esperamos providências do prefeito: lutamos apenas defendendo um direito de cidadãos: o direito à praia.

ENEIDA

CINCO HOMENS (EM 20 ANOS)

HENRIQUE DODSWORTH, GOVERNOU 9 ANOS, ENRIQUECEU CENTENAS DE ADVOGADOS E MILHARES DE FUNCIONÁRIOS — MENDES DE MORAIS, FICOU 5 ANOS (QUERIA MAIS) ELEGENDO MISSES, CRIANDO CASOS E JOGANDO PÔQUER COM FORNECEDORES — ALIM PEDRO, ASSINOU CONTRATOS QUE NÃO PODIA CUMPRIR E ONEROU O DISTRITO POR MUITO TEMPO — SÁ LESSA CHEGAVA NA PREFEITURA ÀS 5 DA TARDE E ÀS 6 SE RETIRAVA, EXAUSTO — DULCÍDIO CARDOSO, PREFEITO ROMÂNTICO QUE SÓ CUIDOU DE UMA COISA: A SUA ESTER DE ABREU — DUAS EXCEÇÕES EM 20 ANOS: JOÃO CARLOS VITAL E NEGRÃO DE LIMA.

Reportagem de HELIO FERNANDES

..EM 20 ANOS (de 37 a 57) o Rio de Janeiro se transformou de cidade maravilhosa e encantadora em metrópole abandonada, arrasada e quase inabitável. Falta tudo na capital do Brasil. Água, transporte, escolas, calçamento nas ruas e principalmente vergonha na administração. 5 prefeitos contribuíram para arrasar o Distrito Federal, e transformá-lo por muito tempo em humilhação permanente para seus moradores e assombro e desolação para os poucos turistas que nos visitam. Esses homens foram: Henrique Dodsworth, o prefeito que arrasou definitivamente as finanças do Distrito com suas reestruturações de favor, sem base legal e que fizeram fortuna de centenas de advogados e de milhares de funcionários; Mendes de Moraes, o prefeito imoral que embora tenha deixado obras de fachada como o Maracanã, ligou definitivamente o nome da Prefeitura a uma tradição de imoralidade e indignidade; Dulcídio Cardoso, prefeito terno e apaiado, que se preocupava mais com sua Ester de Abreu do que com a administração da cidade. A vaia que levou no Maracanã num jogo Vasco x Flamengo demonstra o que foi a sua gestão; Sá Lessa, prefeito ausente, que aparecia no Guanabara às 5 da tarde, assinava prioridades de telefone até às 6 e se retirava exausto; e finalmente Alim Pedro, campeão da eterna vigilância, homem com

fama de moralista mas que deixou na Prefeitura casos escandalosos. Como por exemplo, a área de terra devoluta, de sua propriedade que a Secretaria de Educação e Cultura, num passe de mágica, transformou numa granja modelo, bela e produtiva. Sem que o dr. Alim gastasse um tostão sequer. Esses homens que arrasaram definitivamente o Distrito Federal, hoje são ricos, importantes, e passeiam gloriosamente pela cidade que destruíram. Nada lhes aconteceu (nem acontecerá). Não somos tão ingênuos a ponto de julgar o contrário. Mas pelo menos refrescaremos a memória de muitos. Pois alguns desses homens nefastos pretendem voltar à Prefeitura do Distrito nas eleições de 58. O que estamos dispostos a impedir que aconteça. Nestes 20 anos só duas exceções se registraram na Prefeitura: João Carlos Vital, homem honesto e realizador que durou menos de 1 ano (é lógico) por causa desses «defeitos». Foi derrubado pelos interesses contrariados. E o atual prefeito Negrão de Lima, que vai indo em bom caminho, de moral inatingível, capaz, realizador, e bem intencionado. Só lhe falta um pouco de coragem e espírito de decisão para se transformar no prefeito que o Distrito Federal esperava há muito tempo.



SÁ LESSA

♦ Quem inventou o sr. Sá Lessa? Ninguém, Ninguém sabe. Quando estourou o 11 de Novembro, ei-lo, desconhecido e sem credenciais, subindo as escadarias do Guanabara. Ganhou a Prefeitura do Distrito, numa disputa quase sangrenta, em que, (diga-se com sinceridade) o único não candidato era ele mesmo. Como prefeito não chegou a exercer o cargo. Chegava ao gabinete às 5 da tarde, assinava centenas de prioridades telefônicas e às 6, exausto, se retirava. Ficou menos de 6 meses como prefeito do Distrito Federal. E durante esse tempo a Prefeitura parou completamente. Os serviços ficaram acéfalos. As obras não andaram. Nos impedimentos de Sá Lessa pai, o prefeito era o Sá Lessa Filho que também não podia perder tempo com a Prefeitura, pois tinha ocupação mais importante: o pólo. E assim, de Lessa em Lessa a Prefeitura foi à ruína. Até que, assumindo o sr. J.K. o Governo Federal, os Lessas deixaram definitivamente o Governo Municipal. Em boa hora e com missa de ação de graças.

DULCÍDIO CARDOSO

♦ O doutor Dulcídio foi um prefeito péssimo. Mas sejamos justos. A culpa foi mais de d. Ester de Abreu do que dele. Pois como é que um homem apaixonado pode administrar alguma coisa, principalmente uma cidade complicada como esta? E verdade, verdade, o coronel estava tão caidinho pela bela cantora que até fazia dó. Ia com ela para o auditório da Rádio Nacional, andava em bailes e até em serenatas. Homem romântico e sensível, o coronel se entregou todo a sua paixão. E o pior de tudo, é que o coronel prefeito foi o único que não percebeu que esse romance jamais terminaria em casamento, e que assim que deixasse a Prefeitura d. Ester ia lhe dar um fora bem grande. E foi o que aconteceu. Outro azar do coronel prefeito: teve que agüentar outro fracassado (o sr. Fiuza) no Departamento de Águas, o que (com uma tremenda falta d'água) lhe valeu uma vaia de oitenta mil bôcas no Maracanã. Em suma: apaixonado, displicente, sem dinamismo e sem sombra de dotes de administrador, foi um dos piores prefeitos que o Rio tem conhecido. E olhe que em matéria de prefeito ruim esta cidade já conheceu de tudo.

ARRASARAM O DISTRITO FEDERAL

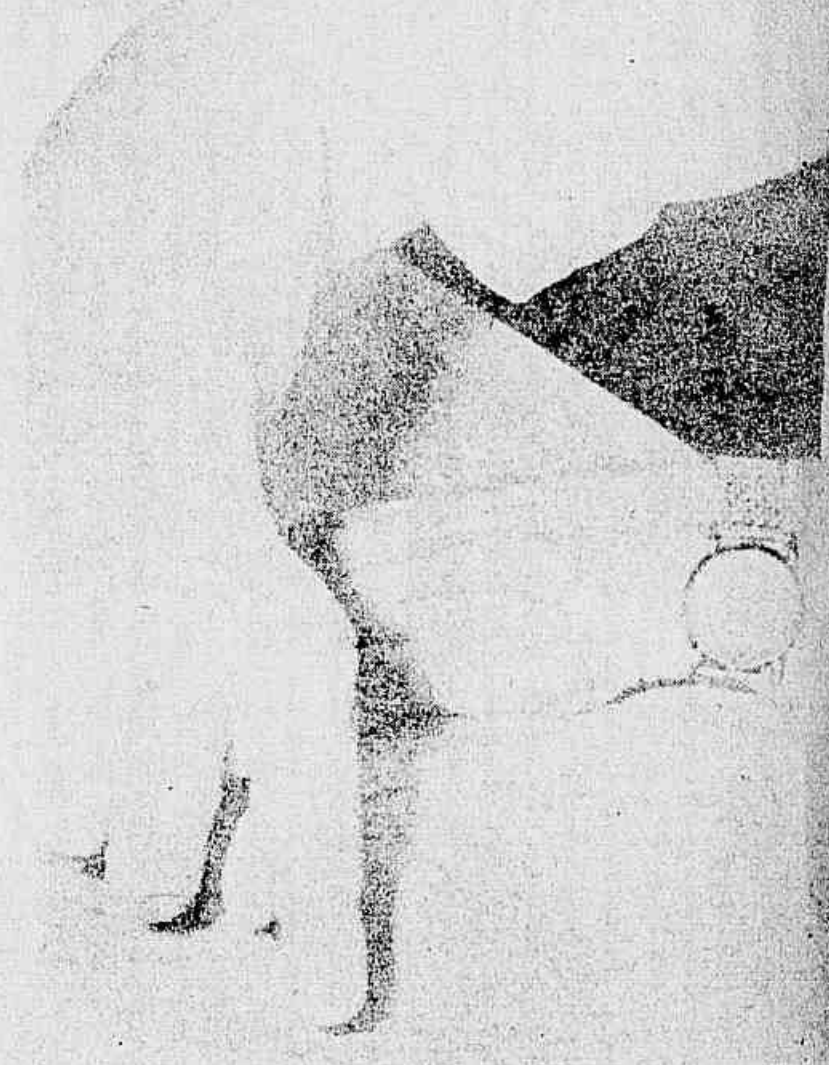


CINCO HOMENS (EM VINTE ANOS) ARRASARAM O DISTRITO FEDERAL

HENRIQUE DODSWORTH

◆ Homem de cultura e de inteligência, o dr. Henrique Dodsworth, é o responsável pela ruína passada, presente e futura da Prefeitura carioca. Ninguém mais do que ele arruinou as finanças do Distrito. Sua passagem pela Prefeitura (quase todo o período do Estado Novo) foi catastrófica. A reestruturação do funcionalismo, elaborada e executada por ele discricionariamente, enriqueceu centenas de advogados e milhares de funcionários. Contemos a sua história rapidamente: em 1940, para servir a amigos, o doutor Dodsworth, resolveu reestruturar algumas carreiras da Prefeitura. Feita essa reestruturação, começaram as reclamações. Determinou então o dr. Henrique Dodsworth que os que se julgassem prejudicados apelassem dentro de 60 dias. A Prefeitura em péso reclamou. Mas como estávamos em plena ditadura o dr. Dodsworth arquivou as reclamações, e não se falou mais nisso. Mas o dr. Henrique é (e sempre foi) um homem bom, gostando de fazer favores a amigos. E atendendo ao pedido de um deles (Leudigar Lajes

Sayão) reestruturou-o também. Foi a conta. Milhares de servidores caíram em cima da Prefeitura. E os que não conseguiram ganhar administrativamente, ganharam (depois de 45) na Justiça. E nessa brincadeira, a Prefeitura já pagou bilhões de cruzeiros, e são ainda sem conta as ações pendentes. Todo dia a Prefeitura é obrigada a pagar a fulano e a beltrano, por determinação do Judiciário. Tudo por causa da leviandade e da irresponsabilidade administrativa do dr. Henrique Dodsworth. E ele, depois de tudo isso, em vez de responder na justiça, pelos verdadeiros crimes que cometeu, continua na vida pública, saltando de cargo em cargo, cada um deles mais importante que o outro. As irregularidades do governo Dodsworth não cabem nos limites desta reportagem. Mas só o que contamos já basta para colocar o sr. Henrique Dodsworth na sua verdadeira posição: posição de prefeito que arruinou para sempre as finanças do Distrito Federal, e que até hoje ainda não foi chamado a prestar contas desse crime.



ALIM

◆ O sr. Alim é um homem simpático, quase bonito, de grande cabeleira, inventado politicamente pelo sr. Eurico Dutra. Mas quem indicou-o ao general não se sabe. Mas o que se sabe (com segurança) é que o sr. Alim Pedro quando foi nomeado para a presidência do IAPC era um homem modesto, mais do que pobre, que vinha de trem para a cidade. Morava então em Bangu e a cidade (o centro e a zona sul) exercia poderosa atração sobre ele. Hoje, com carro caro e de «chauffeur», roupas alinhadas, bem tratado e bem situado, aparece o sr. Alim Pedro numa versão inteiramente nova, que desconcerta inclusive seus amigos mais íntimos. Como prefeito (indicado pelo sr. Carlos Lacerda no 24 de agosto) foi um fracasso total. Não realizou, não planejou, não executou, não continuou obras. Fêz mais nomeações do que qualquer prefeito desta cidade em qualquer



ALIM PEDRO

tempo. Até mesmo o sr. Mendes de Moraes. Dizem que as nomeações (quase que na sua totalidade beneficiando cabos eleitorais) assinadas pelo «austero» sr. Alim Pedro chegaram a 12 mil. A história de umas terras devolutas pertencentes ao sr. Alim Pedro que se transformaram (durante a sua gestão na Prefeitura) numa granja linda e digna de ser mostrada até a turistas, é de estarrecer. E o vereador Faím Pedro, não se cansou (na Câmara Municipal) de contar histórias terríveis sobre o irmão prefeito. Sobre as finanças da pobre Prefeitura carioca pesam ameaças tremendas: contratos levemente assinados pelo prefeito Alim Pedro, que, não cumpridos (como não poderão ser mesmo) se transformarão em outras tantas sangrias. Por tudo isso (e por muito mais) o sr. Alim Pedro entra merecidamente na galeria dos homens que arrasaram o Distrito Federal.



MENDES DE MORAIS

◆ Arbitrário, violento, corrupto e corruptor, o sr. Angelo Mendes de Moraes detém o título de o prefeito mais imoral que o Rio já conheceu. As poucas obras que realizou em quase 4 anos de governo, foram anuladas pela excessiva imoralidade que imprimiu a sua passagem pela Prefeitura carioca. Essa imoralidade culminou quando da eleição da «Rainha do Micareme». Eleita a «rainha» começaram a se contar histórias escabrosas sobre ela e o prefeito. E pouco depois, a nomeação de quase toda a família da «rainha», dava um tom de autenticidade às histórias que apenas se murmuravam. Mendes de Moraes construiu o Maracanã, começou o aterro da Guanabara e fez a Estrada das Canoas. Mandou agredir o jornalista Carlos Lacerda, jogou pôquer com fornecedores da Prefeitura e segundo ele mesmo confessou,

ganhou uma fortuna nisso. General que nunca participou de um combate (sempre esteve nas melhores posições), várias vezes em comissões rendosas no estrangeiro. Os outros militares se envergonham de chamá-lo de colega. SE julga uma grande potência eleitoral no Distrito e não esconde a ninguém que em 58 é certa a sua eleição para prefeito. Amigo e companheiro de Gregório, a quem com arrebatamento, costumava chamar: «o Ministro da Defesa do Regime». Pretende se candidatar pelo PSP com apoio do sr. Ademar de Barros. Nesse caso (de graça) vamos dar uma sugestão para a propaganda da campanha: uma foto grande de Ademar e Mendes abraçados, sorrindo, e a legenda: «o bom e o mau ladrão pedem teu voto para prefeito». Vão chegar último, longe.



SE GOSTASSE DE UISQUE SERIA NORA DE TRUJILLO

◆ Chama-se Ricki, é cantora, norte-americana e bastante bonita, além de usar uns decotes supersônicos. Tem já uma história interessante para contar embora seja muito moça. Estêve na República Dominicana e quase ficou lá como nora do Generalíssimo Don Rafael Leónidas Trujillo, o «Benefactor de la Patria», como ele mesmo se intitula e obriga os outros a chamá-lo. O filho de Don Rafael viu Ricki e logo apaixonou-se. Passou então a assediá-la com flores, presentes e atenções pessoais. Levou-a a festas, principalmente as que realizavam diariamente no Hotel Jaraguá, o mais suntuoso da República Dominicana. Parece que as intenções do rapaz eram boas, mas Ricki começou a ficar com medo do seu temperamento explosivo. Uma noite eles foram a uma festa na residência de Generalíssimo, e as coisas correram bem até a meia-noite. Quando os relógios anunciaram essa hora fantasmal, as luzes se apagaram, e quando voltaram a ser restabelecidas (minutos depois), quase todos os convidados estavam em trajes sumarríssimos. Começaram então a se atirar numa piscina enorme que para surpresa de Ricki estava cheia, não de água mas de uísque. Essa história foi contada pela própria Ricki ao «Diário Carioca».

A SEMANA EM REVISTA

Fotos «Diário Carioca».



A OPERAÇÃO COPACABANA

◆ Os donos dos lotações não gostaram das inovações da chamada Operação Copacabana. E desfecharam uma campanha visando adiar a sua execução. Como primeira medida, reivindicam: novo levantamento estatístico do mercado de transporte; reestudo das novas linhas e dos novos pontos finais; redistribuição pelas novas linhas, dos lotações existentes, e finalmente proibição de emplacamento de carros novos. Como se vê os gananciosos donos de lotações (que já têm um lucro astronômico desde a guerra) não têm a menor preocupação pelo público. Eles querem ganhar cada vez mais, e o público que se dane. E para que a operação de obstrução chegue a bom resultado, botaram no seu comando o general (reformado e comunista) Valério Braga. Na foto do «Diário Carioca», o general, em mangas de camisa e escondido atrás de uma bateria de garrafas de água mineral, pronuncia a sua arenga.

JK ENTRE ESTUDANTES

◆ Consolidado o seu governo, livre das crises políticas e militares, o Presidente Juscelino amplia suas áreas de penetração. Foi ao SAPS (anexo a Faculdade de Medicina) apanhou sua bandeja, e sem formalidades protocolares, almoçou com os estudantes. «Os moços são minha preocupação permanente», disse JK.



O EMBAIXADOR ASSIS CHATEAUBRIAND

◆ Falta pouco para que o sr. Assis Chateaubriand possa usar esse novo título. A Rainha da Inglaterra concedeu o «sim» protocolar. A mensagem já está a caminho do Senado e dentro em pouco o próprio senador voará (pela centésima vez) com destino a Londres. Não se sabe que novas ambições terá depois disso o sr. Assis Chateaubriand. O que se sabe é que qualquer que seja, ela estará automaticamente satisfeita. Pois o sr. Chateaubriand (aos 67 anos, baixo, quase gordo, elegante, culto, viajado, inteligente, versátil, mulherengo, dinâmico, político, jornalista, industrial, agricultor, e mais uma porção de coisas) é um dos homens mais poderosos do Brasil. Tendo exercido quase todos os poderes (o jornalismo, o executivo «nas suas empresas», o legislativo e agora o diplomático), não será nenhuma surpresa que amanhã seja tentado a exercer também o Poder Judiciário. E então veremos o sr. Chateaubriand no Supremo ao lado de Orozimbo Nonato, Nelson Hungria e outros.



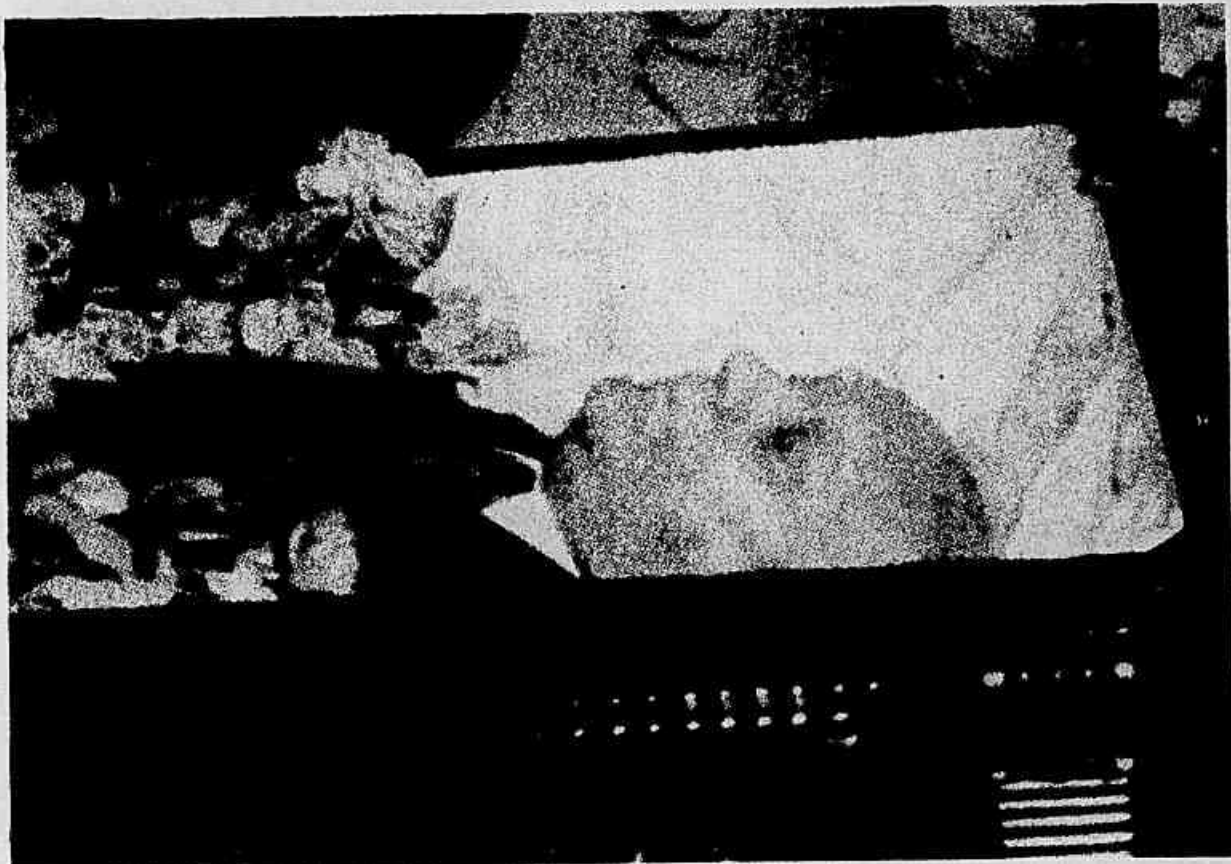


LINDAURA GANHOU UM BEIJO DE JK

◆ Visitando Volta Redonda, o Presidente Juscelino foi recebido com beijos e abraços e grandes manifestações de amizade. Além de agradecer (com discurso), o Presidente quis demonstrar ainda mais efusivamente a sua alegria pela recepção que teve. E escolheu a menina Lindaure (a quem beija na foto) para receber carinhosamente os seus agradecimentos ao povo de Volta Redonda. A menina saudou JK e o Presidente, depois, diria aos íntimos: «foi uma das saudações mais emocionantes que já recebi».

OS EDITORES CONTINUAM O ASSALTO

◆ Numa reportagem de Eustórgio de Carvalho, a «Revista da Semana» já denunciou o assalto dos editores contra os compositores. Agora eles fizeram mais uma exigência: que os compositores façam música o ano todo, a prazo fixo e sem interrupção. E Assis Valente (foto) um dos nossos compositores mais aplaudidos, diz: «Nunca se sabe quando vai chegar a inspiração para um bom samba» «Good bay, boys», um de meus maiores sucessos me veio aos lábios numa sexta-feira da Paixão. Samba de Setembro para carnaval, não presta, pois parece rumba. Desafio um bom compositor (exceção aos compiladores de rumbas, boleros e congas) a fazer um bom samba de carnaval fora da época própria.



LINHARES MORTO

◆ Morreu um ex-Presidente da República. O sr. José Linhares exerceu o cargo apenas durante 92 dias em consequência do movimento de 29 de outubro de 1945. E diga-se que o exerceu tão mal que a fórmula («todo poder ao Judiciário») nunca mais foi usada, apesar de lembrada (depois) por 2 ou 3 vezes. Na foto, exclusiva do «Diário Carioca», vemos o ex-Presidente José Linhares, no caixão, pouco antes de ser enterrado com honras de Chefe de Estado.



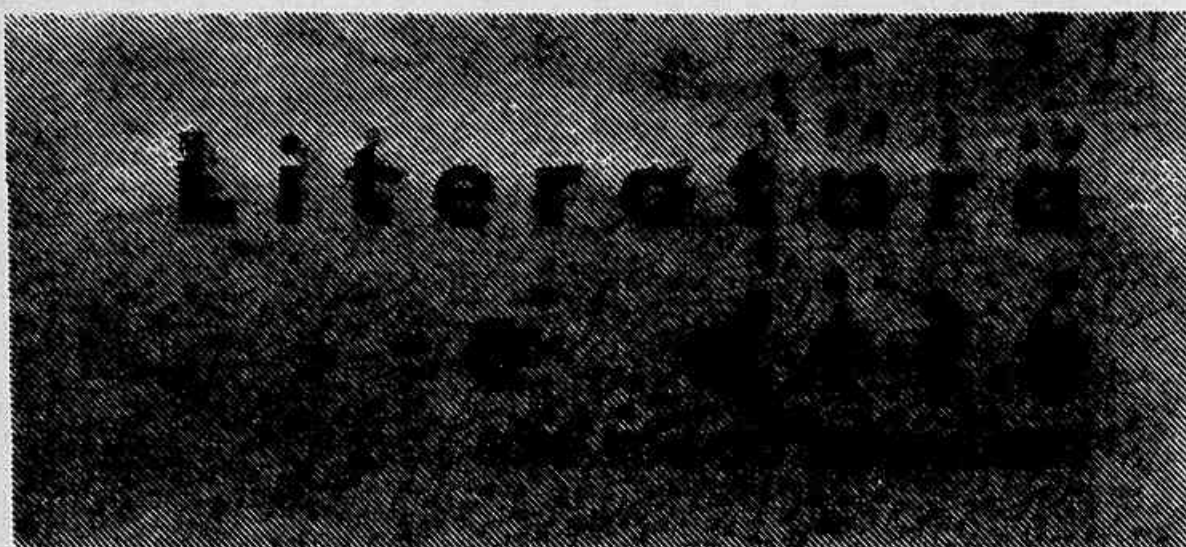
DESASTRE INTERESTADUAL

◆ Na Av. Presidente Vargas ocorreu um desastre espetacular. 3 carros chocaram-se violentamente, (sem vítimas) mas ficando bastante danificados. Curiosidade: nenhum dos 3 carros tinha chapa do Rio. Um era de São Paulo, outro de Sergipe e o terceiro de Minas Gerais.

ROBSON JÁ VE SUA SANTA

◆ Voltando de Londres, o menino Robson de Freitas, (ainda enxergando pouco, mas já completamente curado do câncer que lhe ameaçava um olho, depois de ter devorado o outro), recebeu uma imagem de N.S. de Fátima. A Santa lhe foi doada para que por toda a vida possa velar pelo destino e pela segurança de Robson. Na foto, Robson volta a casa, sempre acompanhado pela Santa que recebeu e que será sua companheira de sempre.





POESIA

O Pária

*Da corneta
chamo os tigres meus irmãos*

*No meio da escuridão
disse o nome bem-amado
e suas mãos se chegaram
Toquei seu rosto de nuvens
e ficou me visitando todo o dia
com seus olhos desmedidos*

*É por muitas manhãs
cantei no fogo
a minha natureza de intocável*

*Passei por entre os homens
os meus olhos arrancados
que viam mais do que todos
E meu rosto encaveirado
que dizia de faturas
E os homens se habituaram
até ao desagradável*

Volto aos tigres meus irmãos

FLÁVIA MARIA

CONVERSA

COM LÊDO IVO



LÊDO IVO, um dos mais conhecidos poetas brasileiros de menos de 35 anos, é alagoano. Bacharel em Direito pela Faculdade Nacional de Direito, sem jamais ter exercido a profissão. Seu primeiro livro de poemas — «As Imaginações» — foi publicado quando tinha apenas 20 anos. Depois dele, já publicou inúmeros outros, sendo que recentemente, após uma estada de ano e meio na Europa, apareceram os volumes «Um Brasileiro em Paris» e «O Rei da Europa». Jornalista, assina diariamente, na «Tribuna da Imprensa», uma coluna literária, sob o título «Hoje nas Letras».

— Dentre seus livros de poesia, qual o predileto?
— «Um Brasileiro em Paris» e «O Rei da Europa».
— Há algum poema, seu, pelo qual possua especial preferência?
— Agora, neste momento, o poema «Alfabeto», do livro acima citado. Amanhã a resposta seria diferente.

— Quais suas admirações em Poesia? Pintura? Música?
— Em Poesia, Dante, Mallarmé, Rimbaud, Keats, entre os grandes. Os pequenos não precisam ser citados. Em Pintura, Vermeer («A moça de turbante azul»), Bruegel, Bosch. Em Música, de Mozart ao último samba descido do morro.

— Possui o Brasil algum escritor capaz de sustentar confronto com os literatos de Europa e América do Norte?

— Sim: José Lins do Régio.

— Quais seus planos literários para 1957?

— A Civilização Brasileira vai publicar minha tradução de «Illuminations» e «Une Saison en Enfer», de Rimbaud. As Edições O Cruzeiro imprimem, no momento, «A Cidade e os Dias» coletânea de histórias e crônicas.

— Qual foi o saldo da longa estada na Europa?

— Descobri, na Europa, que o mundo é um texto, e creio ter aprendido um pouco a ler nele.

— Até que ponto pode a economia de uma nação influir na qualidade de arte por ela produzida?

— Quando você descobrir isso, telefone-me imediatamente.

— Quais, no seu entender, os melhores livros de 1956?

— «Meus Verdes Anos», de José Lins do Régio; «Corpo de Baile» e «Grande Sertão: Veredas», ambos de Guimarães Rosa; «Mocidade no Rio», de Gilberto Amado; «João Torto e a Fábula», de Cassiano Ricardo, também de Cassiano Ricardo; «O Arranhaceu de Vidro»; «Duas Aguas», de João Cabral de Melo Neto; «Montanha», de Cyro dos Anjos; «Doramundo», de Geraldo Ferraz.

— Que acha da poesia de fundo social? da chamada concreta? da pintura abstrata? do realismo social nas artes visuais?

— Para mim, toda poesia é social. A poesia concreta decorre da falta de um bom curso primário. Pintura abstrata é boa para enfeitar branco de parede. E sobre o **realismo social nas Artes Visuais** é a primeira vez que ouço falar.

— Está já terminada a missão de Bandeira, Drummond e outros poetas do primeiro time? Quem os substitui?

— «Estão todos dormindo profundamente», como diz o próprio Bandeira num de seus poemas. E está na cara quem os vai substituir — a caluniada, negada, vilipendiada geração de 45. E tanto isto é verdade que alguns dos poetas da velha guarda, para sobreviver, terminaram aderindo à geração de 45.

LIVROS EM DESFILE

(Cotação: * ruim; ** mediocre; *** regular; **** bom; ***** muito bom).

SILVEIRA NETO escreveu «História do Carmo do Farnal», que analisa aspectos da existência dessa cidade mineira, desde a fundação aos dias atuais, com minúcias de microscopista (Livraria Bernardo Alves Editora, B. Horizonte, 1956. 112 páginas. Cotação: ***).

STELLA LEONARDOS, que não faz muito nos dera «Pedra de Madrugada», volta agora a publicar um livro de poemas: «Fantoches», de

leitura atraente e agradável. São poemas suaves, sem grandes pretensões, entre os quais avultam «A Fiandeirinha Fiel» e «O Marinheirinho e a Pequena Taverneira». (Livraria São José, Rio, 1956. 101 páginas. Cotação: ***).

RUI APOCALYPSE editou seu «Realejo de Minas», poema sobre a descoberta de São Francisco de Paula de Ouro Fino das Minas Gerais, ilustrado por E. Koetz (quanto mau gosto nessa figura transpassada por uma espada!) e Cyro del Nero. O poema é bem fraco. (Edições Alarico, S. Paulo, 1956. 63 páginas. Cotação: **).

FLÁVIA MARIA estréia, literariamente, com um volume de bela feição gráfica, «Tempo Recomeçado». Há, no livro, alguns poemas bem imaginados e realizados — como «Ao amargo» como «Encontro», como esse «O Pária» que transcrevemos nessas mesmas páginas, hoje —; porém, a grande maioria ainda denota a pouca familiaridade do poeta com as palavras, seu alimento e sua matéria prima, afinal de contas. (Philobliblion, Rio, 1956. 57 páginas. Vinhetas e ilustrações — coloridas a mão — de Dilza. Tiragem de 150 exemplares. Cotação: ***).

POESIA CONCRETA

TEMOS EM mãos o terceiro número de «Noigandres», revista de poesia concreta editada em São Paulo por um grupo de poetas de que fazem parte, entre outros, os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, Ronaldo Azeredo e Décio Pignatari, esse último não faz muito voltado da Europa, onde teve o ensejo de entrar em contacto com os elementos mais destacados da vanguarda poética européia. «Noigandres» é uma revista, porém pode ser considerado, esse seu terceiro número, como uma pequenina antologia de poemas concretistas, de autoria daqueles quatro jovens; por isso aqui, sob a epígrafe «Um Livro», vamos traçar algumas considerações a respeito da mesma.

Foi Mallarmé quem, com seu poema «Un coup de dés jamais n'abolira l'hasard» — isso há 60 anos passados —, abriu à Poética um novo campo, de perspectivas quase ilimitadas: até então, ninguém se preocupava com o espaço gráfico, isso é, aquele espaço em que o poema desenvolve sua força. Mallarmé chamou a atenção para ele, utilizou-se, no já citado poema, de inúmeros recursos de arte tipográfica, e, além de escrever um poema, como os demais poetas vinham fazendo, até então, COMPOZ um poema, tal como o pintor que distribui pela superfície alva de uma tela os vários elementos de que se comporá sua obra, segundo as regras da composição. Porque a poesia concreta é ao mesmo tempo arte poética, literária, e arte visual, e o que visam os jovens concretistas de hoje, é justamente abolir as fronteiras entre as diferentes manifestações artísticas, entrelaçando poesia, arquitetura e música de uma maneira tal, que sentimento, vista e ouvido possam fruir a um só tempo a apreciação de uma peça poética.

Após Mallarmé, surgiram poetas, seguidores de sua orientação: Apollinaire, Ezra Pound, James Joyce, Cummings... Entre nós, a poesia concreta é muito recente, e suas primeiras manifestações devem-se a um grupo relativamente pequeno de autores, como os quatro acima citados, e mais Ferreira Gullar, Wladimir Dias Pino, um ou outro mais. Recentemente, em São Paulo, e dentro de mais alguns dias, no Rio, juntamente com vários pintores concretos paulistas e cariocas, os poetas em questão ofereceram (e vão oferecer) a um público nem sempre compreensivo suas obras de vanguarda, naquela que foi a Primeira Mostra de Arte Concreta Brasileira. Como ante tudo o que é novo e portanto desconhecido, o público (e aqui PÚBLICO tem um sentido mais restrito do que aquele em que o vocábulo é comumente utilizado, e diz respeito somente àquela pequenina porção de pessoas que se interessa pela Arte, nesse país, e que acompanha com interesse a sua evolução), o público, dizíamos, reagiu de maneira facilmente compreensível ante os poemas concretos: se existem, ainda hoje, espíritos parvoístas que negam qualquer valor à poesia «modernista», que não hão de dizer, esses senhores, se lhes puserem ante os olhos um poema concreto?

Passemos, porém, aos poemas estampados em «Noigandres 3», e tentemos externar, sobre eles, nossa opinião. De Décio Pignatari, talvez o mais experimentado poeta do grupo, é «Vértebra»; de Augusto de Campos, «Ovonovelo»; de Haroldo de Campos, «O âmagô da ômega»; de Ronaldo Azeredo, «Mínimo Múltiplo Comum». Quatro coletâneas de poemas, pelas quais se pode avaliar o pulso de seus respectivos autores. Assim, Pignatari está presente com uma equilibrada série de poemas, entre os quais avulta, pela originalidade, o interessante «Semi di Zucca». Pignatari emprega, aqui, idêntico processo ao que Ferreira Gullar utiliza em seu inédito «Formigueiro»: os vocábulos vão-se agrupando, no poema, pouco a pouco, em páginas sucessivas, até que todos eles, unidos, venham dar a chave final do texto poético. Em outro poema («Um movimento compendo além da nuvem um campo de combate miragem ira de um horizonte puro num momento vivo»), Décio Pignatari consegue satisfazer mesmo aqueles que não admitem sua poesia. Observe-se porém

o já citado poema, primeiro na forma em que o escrevemos, acima (e que encerra a idéia poética, apenas, não a forma visual), e depois na forma em que aparece, no texto:

um
movi
mento
compondo
além
da
nuvem
um
campo
de
combate
mira
gem
ira
de
um
horizonte
puro
num
mo
mento
vivo

Vê-se que o poeta conseguiu extrair tudo o que o poema tinha para lhe oferecer, seja em seus aspectos essencialmente poéticos, seja do ponto de vista plástico...

«Ovonovelo», de Augusto de Campos, também contém alguns momentos interessantes. Esse poeta utiliza-se de maneira feliz dos recursos tipográficos (veja-se os poemas em forma circular, o que principia com as palavras «Da nuca a bôca», etc.), e em alguns poemas, emprega até mesmo a côr. Seu melhor trabalho parece-nos, porém, a «Seta», que ocupa várias páginas — naquele desdobramento de vocábulos de que já falamos, ao tratar do «Semi di Zucca» de Pignatari.

Haroldo de Campos é menos acessível que os dois primeiros, e talvez sua poesia seja aquela que mais nos impressionou. As palavras de seus poemas encrustam-se umas nas outras, mudam de sentido como que de sexo, combinam-se em inesperadas frases incongruentes e sem embargo inquietadoras. O vocábulo CARCASSA, por exemplo, transforma-se, por sugestão das duas últimas sílabas, em ASSASSINA, CARCASSASSINA; O CORAL ARIDO vira, repentinamente, ALARIDO. Os vocábulos estão em permanente estado de mutação, como se fôsem peças de um mágico caleidoscópio que, sacudido pela mão do poeta, viesse dar as mais maravilhosas e inesperadas combinações.

Ronaldo Azeredo parece-nos ser o mais fraco poeta dos quatro que figuram em «Noigandres 3». Quase todos os seus poemas são puro jogo de palavras, e mesmo a disposição espacial de seus trabalhos, se à dos três poetas companheiros de antologia comparada, nada vem acrescentar de original. Um poeta que ainda procura seu «métier».

Lemos, com simpatia, esse terceiro número de «Noigandres». E queremos dizer que não somos daqueles que combatem a arte concreta, o mais das vezes pela simples razão de ignorá-la em seus fundamentos, como também não compactuamos com os que lhe entoam desmedidos hosanas. Equidistantes de um e de outro grupo ficamos; prontos a aplaudir ou a reprovar o que de bom, ou de ruim, nos apresentarem seus seguidores.

ARTES

Prêmio Santa Rosa - Considerações

PROPÓS o crítico Marc Berkovitz, através das páginas do «Jornal de Letras», que se instituisse, em memória do saudoso artista Santa Rosa, um prêmio que levasse seu nome, destinado a custear, durante algum tempo, os estudos de um jovem pintor nacional, no estrangeiro. A iniciativa é boa, e merece ser apoiada, pois não é apenas uma justa homenagem à memória de Santa, como também precioso estímulo às numerosas vocações artísticas de nossos jovens.

Quer-nos parecer, porém, que o Prêmio Santa Rosa deveria ser criado, não para ser concedido a um pintor, pois que os pintores — sejam eles modernos ou acadêmicos — dispõem de polpidos prêmios, que lhes permitem gozar de longas e merecidas estadas na Europa, anualmente; o «Santa Rosa» deveria ser atribuído a um estudioso das Artes, a um jovem crítico ou historiador de Arte, gente praticamente abandonada a si mesma, nessa terra sem museus e tão cheia de dificuldades para quantos desejam aprender algo. Santa Rosa, que foi igualmente crítico lúcido e inteligente, um animador insubstituível de nosso meio artístico, certamente concordaria, ele mesmo, com a idéia, pudesse ter tido dela conhecimento.

Porque, verdade seja dita, nossos críticos — e não só os de artes plásticas, como os de música, os de teatro, os literários — padecem de um único e mesmo mal: a improvisação. Não tendo onde estudar, na grande maioria dos casos, improvisam-se em cultura de segunda ou terceira água, e com ela, escrevem sobre assuntos de que apenas captam mais ou menos o sentido. Falta-lhes metodização, conhecimento entranhado e profundo dos assuntos sobre os quais dissertam com tal categoria, como se fôsem senhores absolutos da matéria. Mesmo quem assina essas linhas, e que à História da Arte tem dedicado muitas de suas horas de leitura, reconhece e se penitencia dessa improvisação de que é vítima involuntária. Não buscou ele, junto ao C.A.P.E.S., já faz tempo, uma bolsa de estudos para História da Arte, e não lhe dito ali que o governo brasileiro não estava interessado em gastar dinheiro com críticos de arte?

Quem sabe o Prêmio Santa Rosa — se criado, como deveria, e se destinado a contemplar um historiador ou crítico de artes visuais — viria resolver, não o problema do colunista, mas o de quantos, como ele, se interessam pelas Artes?

ELVIS PRESLEY
IN "LOVE ME TENDER"
STARTS THURS NOV 15 AT NY PARAMOUNT

UMA LOUCURA CHAMADA

ELVIS PRESLEY

DOZE horas de fila, barulho por causa das entradas, confusão na porta do cinema, e depois, torpor, gemidos e lágrimas durante a projeção: foi este o resultado da «avant-première» de «Love me Tender» (Ama-me Com Ternura), o primeiro filme do novo ídolo da mocidade americana, Elvis Presley. O famoso cantor do «rock and roll», o jovem pelo qual se enfurecem as moças americanas, o «permormer» que aparece calmo e modesto nos palcos e de repente se transforma num verdadeiro ciclone, ressurge agora como protagonista de um filme, cuja história se desenrola no século passado e é plena de um pálido romantismo.

O fotógrafo Arthur Rickerby, munido de uma máquina com filme sensível aos raios infra-vermelhos — que permite fotografar no escuro — conseguiu tirar uma série de fotografias durante a projeção do filme. O seu objetivo era apanhar flagrantes das jovens fanáticas admiradoras do delirante Presley. Acontece que o resultado da reportagem fotográfica foi superior ao previsto. Uma particularidade técnica: por causa do filme infra-vermelho, as pupilas das garôtas aparecem brancas, mas as expressões faciais são reproduzidas com absoluta precisão.





QUATRO SORRISOS SÃO NOTÍCIAS

FERNANDO LOBO



CARMINHA MASCARENHAS, a estrela que veio de Minas, Minas que tanto carlar tem fornecido para o rádio carioca (Ari Barroso, Paulo Roberto, Ataulfo Alves, Ivon Curi, Lúcio Alves, Zezé Gonzaga e muitos outros) é uma figura da melhor qualidade. Ela tem o Rio de Janeiro agora em suas mãos e o resto do Brasil como uma das suas grandes praças artísticas. Uma cantora de fato.



AURORA MIRANDA, esqueceu o rádio durante muitos anos para ver crescer seus filhos bonitos. No dia em que a grande Carmen se despediu deste mundo achou por bem voltar a cantar. E fez bonito na Mayrink Veiga, naquele programa «Se A Lua Cantasse» e recentemente realizou com absoluto sucesso uma temporada no Uruguai, que tem sido uma boa praça para os nossos cartazes, pois é ali onde o pano verde existe.



JULIE JOY também, como Aurora Miranda deixou o rádio um tempão. Uma injustiça que ela fazia com o público que bate palmas ao seu bom gosto e à beleza da sua interpretação. É preciso ouvi-la sempre na Nacional, principalmente naquele programa «Pelas Estradas do Mundo» onde Ercole Varetto rege uma grande orquestra. Presentemente Julie Joy está realizando uma excursão pelo Norte comandada por José Renato.



DIRCINHA BATISTA foi eleita a «melhor» do ano. Toda gente sabe que Dircinha é melhor mesmo todos os anos, mas este que passou nos deu a grande intérprete presente a um programa de televisão que faz juntar gente (TV Tupi). Tem gravadas várias melodias para este Carnaval, todas elas com grande chance de sucesso. Seus compositores preferidos são: Ari Barroso, Klécio e Cavalcanti e o gaúcho Lupicínio Rodrigues.

CRÔNICA

VITROLA EM SUA CASA

Uma estação de rádio que se cuida, está sempre atenta para novos lançamentos e saindo sempre de trilha de que já existe nas suas concorrentes. Infelizmente não se pode afirmar que este cuidado esteja dentro de todas elas. Proprietários de muitos negócios, nomeados sem bossa nem conhecimento de rádio, são várias as emissoras que são tragadas por uma infinidade de golpes de esperteza sem que o rendimento para o ouvinte seja de primeira qualidade nem que o lucro escorra para dentro dos cofres das mesmas. É um problema complicado e que não cabe nesta coluna tão curta e sim e mais numa série de reportagens. Tudo pode ficar resumido às coisas já de conhecimento público: os discotecários, os proprietários de programas, aos compositores em parceria com compositores mais ou menos autênticos, as notas de aniversário e todo mais que entra para a bolsa e nunca para o cofre da emissora.

Nos Estados Unidos existe uma emissora de prefixo WNW, que vive exclusivamente de discos. O resultado é que ela — no ar 24 horas — tem um material humano reduzido e entrega aos ouvintes a melhor programação musical, pois está sempre entregando os últimos suplementos gravados. A NBC e a CBS encontram nesta pequena emissora uma concorrente violenta, uma vez que sua tabela de preço é muito mais baixa e ela «penetra» a toda hora e em todos os cantos sem mudar o ritmo de sua programação com novelas, entrevistas, programas duros e chatos e muito menos noticiários.

Todas estas linhas vêm a propósito do ousado lançamento que José Mauro acaba de fazer na Tamoio: «discos, exclusivamente discos». Nem o anúncio pingou nos intervalos, nenhum anúncio mal feito, haverá de pingar nos espaços em que ele nos entrega a melhor qualidade de música, num equilíbrio de bom gosto que — casualmente — o faz merecedor do título de o «melhor» produtor musical de agora. Digo agora, porque somente agora, as revistas especializadas se lembraram de entregar a José Mauro um título que é seu há tanto tempo. Sabe-se de um sucesso radiofônico quando ele penetra em todos os cantos. A Tamoio está agora presente em todos os lugares e se o IBOP é de funcionar certo, há de assinalar nos seus cadernos misteriosamente redigidos, um enorme aumento de audiência desta emissora que jamais poderia ser grande, porque tinha diante dela a sua irmã, Tupi, muitas vezes maior. José Mauro deu o golpe novo nesta praça e contou com o apoio dos donos das «Associadas» e o tempo vai mostrar que uma estação permanentemente no ar e entregando música bem equilibrada e concorrente das mais terríveis para as demais. Muitas emissoras tentaram o mesmo caminho mas foram se perder no emaranhado dos locutores cheios de «err», dos cheios de bossa que dão por conta própria suas notinhas de aniversários e brindam os seus anunciantes da zona Norte com muitos «alô». Estas, então, serão as mais lesadas pela Tamoio que não está trabalhando nesta base.



José Luciano o magnífico pianista nordestino, que tem também uma infinidade de bons discos na praça e um magnífico programa na televisão, apresentado pelo nosso Murilo Nery.

EM MATÉRIA DE DISCOS

A «Polidor» nos diz no seu último suplemento que tem na rua um magnífico L.P. gravado pelo artista uruguaio: Delfi Core. Nas duas faces estão as seguintes músicas:

- ★ MAMBO DE GALINHO
- ★ ENLEVO
- ★ RICO VACILON
- ★ ANDALUCIA
- ★ ABRAHE LA PUERTA
- ★ LISBOA ANTIGA
- ★ ESPINITA
- ★ FRENEZI

O COMPOSITOR



ARMANDO CAVALCANTI, que com Klecius forma uma das duplas mais perigosas em todos os Carnavais entregou e muito bem a Venilhon Santos o samba que diz assim:

Meu bem fica mais um pouco
Não deixe a saudade apertar
Se és feliz ao lado meu
Então por que dizer adeus?
Fecha a porta,
Joga a chave fora
E nunca mais
Meu amor vá embora.

VALE A PENA LER DE NOVO:

De Antônio Maria — sobre Jean Pouchard — na mesma «Manchete»:

«Aos domingos entrevistava uma moça da cabeça aos pés (José Álvaro), fazendo-as dizer dos seus gostos em música, literatura e artes afins. Dando-lhe a oportu-

nidade de escolher alguém ideal para companheiro de uma viagem à lua. O autor deste relato (Antônio Maria) foi muitas vezes escolhido para essa ida ao querido satélite, pois goza da infundada fama de ser «o maior papo do Rio».

Da reportagem assinada por Frederico Stern com Marly Bueno. A linda moça de «O Céu é O Limite» declara:

«Comprou recentemente um Jaguar preto, forrado de vermelho e com tapetes brancos. Já teve um «cadillac», mas resolveu trocá-lo. Diz que o Jaguar assenta melhor com a sua personalidade.

UM POUCO DA VIDA DOS ARTISTAS ELISETE A MORENA MAIS SESTROSA



Elisete, Carlos Augusto e Luís Alípio.

Eis aqui uma cantora. Uma cantora de fato, muito pouco freqüentadora das capas de revistas de rádio, sempre ocupadas pela presença sorridente da Angela Maria. Mas Elisete Cardoso existe e se os cronistas ou a imprensa não tomam muito da sua vida como assunto, ela também não reclama, como Silvio Caldas também não reclama, como Caymmi também não ficou triste porque não foi o «melhor». Mas o público, o público mesmo e não esse gritado e agitado que mora nos auditórios, esse sabe bem dessa moça. Ela ganhou como herança uma simplicidade bonita. Não usa turbantes, nem sapatos amarrados quase até os joelhos e seria

incapaz de pregar nos cabelos aqueles crisântemos amarelos que Zezé Fonseca instituiu. Ela é essa coisa que canta e anda suavemente. Poderia sim, ter ganho aquele ar estranho de todas as pessoas que antes constam como mais uma no meio do povo e com o peso da altura, ter pintados os cabelos de vermelho, as unhas de azul e andar de coroa até na hora de tomar banho. Elisete lembra Elisete. E essa calma, esse jeito bom que ela tem? E esse cantar suave, sem guinchos, sem tango no repertório, sem versão e sem bamboleio? Onde aprendeu ou de quem herdou?

TEVE UM SONHO

Numa rua quente do Rio havia — como até hoje — uma fábrica de sapólio. No meio das muitas operárias que empacotavam e faziam a tal massa limpadora constava o nome de Elisete Cardoso. Provou da média com ou sem pão como almoço e morou naquele «Deus me livre» que só mesmo os notáveis trens da Central é que existem como condução. Poderia com esta prova de luta pela vida ter ganho um ranço muito comum nas cantoras de classe que vêm muito de baixo. Raiva do público, horror aos colegas, ódio a quem não lhe bate palmas. Caminhou assim até bem grande, para depois entrar para o rádio como corista, como nome sem nome, anônima como se ainda fosse aquela operazinha da fábrica de sapólio. O que é de hoje já foi muito escrito e muitas vezes mal escrito. O que justifica esta coluna com seu nome é o fato de estar ela agora dizendo samba em terras do Uruguai, da Argentina, do Chile também. E dizendo bonito e em bom português, samba mesmo sem ser boiê, samba feito por compositores autênticos, samba dito em bom e afinado tom. Esta Elisete existe muito embora muita



gente pense que muitas outras também existem e não se dão ao trabalho de verificar quem vende disco, quem é convocada por bom preço para as «boites», quem leva uma vida tranqüila e nos faz bem como presença. Elisete Cardoso é assim.

PÁGINAS DO GALO BRANCO

● J. K. vai renunciar ao Governo de Minas. Canta ao longe uma flauta e um violoncelo chora. Lembro-me de minha primeira viagem para Juiz de Fora. Vou internar-me no **O Grambery**. Sou um menino de quatorze anos e sou levado por João Bittencourt de Souza, que ainda hoje me assiste com os seus conselhos e sua pontualidade. No trem assento-me ao lado do poeta Augusto de Lima que demanda Belo Horizonte. Conheço-o por ter visto retratos seus em revistas. Depois que o trem se põe em marcha puxo conversa com o poeta.

Pergunto-lhe: o sr. é deputado? Augusto de Lima diz que sim com a cabeça e sorri ligeiramente.

Ser deputado era qualquer coisa de importantíssimo para mim. Não compreendia eu como um deputado pudesse viajar nas mesmas condições em que João e eu viajávamos.

— Mas o senhor é também poeta? Recito então pedaços da **Serenata**: "Canta ao longe uma flauta e um violoncelo chora." De onde me vem tanto desembaraço, pergunto-me a mim mesmo?

Augusto de Lima era feio mas de uma feiúra vivida, humana, direi mesmo atraente e simpática. Sua voz era bem modulada e bela.

Põe-se a conversar comigo. A perguntar-me quais os meus poetas preferidos. A lua acompanhava o trem. Grande lua, plácida e generosa.

— Você será poeta, também, um dia, menino, diz-me o autor das Contemporâneas observando-me... Basta olhar os seus olhos.

— Quem me dera ser poeta, respondo-lhe. Já tenho tentado em vão. Mas é tão difícil.

No dia da morte de Bilac tentei um poema e não passei dos primeiros quatro versos.

— É que os poetas verdadeiros necessitam que o tempo os torne maduros. — Como maduros? Por que maduros, interroguei eu, que não entendia de nada?

O velho Augusto de Lima segurou o pince-nez, pois o trem dera um solavanco súbito. — Um dia você entenderá melhor, disse-me êle.

— Plenilúnio de Maio em montanha de Minas.

"Canta ao longe uma flauta e um violoncelo chora."

Os poetas são pessoas iguais às outras, disse eu vendo Lima dormir no vagão. João Bittencourt mantinha-se correto. Lembro-me que ao parar o trem em Juiz de Fora a noite era muito alta, e aos poucos ia sendo violada pelas primeiras e esquivas luzes da madrugada.



Agora sinto saudades de ti. Da maneira furtiva com que me olhaste certa vez. Do teu sorriso indefinível. Misterioso é o ser humano, único e verdadeiro mistério dêste planêta. Ninguém o compreende, ninguém sabe o que êle deseja, o que o orienta, o que o libera ou prende. Por que havia eu de ter saudades tuas precisamente agora — depois que nos perdemos para sempre?



Pensamento sobre a morte.

Agora apalpo a morte de perto. Sinto-a em mim, no meu ser; distingo a morte — vejo-lhe a côr sem côr. — Não será nada mau morrer, digo-me a mim mesmo. Estou pensando nos meus queridos seres que já estão do outro lado — em minha mãe, em Teteia, na minha avó Chiquinha.

Medito nos que partiram, nos amigos queridos; de muitos já estou esquecido. A convicção de que não há nada com sentido neste planêta atravessa o meu pobre ser e perturba-me, traz-me frio à alma.



Existem muitos Augustos Fredericos Schmidts, todos diferentes e personalíssimos: o poeta, o industrial, o político. Na foto vemos o Schmidt conferencista. A assistência é enorme, à mesa estão entre outros, o ministro Cleofas e o doutor Eduardo Bahout.



Anthony Quinn que os críticos americanos apontaram como o melhor coadjuvante de 1956 («Sêde de Viver»), tem uma das melhores oportunidades de sua carreira em «La Strada». Giulietta Masina é Gelsomina, personagem de grande presença poética. Falaram em «revelação», mas



a atriz já se mostrara excelente em «Sem Piedade» e «Mulheres e Luzes». (Em baixo): Richard Basehart, casado com a atriz italiana Valentina Cortese, obteve na Itália as oportunidades que Hollywood lhe vinha negando.



♦ «LA STRADA é a narrativa fantástica de uma triste viagem de núpcias, com uma declaração de amor póstuma». A tentativa de definição do crítico G. B. Cavallaro agrada ao diretor Federico Fellini e é suficientemente estranha para convencer-nos de que é impossível definir «La Strada», a segunda obra-prima do cinema italiano fora do néo-realismo. Na primeira, «Milagre em Milão», de Vittorio de Sica e Cesare Zavattini, havia um ponto de partida social e uma solução de fábula. A «Strada» de Fellini começa e acaba além do terreno social. Seus personagens são **associais**: saltimbancos. Mas poderiam ser burgueses e o problema continuaria a existir.

Diz Fellini: «La Strada» nasceu da idéia de um homem e uma mulher vivendo juntos, aparentemente, porém muito, muito longe um do outro. A idéia fundamental de comunicação entre os homens e o espantoso abismo que se pode abrir entre dois seres humanos. Situei minha história numa atmosfera de saltimbancos porque gosto de histórias picarescas e os saltimbancos caminham pelas estradas, mas ela se poderia passar em um ambiente totalmente diferente».

SUCESSO TOTAL

Foi dito a propósito de «Milagre em Milão», que uma das características da fábula é apresentar a todos com algum significado. A obra de De Sica agradou a gente de todas as cores, mas as vozes dissidentes também foram numerosas. No caso de «La Strada», a dissidência é muito pequena: seus membros mais importantes pertencem ao grupo marxista da revista italiana «Cinema Nuovo». Mas Fellini teve apoio de católicos e comunistas... Os primeiros vêem nele o exemplo mais avançado de um «néo-realismo cristão». O filme recebeu o prêmio do Office Catholique International du Cinéma.

Sucesso de crítica, de bilheteria, de festival («Leão de Prata» em Veneza). Em toda parte o homem comum se identifica com as personagens de «La Strada», encantando-se principalmente com Gelsomina, interpretada por Giulietta Masina, esposa de Fellini. Gelsomina é a pobre criatura de alma infantil, que o brutal Zampanò (Anthony Quinn) compra por dez mil liras. Chamaram-na «o Carlitos de saias», por sua eloquência muda e sua capacidade de transfigurar poeticamente a realidade mais crua. Capacidade que o Totó de «Milagre em Milão» também possuía. O terceiro personagem da história é Il Matto (O Louco), outro saltimbanco nômade — o mais lúcido dos três. Seu intérprete: Richard Basehart. Aliás, Fellini gosta dos atores americanos e colocou Broderick Crawford e novamente Basehart em seu filme seguinte, «Il Bidone». Ambos, como Quinn, não falam italiano e foram «dublados». Ainda assim, Quinn e Basehart, os maiores atores «sabotados» de Hollywood, tiveram ótimas oportunidades. Mas os produtores não se emendam. Após impressionar a crítica americana na pele de Gauguin em «Sêde de Viver» (a biografia de Van Gogh, com Kirk Douglas), Quinn voltou aos papéis de **homem mau** em fitinhas de linha. Basehart raramente foi bem aproveitado em Hollywood, apesar de suas demonstrações de talento em «O Demônio da Noite» (He Walked by Night) e «Horas intermináveis» (Fourteen Hours).

O CASO FELLINI

Argumentista de Lattuada («O Moinho do Pó», «Sem Piedade») e dos melhores filmes de Rossellini («Roma, Cidade Aberta», «Paisá»), Germi («O Caminho da Esperança»), Fellini estreou como diretor ao lado do primeiro em «Luci del Varietà» («Mulheres e Luzes»), ótima realização que passou quase despercebida no Rio. Depois dirigiu sozinho «Lo Sceicco Bianco» (O Sheik Branco), «I Vitelloni» («Os Vitelões», expressão que corresponde na Itália aos

CINEMA (ELY AZEREDO)

O CINEMA ITALIANO

nossos marmanjos parasitários, os «filhinhos do papai»), «La Strada», «Il Bidone» (O Conto do Vigário) e «Le Notti di Cabiria» (As Noites de Cabiria) — um filme por ano de 1952 a 1956.

Com exceção de «La Strada», todos os outros continuam inéditos no Brasil. «I Vitelloni», para muitos tão bom e para alguns até melhor que «La Strada», fez grande sucesso numa sessão beneficente da Embaixada Italiana, mas a companhia distribuidora se desinteressou e devolveu-o à Itália. «La Strada» chegou aqui através da Paramount.

UM CINEMA CONFSSIONAL

«Faço filmes para contar histórias nas quais acredito me reconhecer. Como uma espécie de confissão, uma tentativa mais ou menos confusa de fazer as contas comigo mesmo. Mas essa razão seria demasiado particular, demasiado aristocrática para ser suficiente, se eu não pensasse que falando de si mesmo, o homem pode realizar obras onde outros homens se reconheçam. Os temas que mais me interessam nesse momento são os que exprimem meu estado de espírito atual: esse fatigante esforço dos homens que tentam ser melhores sem sempre conseguí-lo».

«Gostaria de provocar no espectador uma tensão que o force a um exame de consciência. É por isso que meus personagens chegam a um estado de crise além do qual eu não quero dar solução. No momento não há solução em meus filmes. Creio que é mais moral sugerir do que resolver. Ao público cabe encontrar sua própria solução. A cada um sua verdade, segundo seu grau de maturidade espiritual. Eu crio meus personagens, mas não os julgo».

ENTREVISTA

Do «Journal d'un Bidonniste», de Dominique Delouche, que acompanhou passo a passo a filmagem de «Il Bidone», extraímos parte de uma entrevista que é um «trailer» sedutor da personalidade de Fellini:



Giulietta Masina e Anthony Quinn em «La Strada». Para o personagem de Zampanò, Fellini inspirou-se em um saltimbanco que conhecera na mocidade.

PRODUZ OUTRA OBRA-PRIMA: "LA STRADA"

P: — Se você tivesse que recomeçar a vida, que carreira escolheria?
R: — O cinema.
P: — Que ator gostaria de dirigir?
R: — Carlitos.
P: — Musicista preferido?
R: — Stravinski e naturalmente Nino Rota. (N.R.: seu colaborador).
P: — Pintor?
R: — Botticelli.
P: — Quais seus mestres no cinema?
R: — Chaplin e Rossellini.
P: — Que obras literárias mais o marcaram?
R: — As de Kafka, «Orlando Furioso» e o tratado de magia de Eliphas Levi.
P: — Que personagens da humanidade desejaria encontrar?
R: — Jesus, Cagliostro, São Francisco (de Assis) e Satã.
P: — Se lhe fossem permitidos três atos de poder absoluto?
R: — Eu não faria atos morais, mas atos de curiosidade: (A) Morreria por um dia para viver a encarnação das almas; (B) Eu me encarnaria num animal, uma serpente; (C) Eu me encarnaria numa árvore.
P: — Época e país onde teria desejado viver?
R: — Todas e todos.
P: — Se você tivesse um violino de Ingres, qual seria?
R: — A magia.
P: — Gostaria de apagar qualquer coisa de seu passado?
R: — No fundo não me arrependo de minhas más ações. Elas contribuíram a fazer de mim o que sou. Meu único arrependimento seria de ter aceito tão pouco dos produtores que ganharam fortunas com meus filmes.
P: — A maior qualidade humana?

R: — O amor ao próximo. E' a mais difícil.
P: — O maior defeito?
R: — O egoísmo.
P: — Que espera da vida?
R: — Às vezes tenho um desejo preciso, mas no dia seguinte já o esqueci. Aspiro a maior coerência interior, a maior homogeneidade de meu ser.
P: — Quando se sente mais feliz?
R: — Quando filmo, porque esqueço meus remorsos e medos.
P: — Que remorsos?
R: — ...
P: — Que medos?
R: — O medo de tombar. Há uma linha vertical na espiritualidade que vai da bête ao anjo e sobre ela nós oscilamos. Cada dia, cada minuto é uma possibilidade de perder terreno, de tender para a bête.
P: — E as possibilidades de voltar a subir?
R: — São nossas relações com o próximo, o amor.
P: — De que personagem de seus filmes você está mais próximo?
R: — Dos três personagens de «La Strada», sobretudo de Zampanò. Em «Il Bidone», de Augusto. Os dois personagens são parentes. Mas Augusto é mais culpado. Ele é de má té, porque mais lúcido.
P: — Sua posição no cristianismo?
R: — Creio em Jesus; que é não apenas o maior personagem da história da humanidade, mas que continua a sobreviver no ser que se sacrifica pelo próximo. IL MATTO é também Jesus. Sou ignorante dos dogmas católicos. Talvez seja um hereje. Meu cristianismo é bruto. Não pratico os sacramentos, mas penso que a oração poderia ser considerada como uma ginástica que nos aproximaria cada vez mais do sobrenatural.



A MOÇA DA SEMANA — Documentos segurados em dois milhões, ELOÍSA — a vedeta sem sobrenome — do elenco de «Mão na Toca» e forte candidata ao cetro de Rainha do Baile das Atrizes.

Sem Maiores Por Menores

◆ Louvável é a abnegação de dois comissários de menores dentro da noite vadia, gastando sola e saliva no exercício de suas funções, tantas vezes mal recebidos e atacados até, quando exigindo documentos de um casal positivamente «rock'n roll», agasalhado no escurinho do bar. Intimoratos defensores de uma portaria que proíbe o ingresso de menores de 21 anos em «boites» e bares fechados, são esses dois comissários figuras já conhecidas dos que se entregam, como vítimas inermes, à ganância do uísque homeopático — e voltam sempre — pois não há como fugir. De tanto circular, de tanto procurarem uma autoridade necessária, os nossos heróis passaram a servir de alvo para chacotas, pelo zelo inexequível no desempenho dos seus misteres profissionais, ao defrontarem-se com um «você sabe com quem está falando?» A portaria do Juizado de Menores que, obrigatoriamente, deve ser afixada à entrada das «boites» e dos «inferninhos», começa a ser desmoralizada logo de saída. Poucas casas cumprem a determinação da afixação proibitiva ou os próprios porteiros engalonados facilitam o seu desprestígio, fazendo vista grossa a moços e moçoilas egressos dos bancos escolares. O Augusto Mister não quer descer a consideração sobre os que, subterraneamente, lançam mão de todos os recursos para transgredir as determinações do Juizado de Menores, como no caso do empresário que mantém serviço especial de falsificação de certidões de idade e até um «tutor» para que menores possam trabalhar em seus brilhantes espetáculos... E não o faz porque — sabeis! — é mais fácil nestas plagas a água jorrar numa torneira copacabanense que se provar uma falcatura, embora notórios os falcatureiros. Mas, o que é de arrepiar até as mechas caprichadamente engomadas do Cauby Peixoto, é a transgressão acintosa, nas barbas das autoridades chamadas competentes. Uma «boite» recentemente aberta, inaugurou, há dias, sessões de «rock'n roll» a cinquenta cruzeiros a entrada, com direito a... uma dose de cuba-libre! A frequência vai dos quinze aos dezoito anos, pois a dança maluca difundida pelo nosso Serviço de Censura através um filme de quinta classe, não interessa aos de maior idade. A portaria do Juizado de Menores, porém, lá está com a sinceridade de uma prece crepuscular e untuosa do Júlio Louzada... Não faz dias, uma festa de «brotos», organizada por um colunista social, foi realizada em luxuosa «boite», escorada — como de praxe — por uma instituição beneficente. Muita gente estranhou festa de «brotos» em «boite», mas a dita aconteceu em grande estilo, com a clássica esticada em outra casa, para maior gáudio do seu — que Deus nos perdoe a blasfêmia! — cronista-proprietário. Esta festa, entretanto, deve ter sido tomada na devida consideração pelo Juizado de Menores, pois que fartamente anunciada. E, após demorados estudos, o Juizado há de ter concluído que os tais «brotos» não o eram tanto assim. Já deveriam ter ramagens, pois, em caso contrário, Mister Eco seria capaz de jurar pelas bombachas que trouxeram o José Carlos para o Rio, que até o próprio colunista — mentor da brotolândia — teria ficado do lado de fora...

A temporada de Punta del Leste na ordem do dia, atraindo turistas de todos os cantos. O nosso «turismo» é que não atrai ninguém. Desimantação congênita.

A morenice de Carmem Déa novamente cantando no «Bacará», in-



CÉLIA VILELA
«Requebra que eu dou um doce»

Consumação Mínima

ferninho do Beco das Garrafas. Vale.

Em algum ponto da orla marítima e sob muito sigilo, vai acontecer o baile carnavalesco da «show-girl», a 18 de fevereiro. Mister Eco já viu tudo.

Vesperais diárias na Night and Day, a preços reduzidos. Sai-se do escritório mais cedo, uma passadinha por lá e ninguém em casa precisa saber...

Agnelo Martins em negociações com a «boite» Fiesta. Os atuais proprietários pouco entendem do riscado e o Martins é um craque, atestado pelo êxito da Arpège.

Leny Eversong reuniu cronistas e queixou-se amargamente da pressão que sofreu no célebre baile do Waldorf Astória, por parte de conhecido cavalheiro desta praça. Miss Eversong não declinou o nome

do cavalheiro, mas só houve uma «vedeta» na tal festa...

Zé Maria — o pianista — e Ana Slavenska — a «crooner» — animando as noites do «Club 36», novamente sob a direção de Paul François.

Célia Vilela, mineirinha cheia de «trens», cantando e rebolando na «boite» do Serrador. Rebolando mais que cantando.

Estão trabalhando mal os responsáveis pela coluna do — vá lá — jornalista Carlos Machado. Além de gastarem muita goma e gilete, não indicam a fonte de onde transcrevem as notas, ou, quando o fazem, lhe **deturpam propositadamente** o sentido. E isto em nada ajuda a glória gráfica do doutor-patrão.

Aulas de «rock'n roll» no Sacha's ministradas pelo prof. George Green. As alunas, porém, ainda são

muito verdes para semelhantes exhibições numa «boite». Sem maiores pormenores...

«Chéri-Confidencial» será o próximo livro do poeta Van Jaffa, e contará, entre outras coisas, a história do talento boicotado de Adriano Reys...



CARMEM DÉA
Cantando bonito no «Bacará»



TEÓFILO DE VASCONCELLOS — em pleno vôo — responde
PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

«Depois que recebi 1.200 cartas anônimas contra
esse moço (Ibrahim Sued), passei a respeitá-lo mais».

Pão — Por que você gosta de ser chamado de Teofinho?

Queijo — Porque Teofinho foi o adolescente, e assim, de todos os personagens que vivi, o único autêntico.

Pão — Então, cite três pessoas que tenham exercido influência preponderante na vida de Teofinho.

Queijo — Um gato chamado «Cetim», um viralata chamado «Ratinho» e Madame Fifi. Com o gato aprendi a ser reservado, com o cão a ser fiel. Com Madame Fifi, aprendi o resto.

Pão — Aquêl programa «Café Society em 4ª Dimensão» deu muito rififi?

Queijo — O garotinho que denunciou que «o rei estava nu», a princípio, também deu muito rififi...

Pão — E por que acabou?

Queijo — Porque cumpriu a sua finalidade.

Pão — Você lê os cronistas sociais?

Queijo — Ninguém deve ignorar a época em que vive.

Pão — E os de vida noturna?

Queijo — Por que não? Se é na calada da noite que tanta gente vive às claras!...

Pão — Conhece algum cronista teleguiado?

Queijo — Realmente, na faixa da Rádio-Patrolha, o meu receptor já andou captando uns assobios e zumbidos que me parecem frequências de teleguiados.

Pão — Ibrahim Sued é mesmo formidável ou não faz o ditado?

Queijo — Depois que recebi 1.200 cartas anônimas contra esse moço, passei a respeitá-lo mais.

Pão — O «Stud do Teo» lhe deixou saudades?

Queijo — Dos amigos que lá estiveram.

Pão — E dinheirinho?

Queijo — Também deixou saudades.

Pão — Tentaria novamente abrir uma «boite»?

Queijo — Só de «strip-tease».

Pão — Na sua opinião, qual o nosso maior produtor de espetáculos musicados?

Queijo — Todos são maiores.

Pão — E a nossa melhor «show-girl»?

Queijo — Todas são muito boas...

Pão — Em que se resume a sua experiência teatral?

Queijo — Escrever e representar com outros nomes... também.

Pão — E você se julga um ator?

Queijo — Todo mundo é ator 24 horas por dia...

Pão — «S. Excia.», você acha que já tem mais de «26 poses»?

Queijo — «S. Excia.», o Ministro? Tem pose para tudo.

Pão — De suas múltiplas atividades, qual a que mais lhe agrada exercer?

Queijo — Voar pelo Brasil com JK.

Pão — Você, que já fez tanta coisa na vida, teria coragem de ser prefeito do Rio de Janeiro?

Queijo — Só se fosse para acabar com as baratas.

Pão — E de Maracangalha?

Queijo — Só se Anália fôr.

Pão — Para terminar, diga com sinceridade: você acha graça naquelas piadas do programa do Jockey?

Queijo — A minha função é irradiar as piadas. Quem tem de achar graça são os outros...

A ARARA TOPOU

... o desafio do dançarino de frevo Jonas Moura para uma demonstração pública com a sua colega Nize Britto, que, através esta «Revista» o acusou de sofisticado, de não saber dançar, etc. A Arara, que é doida por esses «pegas», aguarda o pronunciamento de dona Nize. Como é, moça? Vamos entrar na dança? A bichinha patrocina.



A ARARA CHUTOU

♦ A bichinha notável não se conforma com a refrigeração deficiente ou de injustificada ausência da maioria dos nossos teatros, «boites» e bares fechados. Os preços altíssimos que são cobrados poderiam, pelo menos, proporcionar um mínimo de conforto nestes dias tórridos, evitando os «ufas» tão inconvenientes e deslocadores de ilustres e desprevenidas dentaduras...



ELISABETH GASPER

«Rio... de Janeiro a Fevereiro», porque está mingüando.

De Ibrahim Sued, modestamente escondido nas iniciais de I.S., fazendo seu «o pensamento do dia»:
— Uma das coisas que eu adoro em extremo são as mulheres. Entretanto, até hoje não consegui compreendê-las.

— Como vedes, o pensamento não deixa de ser «profundo», embora evidenciando uma iniludível

Antologia de Frases Célebres

dor de cotovelos. Teriam tomado a namorada do Sued?

da «boite» Fiesta: — E agora, a alfaceana representante do Estado de Vitória.

De Jean Pouchard, comandando o desfile dos «brotos» ao microfone

— Em que estado se encontraria o Pouchard?

Bilhete Aberto

Dr. Nelsinho Batista:

Quando v. s. anuncia pelos jornais já estar tomando as necessárias providências para que o Baile de Gala do Municipal neste próximo Carnaval se revista do maior brilhantismo, o Augusto, Sóbrio e Necessário Mister Eco toma a liberdade de sugerir a v. s. a construção de uma passarela para o desfile das fantasias. Todos os anos, dr. Nelsinho, quando chega a hora do desfile, é um Deus nos acuda, pois que as candidatas têm que se limitar a subir no peitoril do camarote prefetural, o que fazem com grande sacrifício e malabarismo, embora ajudadas pelos prestimosos cavaleiros que lá se postam, não faltando o auxílio da chamada «mão boba». Uma passarela, pois, resolverá o problema, terá v. s. ganho a animosidade dos aproveitadores de certas ocasiões, mas evitará desastres que só por milagre até hoje não aconteceram.

Pela atenção, receba os augustos saúdes de

Mister Eco, A.S.N.

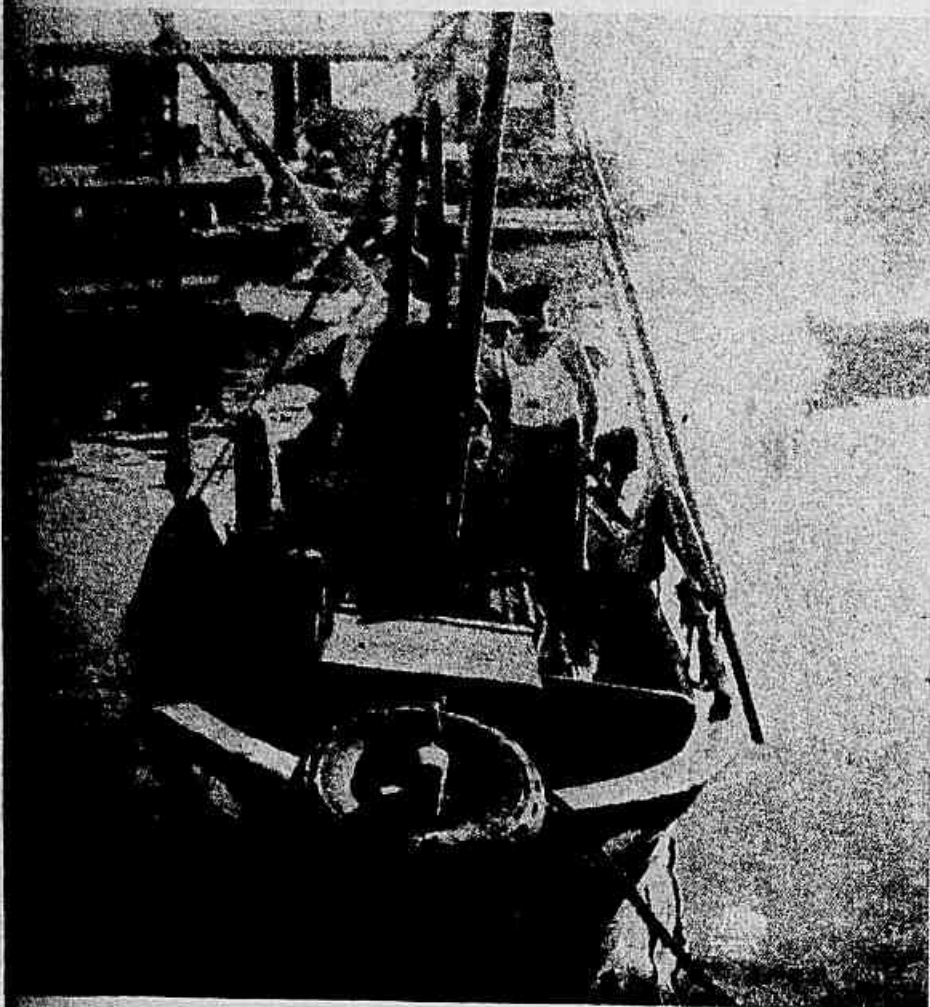


VIRGINIA LANE

«S. Excia. a Vedete» — A própria, no Folies.

Ney Machado informa: — Quatro vedetinhas fizeram teste em famoso fotógrafo para posar uma série de fotos de propaganda. A vencedora foi Wilza Carla, que vai aparecer dentro em pouco em folhinhas de uma fábrica de pneus.

— Com aquela «saúde» e em se tratando de pneus...



A PESCA NO BRASIL É UMA AVENTURA

Atrasada pelo menos em um século a pesca brasileira — O relatório da Missão Klein & Sachs deprimiria o mais impenitente ufanista — Só com a importação do bacalhau se gasta Cr\$ 420 milhões por ano, quando há peixe semelhante (pirarucu) em águas nacionais — O brasileiro só come peixe na Semana Santa — Caixa de Crédito da Pesca e Divisão de Caça e Pesca, dois órgãos que comprometem e degradam a coisa pública — Quando se protege o estrangeiro prejudicando o nacional — São necessários os vistos de 25 repartições para que um barco possa pescar com a bandeira brasileira — O peixe é caro para o consumidor, mas sai quase de graça para o intermediário, no Entrepósito — Pescar é sofrer uma angústia cotidiana — O repórter engaja no «Eça de Queiroz», que produz peixe para a mesa do carioca.

Reportagem de ANTÔNIO ROCHA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

O barco solitário vara a noite negra, deixando atrás de si uma esteira de espuma.

Só o ruído do motor viola o silêncio do mar.

Os corpos agasalhados por roupas grossas de lã, de boinas na cabeça, os homens mantêm-se calados.

Só de espaço a espaço uma palavra ou uma risada rompem a gravidade noturna.

O mestre, porém, é um homem atento.

De pé, na proa, perscruta o ventre do mar, com olhos experimentados, em busca de peixe.

Identifica-se e confunde-se com a embarcação, como se fosse um prolongamento dela, herói viking esculpido na mesma madeira.

É um português de pele curtida de sol e de vento.

Do longo contacto com o mar, a explorar-lhe as profundezas, parece haver adquirido este jeito silencioso e reticente de quem guarda um segredo.

Os homens acompanham seus mínimos gestos, num misto de respeito e de expectativa.

Entre os seus dedos queima um cigarro sem fim.

Eleva-o acima da cabeça, à direita, à esquerda, em frente.

São ordens que o timoneiro cumpre sem pensar, na obediência cega dos que confiam.

O mestre persegue fosforescências.

De repente, seus olhos agudos também parecem encandescer-se.

E um grito rouco irrompe de sua garganta forte:

— Largar.

AVENTURA REMUNERADA

A palavra parece carregada de energia. Pronunciada por mil bocas, galvaniza os homens, que se multiplicam em estorços. Antes parecia haver gente de mais na pequena traineira. Agora, existe apenas o número exato, cada um desempenhando uma função. O cabo grosso serpenteia pelo barco, carregando a rede. Só o mestre permanece indiferente, orientando o homem do leme com seu cigarro, sempre para a esquerda, em perfeita sincronia com a contagem das argolas da rede e que um homem berre, a espaços regulares, da pópa, e outro repete como um eco, na proa:

— 18... 19... 20... 21... 22...

Quando se chega a 25 (equivalente à última argola), o barco simultaneamente completa a curva de 360°, encontrando a extremidade do círculo onde se acham os dois homens lançados ao mar em um caíque, ao grito de «largar». Só então o mestre se afasta de seu posto de observação, movendo-se pachorrentamente, com o cigarro no canto da boca, a um milímetro dos lábios.

Os trabalhadores animam-se com gritos. O cabo, que percorre as 25 argolas, vai sendo recolhido e fechando a rede, no fundo do mar. Quando termina esta operação começa-se a puxar a rede. O mestre manda acender a luz e já se vêem os peixes a nadar, a se debater, encurralados pelo cerco das malhas. Os homens parecem crianças, trabalhando com vigor, sequiosos de conhecer a presa. Todos ganham por partes. Por isso a pesca é menos uma profissão do que uma aventura. Dentro da rede tanto pode vir bastante peixe para que se siga logo para o mercado, ou tão pouco que se precise repetir os lances até a madrugada.

— Peixe micho — diz um.

— Peixe micho — ecôa outro, com sotaque luso.

Pescadinha, cangulo e uma ou outra cavalinha. Nem sequer vão para o gelo. São largados no convés. As luzes se apagam. O mestre acende novo cigarro e vai postar-se na proa. A rede está novamente ajustada para o próximo grito rouco de «largar», premissa da fartura ou do insucesso.

Não, a pesca não é ainda uma profissão, no Brasil. É apenas uma aventura remunerada.

CONDUTOR E MELHOR DO QUE PESCADOR

O barco é o «Eça de Queiroz», da Colônia de Pesca Z-5, do Caju. O velho pescador Benjamin é o seu proprietário e mestre.

Embarquei nele às 2 horas da tarde de um domingo, juntamente com o líder dos pescadores Valdemar de Paiva e dois outros estudiosos do problema. Atracamos com o dia no Entrepósito, depois de mais alguns lances, na costa do Estado do Rio, conduzindo cerca de 200 caixas de pescado. Só no regresso, garantida a téria, os homens verdadeiramente se humanizam.

Percebe-se, então, como era artificial a excitação da tarde, enquanto se tomava café quente e saboroso, feito pelo velho pescador (que sem mais forças para trabalhar na rede, engajou-se como cozinheiro), ou cerveja, e se vibrava a cada novo gol do Vasco, na reta final do Campeonato. Os homens se deitam sobre os oleados, se recolhem aos beliches ou ficam a conversar inconseqüências na madrugada fria, enquanto o barco corre veloz.

Dois retomam a discussão iniciada no Continente:

— Você disse que teve um filho.

— Você me perguntou se eu tive filho. Eu disse que sim. Mas é claro que quem teve foi a mulher e não eu.

Na pópa converso com Genival Stalin, baixo e troncudo e vestido em uma japona azul, que faz hora para pegar o leme.

— Está há muito tempo na pesca?

— Desde que saí da Marinha de Guerra. Eu era marinheiro.

— Gosta?

— Vida de mar não é vida. Estou arranjando emprego como condutor de bonde. Aqui tanto se pode ganhar muito como voltar pior do que se embarcou.

Adiante me diz Armando, o mecânico, de 20 anos, sorridente e confiante:

— Não tenho de que me queixar. Trabalhava numa oficina mecânica desde que cheguei de Portugal. Embarquei e estou muito melhor.

O menino Fernando tem apenas 12 anos. Há um, está embarcado.

— E quanto você ganha?

— Metade da parte dos homens.

— Estuda?

— Não posso.

— Sabe ler?

— Fiz o primário.

— Gosta do mar?

— Gosto.

Mas os outros me informam que ele enjôa e o gozam sem cessar.

Francisco José já viajou pelo mundo inteiro, conhece as sutilezas femininas de todos os continentes, e como bom português, já morou na Califórnia. É o contra-mestre. Afirma, categórico:

— Quem trabalha no mar, não se acostuma com outra coisa.

MEU FILHO NÃO SERÁ DO MAR

O mestre endossa suas palavras. Desde menino, nunca conheceu outra vida. Em Portugal e no Brasil.

— Por que batizou seu barco de Eça de Queiroz?

— Foi um grande escritor.

— O sr. é de Povoa do Varzim?

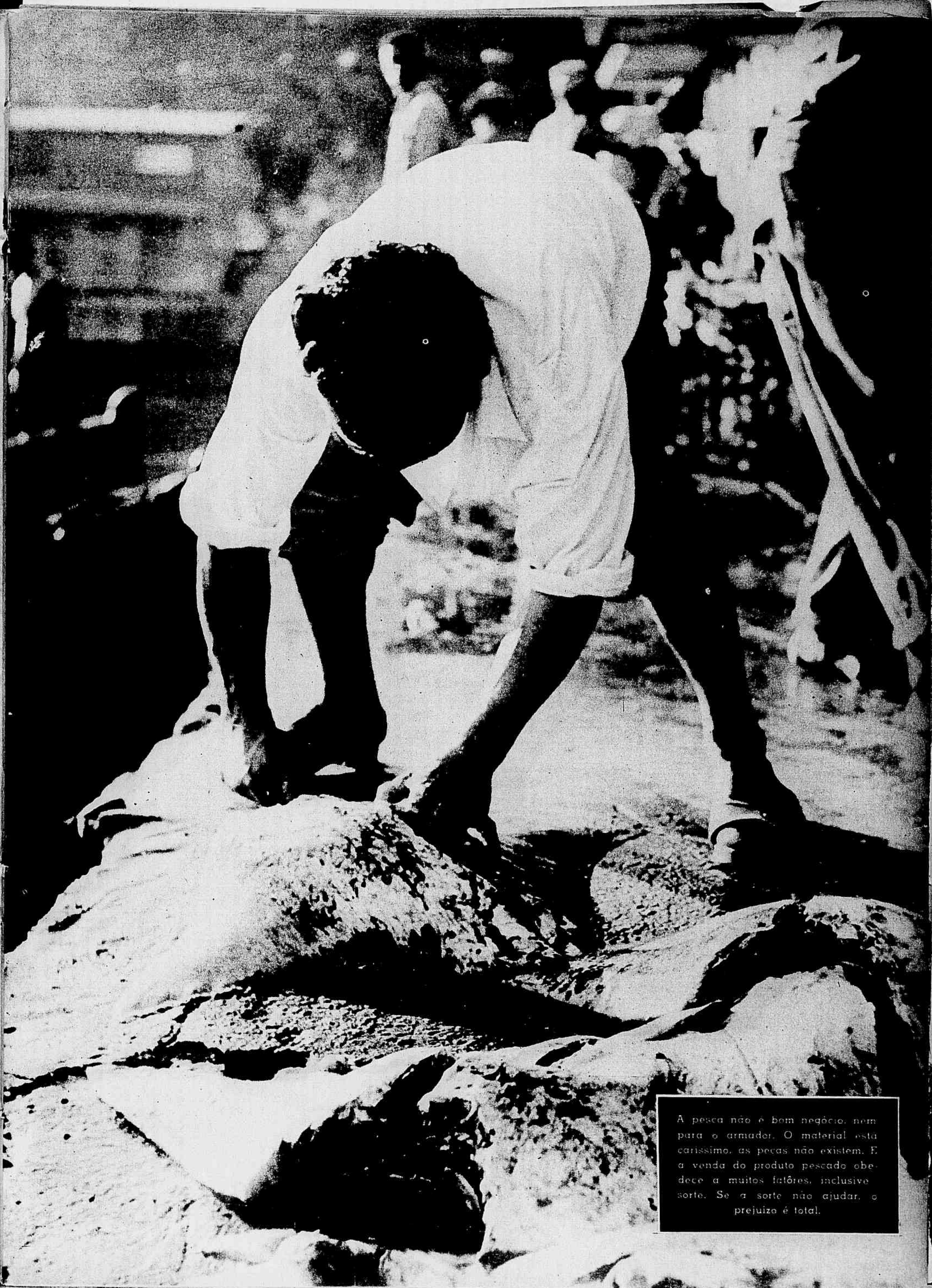
— Não, não sou poveiro. Sou de uma aldeia vizinha.

Ele possui ainda outro barco, menor — o Cego de Maia. Mas só costuma sair no Eça. É pai de um casal de filhos, ambos na escola.

— Deus me livre que o menino quisesse vir pr'o mar. Felizmente, ele mesmo não gosta.

Declara que a pesca não é bom negócio, nem sequer para o armador. Um pescador pode engajar em qualquer barco. O dono, porém, está sujeito a interrupções, por vezes longas, devido a defeitos. («É o diabo para importar uma peça.») Além disso, o material consome muito dinheiro e encarece a olhos vistos.

— Antigamente a rede brasileira custava Cr\$ 70,00 e Cr\$ 80,00 o metro. Comprava-se a de fabricação portuguesa, que era de melhor qualidade, e custava ape-



A pesca não é bom negócio, nem para o armador. O material está caríssimo, as peças não existem. E a venda do produto pescado obedece a muitos fatores, inclusive sorte. Se a sorte não ajudar, o prejuízo é total.

A PESCA NO BRASIL É UMA AVENTURA

nas Cr\$ 20,00. Hoje não se adquire a brasileira por menos de Cr\$ 120,00 o metro. E a desvalorização da moeda não compensa importar. Ora, o «Eça» tem uma rede de 120 metros de comprimento por 20 de largura, que é substituída de 6 em 6 meses — diz.

E não é só a rede. No inverno é preciso fazer-se ao largo, em viagens de dois ou três dias. Todas as despesas (de cozinha, 300 pedras de gelo a Cr\$ 12,00 a unidade, óleo, etc.), correm, então, por sua conta. Se não tiverem sorte o seu prejuízo é total.

Há ainda a questão do baixo consumo do produto pela população. Informa:

— Ouvi, em uma mesa-redonda, que o consumo de peixe no Brasil é de apenas 2,5 por cento, enquanto no Japão é de 97 por cento.

Em sua opinião a culpa cabe à distribuição deficiente, devido à falta de estradas e frigoríficos. Contou que, recentemente, em São Paulo, viu serem vendidas sardinhas de «cabeça encarnada» a Cr\$ 25,00, o quilo; as mesmas que, frescas são negociadas, por vezes, a Cr\$ 1,50 o quilo, no Entreposto do D.F.

— Hoje, por exemplo, passamos por cima de uma porção de mantas de pescadinha. Mas elas estavam para todos. Por isso tivemos de procurar outro peixe para matar. Se ninguém houver apanhado cavalinha, ganhamos o dia — diz.

ANGÚSTIA COTIDIANA

Esta é a angústia cotidiana da pesca, que exige dos profissionais uma originalidade por dia. A eles não interessa se as donas de casa se queixam do preço do peixe na feira. Vendem de acordo com a oferta e a procura, sujeitos a todas as leis desse processo, classificadas pela Economia Política. Se há muito peixe, cai o preço; se há pouco, o preço sobe. Tabela da COFAP só existe para o consumidor. No Entreposto os intermediários podem manipular o produto como bem entendem, sob as vistas complacentes dos fiscais. Se resolvem fixar o preço teto do dourado em Cr\$ 2,00, os pescadores terão de vendê-lo por este preço. De nada vale reclamar, porque o único recurso que lhes resta é encaminhar o pescado para farinha. E os industriais têm uma predileção toda especial por cultivar cadáveres. Há mais de seis meses mestre Benjamim vendeu um carregamento do «Eça de Queiroz» para fazer farinha e os Cr\$ 25 mil da transação até hoje não lhe vieram ter às mãos.

— Dou-os como perdidos — afirma ele.

A única forma de protesto consiste em voltar ao mar com o peixe, na esperança de que não haja nenhum no dia seguinte, circunstância em que os intermediários tudo farão para obter o original. Mas correm o risco de um prejuízo maior, devido ao gelo adquirido para conservá-lo, se outros voltarem com o mesmo peixe.

Pergunto se uma cadeia de cooperativas na Capital da República não seria a solução para o problema. Ele responde:

— Só administrada pelos próprios pescadores. Durante a guerra houve uma, do Governo, e a roubalheira campeou solta.

As ondas marulham no casco do «Eça de Queiroz», que avança célere, como a espantar as últimas sombras da noite. Os homens se espreguiçam. Um deles reclama:

— Não dou duro? Essa não. (Palavrão). Mais duro do que isso, só tendo um filho.

Nos longes do dia que nasce se divisam os contornos da cidade que dorme os restos do domingo.



Estrada de Ferro Central do Brasil

VIAJE COM CONFORTO E SEGURANÇA — Estão circulando entre Rio-São Paulo e Rio-Belo Horizonte os trens de luxo, dotados de todas as condições de conforto moderno. As composições são de aço inoxidável, com amortecedores hidráulicos, dispoem de carros-sala, dormitórios, etc., providos de ar condicionado. O preço de cada um dos trens «Vera Cruz» e «Santa Cruz» é de Cr\$ 120.00 para os passageiros.

HORÁRIOS (Com as últimas alterações)

1) — Ramal de São Paulo
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
— I D A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	22.40
Barra do Piraí	0.41	2.40
Cach. Paulista	1.17	3.16
Roosevelt	2.00	—

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
— V O L T A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Roosevelt	—	22.50
Cach. Paulista	2.00	3.12
Barra do Piraí	2.36	6.15
D. Pedro II	3.15	—

2) — Linha do Centro
TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3)
— I D A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	20.10
Barra do Piraí	22.21	22.34
Três Rios	0.24	0.28
Juiz de Fora	2.17	2.27
Santos Dumont	3.28	3.35
Barbacena	4.54	4.57
Cons. Lafaiete	6.51	6.56
Belo Horizonte	11.00	—

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4)
— V O L T A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Belo Horizonte	—	19.50
Cons. Lafaiete	23.53	00.01
Barbacena	1.59	2.01
Santos Dumont	3.05	3.10
Juiz de Fora	4.15	4.22
Três Rios	6.07	6.13
Barra do Piraí	8.03	8.12
D. Pedro II	10.15	—

Para outras informações, os interessados poderão dirigir-se à Agência D. Pedro II, diretamente ou pelos telefones: 43-2000 e 43-3360. Nas seguintes Agências: Roosevelt telefone 9-2939 e Belo Horizonte telefone 2-7950 e 2-7267.

A Administração da Central do Brasil, empenhada no aperfeiçoamento dos serviços, comunica ao público em geral, especialmente aos viajantes e Lavourea, que acaba de criar trens rápidos e modernos entre Rio-São Paulo, Rio-Juiz de Fora, Belo Horizonte e Belo Horizonte, para atender seus inúmeros clientes, que a ela sempre tiveram a maior referência.

de Cr\$ 100.00 para os superiores — as cabines de dois leitos. Para as cabines individuais o preço é de Cr\$ 150.00. Nos trens «Noturnos» comuns o preço do leito é de Cr\$ 90.00 para os inferiores e Cr\$ 70.00 para os superiores. O percurso reduzido de uma hora e vinte minutos obedecerá ao horário abaixo:

PREÇOS DAS PASSAGENS

1) — Ramal de São Paulo
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Piraí	Cr\$ 142.00	Cr\$ 255.00
Cach. Paulista	Cr\$ 224.00	Cr\$ 403.00
Roosevelt	Cr\$ 299.00	Cr\$ 539.00

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-4)
De Roosevelt para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Cach. Paulista	Cr\$ 218.00	Cr\$ 377.00
Barra do Piraí	Cr\$ 266.00	Cr\$ 479.00
D. Pedro II	Cr\$ 299.00	Cr\$ 539.00

2) — Linha do Centro
TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3)
De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Piraí	Cr\$ 142.00	Cr\$ 255.00
Três Rios	Cr\$ 201.00	Cr\$ 361.00
Juiz de Fora	Cr\$ 228.00	Cr\$ 410.00
Santos Dumont	Cr\$ 245.00	Cr\$ 441.00
Barbacena	Cr\$ 263.00	Cr\$ 473.00
Cons. Lafaiete	Cr\$ 289.00	Cr\$ 520.00
Belo Horizonte	Cr\$ 341.00	Cr\$ 614.00

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4)

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Cach. Paulista	Cr\$ 188.00	Cr\$ 337.00
Barra do Piraí	Cr\$ 223.00	Cr\$ 400.00
Santos Dumont	Cr\$ 244.00	Cr\$ 435.00
Juiz de Fora	Cr\$ 258.00	Cr\$ 463.00
Três Rios	Cr\$ 283.00	Cr\$ 501.00
Barra do Piraí	Cr\$ 308.00	Cr\$ 546.00
D. Pedro II	Cr\$ 341.00	Cr\$ 614.00

O PAI E O ESTADISTA

Paul-Henry Spaak (57 anos, elegante, óculos e sem bigode, homem de constante bom humor), foi eleito secretário geral da L.O.T. A.N. Campeão da causa européia e grande pai, eis Spaak, fotografado quando brincava com os dois filhos pequenos. Spaak sai correndo quando o trabalho termina e vai para casa brincar com eles. Invariavelmente.



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

Grace Kelly procura a melhor pose para a sua fotografia oficial — Spaak, campeão da causa européia, sai correndo das conferências para brincar com os dois filhos pequenos — A polícia está intrigada com a corte de Tommy Dorsey — As preocupações do ministro do Exterior da Inglaterra Selwin Lloyd — Sofia Loren dança com Mr. Belvedere — Gina Lollobrigida assaltada por admiradores — Floyd Paterson, campeão mundial e pai no mesmo dia.

CAMPEÃO E PAI NA MESMA HORA

Um terrível golpe de esquerda e um ágil e veloz rapaz de 21 anos, mudou a posição dos personagens que se movem em torno do título mundial de peso pesado. Quando Archie Moore, beijou a lona, consumava ao mesmo tempo a sua queda e a ascensão de Floyd Patterson. Floyd se convertia também no mais jovem campeão mundial de todos os tempos. Campeão dos jogos Olímpicos de 52, Patterson só perdeu até hoje, uma de suas 31 lutas. Ao fim da luta Floyd recebeu 3 coisas: o título mundial, a bolsa de 116 mil dólares e notícia que era pai. Seu filho havia nascido quando ele lutava: provavelmente (não foi possível precisar) no mesmo momento em que com um poderoso sêco de direita ele arrancava de Moore a coroa e um gemido angustioso. Na foto, o novo campeão com a esposa e o filho ainda na Casa de Saúde.



LOLLOBRIGIDA NO AQUÁRIO

★ Vejam com atenção esta foto, e digam se não parece o que o título indica. Mas é apenas o seguinte: ao descer no aeroporto de Idlewild, Lollobrigida foi surpreendida por uma recepção excessivamente calorosa. Assustou-se, e foi então colocada numa sala com vidros a prova de explosões de admiração. Duas horas durou a sua reclusão. E só quando seus admiradores se acalmaram é que ela pôde se retirar, assim mesmo escoltada pela polícia.



QUAL SERÁ A MAIS BELA?

Durante dois meses um fotógrafo (Karsh, do Canadá), esteve fotografando Grace de Mônaco, a fim de fazer uma foto que pudesse ser con-

POR ESSE MUNDO DE DEUS

A POLÍCIA INTRIGADA COM A MORTE DE TOMMY DORSEY

Na foto vemos um dos raros momentos de concórdia em casa de Tommy Dorsey: os irmãos Jimmi e Tommy (à direita), festejam vinte anos de atividade jazzística. Entre os dois estão: sua mãe e a terceira mulher de Tommy Dorsey, sobre quem recaem fortes suspeitas de assassinato. Pois a polícia de maneira alguma não acredita que a morte de Tommy Dorsey tenha sido natural.



SOFIA LOREN DANÇA COM MR. BELVEDERE

Na data de seu aniversário (Clifton Webb), o famoso Mr. Belvedere do cinema, deu uma festa a que compareceram os que trabalham com ele no seu último filme. Clifton Webb apesar da idade já ligeiramente brigando com certos excessos, dançou o «Rock'n Roll» com Sofia Loren. Sofia está trabalhando em um filme com John Wayne.



siderado «oficial». Depois de fazer mais de 200, foram selecionadas estas 3. Destas será escolhida uma. Qual delas o leitor escolheria?

AS DIFICULDADES DE SELWIN LOYD

O ministro do Exterior da Inglaterra sai de casa para comparecer a Câmara dos Comuns no dia dos grandes debates sobre Suez. A oposição fustigou violentamente Mr. Selwin que assim mesmo se saiu bem. Selwin, ao sair de casa, é levado até a porta (foto) por sua filhinha de 4 anos que lhe deseja galantemente boa sorte: Selwin continuou como ministro do Exterior no novo gabinete McMillan.



JUNDIAI

36 VIAGENS POR DIA

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885

Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85

Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092

Fones 32-8733 e 34-5393

JUNDIAI

Rua do Rosário, 277 - Fone 1111

das 6,30

até 21,30 hrs.

de hora em hora



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-4



QUAL SERÁ A MAIS BELA?

Durante dois meses um fotógrafo (Kersh, do Canadá), esteve fotografando Grace de Mônaco, a fim de fazer uma foto que pudesse ser con-

POR ESSE MUNDO DE DEUS

A POLÍCIA INTRIGADA COM A MORTE DE TOMMY DORSEY

Na foto vemos um dos raros momentos de concórdia em casa de Tommy Dorsey: os irmãos Jimmi e Tommy (à direita), festejam vinte anos de atividade jazzística. Entre os dois estão: sua mãe e a terceira mulher de Tommy Dorsey, sobre quem recaem fortes suspeitas de assassinato. Pois a polícia de maneira alguma não acredita que a morte de Tommy Dorsey tenha sido natural.



SOFIA LOREN DANÇA COM MR. BELVEDERE

Na data de seu aniversário (Clifton Webb), o famoso Mr. Belvedere de cinema, deu uma festa a que compareceram os que trabalham com ele no seu último filme. Clifton Webb apesar da idade já ligeiramente brigando com certos excessos, dançou o «Rock'n Roll» com Sofia Loren. Sofia está trabalhando em um filme com John Wayne.



siderado «oficial». Depois de fazer mais de 200, foram seleccionadas estas 3. Destas será escolhida uma. Qual delas o leitor escolheria?

AS DIFICULDADES DE SELWIN LOYD

O ministro do Exterior da Inglaterra sai de casa para comparecer a Câmara dos Comuns no dia dos grandes debates sobre Suez. A oposição fustigou violentamente Mr. Selwin que assim mesmo se saiu bem. Selwin, ao sair de casa, é levado até a porta (foto) por sua filhinha de 4 anos que lhe deseja galantemente boa sorte: Selwin continuou como ministro do Exterior no novo gabinete McMillan.



JUNDIAI

36

VIAGENS POR DIA

das 6,30
até 21,30 hrs.
de hora em hora

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885
Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85
Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092
Fones 32-8733 e 34-5393

JUNDIAI

Rua do Rosário, 277 - Fone 1111



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-4

PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

Esta é uma verdade documentada:



- **MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS** - representando 10 MILHÕES de ouvintes, deram esta resposta:

“Ouvimos a RÁDIO RECORD perfeitamente. É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”

- 10 MILHÕES de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

RÁDIO RECORD - Emissora de cobertura nacional
50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da RÁDIO RECORD — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.

ILKA

SOARES,

BELA

E COM

24

ANOS:

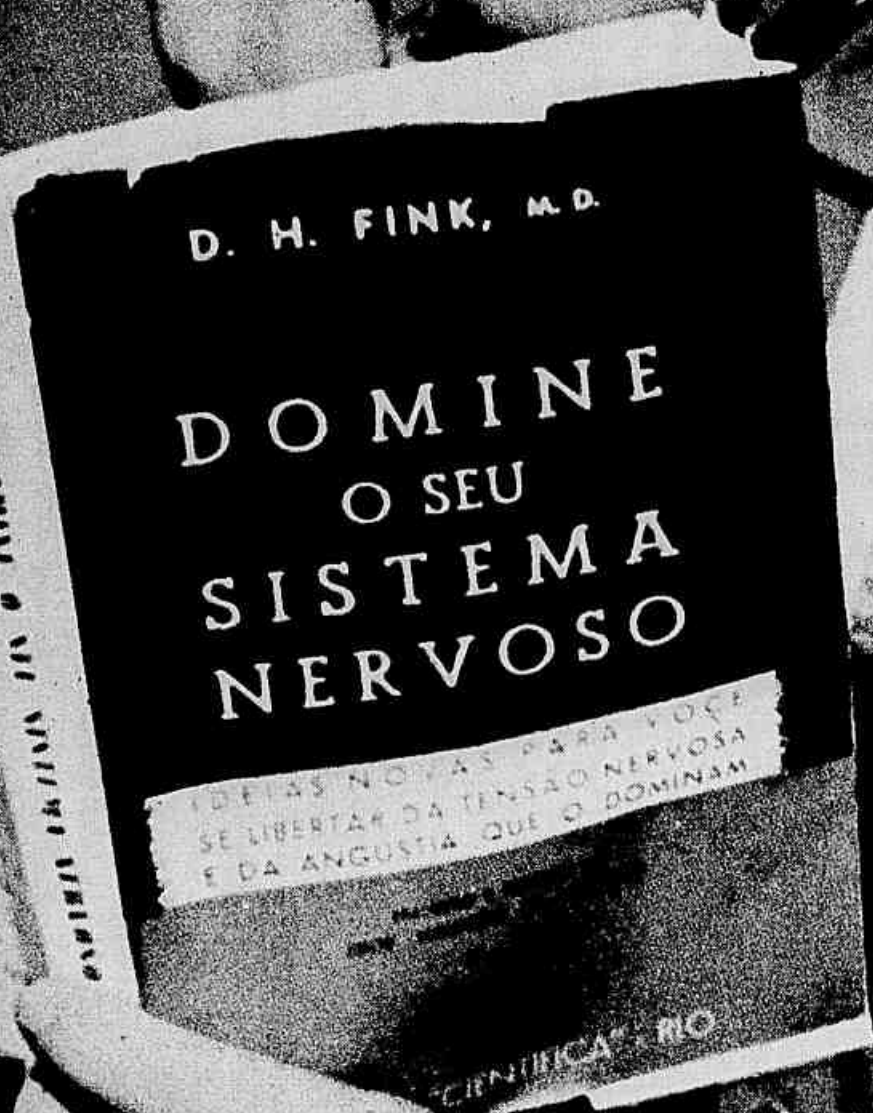


“CONTINUO APAIXONADÍSSIMA PELO MEU MARIDO”

AS PEQUENAS SUSPIRAM E TELEFONAM DE MADRUGADA PARA ANSELMO DUARTE
★ MAS ÉLE ENCABULA E PERMANECE MARIDO COMPENETRADO ★ QUATRO ANOS DE
CASADO ★ ILKA SOARES NUMA ENTREVISTA EXCLUSIVA PARA A «REVISTA DA SEMA-
NA» ★ O PRIMEIRO ANO FOI DURO MAS AGORA TUDO ESTÁ NO MELHOR DOS MUNDOS

Reportagem de SÍLVIA DONATO

Fotos de ALBERTO FERREIRA



CONTINUO
APAIXONADÍSSIMA
PELO MEU
MARIDO

ANSELMO DUARTE, o «mocinho» dos filmes nacionais, com seus 36 anos nos costados, é um dos homens mais assediados pelas fãs. Em toda a parte por onde anda, em todos os lugares onde pára, sempre há um mundo de garotas volteando em seu redor. Qualquer uma delas será capaz das maiores loucuras em troca de um olhar mais quente do galã. Apesar de tudo, seu nome nunca esteve nas crônicas dos jornais, ligado a casos de escândalo com mulheres ou meninas descuidadas. E se isso acontecia quando era solteiro, quanto mais agora que é casado, e muito bem casado com Ilka Soares.

«LUGAR DE MULHER É EM CASA»

No momento, Anselmo Duarte está trabalhando em São Paulo, na Brasil Filmes, estrelando «Arara Vermelha», filme que lhe dará o melhor papel de toda sua carreira. As terças-feiras, apresenta-se na TV Paulista, canal 5, com seu «Cine Studio Anselmo Duarte». Enquanto isso a família continua plácida no Rio, no apartamento do casal, no Leme. É rara a vinda do galã ao Rio. Não tem tempo. Ilka Soares fica sozinha, cuidando da casa e dos filhos. Está essa jovem de vinte e quatro anos, cheia de vida e vontade de gozá-la, satisfeita com a sua vida de casada? Vejamos:

— Para alguém aquilatar se estou ou não satisfeita com minha situação, é preciso entrar em alguns detalhes, voltar um pouco ao passado. Casei apaixonadís-

sima. Amando como poucas vezes uma mulher chega a amar em toda a sua vida. Foram quatro meses entre namoro, noivado e casamento. Eu muito nova, (vinte anos) sem um pingote de experiência do que fosse a vida; Anselmo já com trinta e dois anos, vividíssimo, conhecendo todas as formas de boemia. Para mim só existia uma coisa: ele. Para ele, não sei. Vivíamos de passeios, em um mundo completamente à parte. Quando chegou a hora de tratar dos papéis para o casamento, a experiência da vida que Anselmo tinha, entrou em cena. No dia 29 de maio de 1953, casamos em Montevideu. Ele já previa um futuro de paz e tranquilidade para nós, mesmo assim, não quis fechar as portas da liberdade para nós, em caso de tudo aquilo não dar certo.

Mas deu muito certo, mesmo quando ele me disse que minha carreira artística estava terminada, que «lugar de mulher era em casa», mesmo assim, aceitei tudo, pois continuava apaixonadíssima. Para ser bastante franca, acho mesmo que não nasci para a vida de artista. Gosto muito de ir ao estúdio bater papo com o pessoal, mas esse negócio de ter obrigações de horário, isso não me agradava.

AS FAS. UM CAPÍTULO A PARTE NA VIDA DO ARTISTA

Ilka Soares é uma mulher bela, morena de olhos esverdeados, queimada de sol. O tipo da mulher cem

for
ciã
trab
tem

Já
que
depo
rava
rua.
com
diã
muit
que
Ilka
toda

Ilka
é c
ser
qu



Anselmo e Ilka trataram logo de providenciar os herdeiros. Como todo pai que se preza, Anselmo começou a ler tudo sobre o assunto antes mesmo da cegonha se anunciar. Agora Ilka fica séria e diz a repórter: «já temos dois filhos e vamos parar por aqui».

mulher chega a
meses entre
nova, (vinte
que fosse a
s, vividíssimo,
Para mim só
Vivíamos de
parte. Quan-
para o casa-
o tinha, entrou
amos em Mon-
tranquilidade
as portas da
quilo não dar
Ele me disse
terminada, que
assim, aceitei
Para ser bas-
ti para a vida
ater papo com
ações de horá-

NA VIDA
rena de olhos
da mulher com

em que Ilka perdeu a paciência e disse certas coisinhas para a garôta. Também tem a história da que ia todos os dias à rádio, em São Paulo, dar «uma olhada no Anselminho». Essa também foi posta para correr. «Não adianta brônquear, diz Ilka Soares, o negócio é agüentar firme, pois esse negócio de fã parece um saco sem fundo, a gente espanta elas daqui e elas multiplicam-se ali.»

VALEU A PENA TER CASADO?

Voltamos a perguntar a Ilka Soares se ela estava satisfeita com a sua vida de casada, pois nada deixara positivado até agora. Assim como quem não quer dizer nada, ela disse tudo. «Foi duro, no começo, amoldar o Anselmo boêmio ao Anselmo pai de família. O mocinho deu um bocado de trabalho. Minha arma secreta era a docilidade. Sempre que ela ficava impossível, eu redobrava em ternura. Quando a coisa ficava mesmo preta, sem chamar muito sua atenção, fazia-lhe recordar que eu havia deixado uma carreira promissora para ser exclusivamente a mãe de nossos filhos, para ser sua esposa. O primeiro ano foi duro, muito duro mesmo. Principalmente com as senhoritas fãs que não davam uma folga. Depois foram nascendo as crianças. Primeiro veio o Anselminho, que hoje está com dois anos e quatro meses. Depois ganhamos Lídia, de um ano e meio, que tem o nome da avó. Fixamos residência no Rio. As finanças perfeitamente equilibradas, temos este apartamento e dois terrenos em Santos e mais um em São Paulo. Em casa não falta nada, tudo há com fartura. Agora sou em quem pergunta: valeu a pena ter casado? Para mim valeu. Eu e Anselmo achamos que sim. O amor perdura através desses quatro anos de vida em comum. O que tinha que acontecer, já aconteceu. Daqui para frente, com ou sem fãs, com ou sem telefonemas dentro da noite, pedidos de autógrafos e troca de palavras, apesar de tudo que possa acontecer, estaremos juntos, pois temos duas criaturinhas (vamos parar por aqui) para criar e amar. O futuro delas está em nossas mãos, mas que seria muito bom que o Anselmo ficasse mais tempo ao nosso lado, isso seria...



Anselmo e Ilka no tempo do primeiro herdeiro. Anselmo olha embevecido, como verdadeiro pai coruja que se orgulha de ter. E Ilka, com o filho nos braços, parece completamente esquecida do tempo em que foi estrêla do cinema e tinha uma multidão de fãs.



por cento brasileira. Anselmo Duarte diz que não tem ciúmes, nem foi por ciúmes que não deixou a esposa trabalhar em filmes onde ele não estivesse, diz que tem «cuidado» com ela.

Já a Ilka é mais positiva. Afirma categoricamente que é ciumenta até demais. Seu maior martírio, logo depois do casamento, era agüentar as fãs que a ignoravam completamente, quando encontravam o casal na rua. Pediam autógrafos, ofereciam número de telefones, com a maior sem cerimônia. Havia as que telefonavam diariamente para bater um papinho. E o Anselmo, muito encabulado, ia atendendo a todas da maneira que podia, procurando ser gentil sem dar esperanças. Ilka conta o caso de uma fã que ligava o telefone todas as noites a uma hora e meia madrugada. Até o dia

Ilka acha que a única dúvida na sua felicidade é que Anselmo passa pouco tempo no Rio, pois sempre está trabalhando em São Paulo. Mas quando ele vem ao Rio divertem-se bastante.



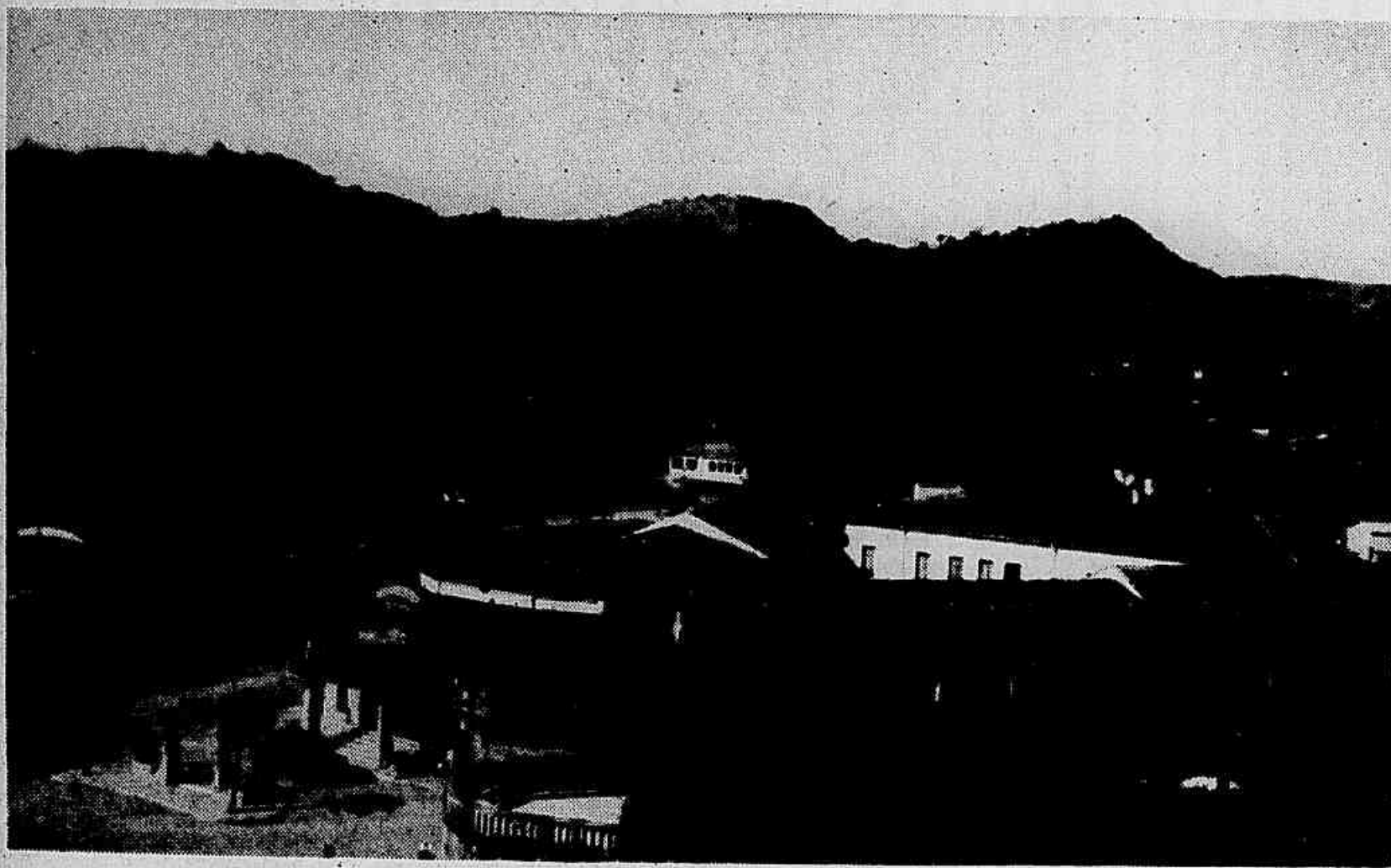
Ilka Soares, 24 anos, é belíssima, ciu-
menta e apaixonada pelo marido.
Os dois filhos (Helminho e Lídia)
nem sempre recebem toda a aten-
ção de Ilka e de seu marido.

ILKA SOARES, BELA E COM 24 ANOS



Ilka Soares vive a vida de casada não deixando nada a sua esplêndida beleza. Os olhos mais brilhantes, o corpo e galante, bem feito. Revelou-se uma mulher de vontade e de personalidade, defendendo seu casamento que é com a rotação. Os filhos e a cidade com a casa tomam todo seu tempo. Mas ela acha a vida assim uma linda e com a vida (contes-a) vive de outra maneira. Muito ciumenta. Ilka se sublimou em benefício de seu lar. Anselmino e Ilka Soares (brotes) solidificaram definitivamente o lar de Anselmo Duarte e Ilka Soares.

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

♦ Aguas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num esconcho de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernal. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gota.

AS DADIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. A direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter» e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4, Aguas da Prata, Est. S. Paulo ♦ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

SEM COMPROMISSO

Por LUIZ SODRÉ

Gomulka recusou servir de mediador entre a União Soviética e a Iugoslávia. «Os homens do Kremlin tem agido como loucos, e agora que agüentem o marechal Tito», declarou êle e amigos.



Porfírio Rubirosa (em lua de mel), chegou a Londres, e depois de passar pelo hotel foi jantar num clube noturno. Aí, teve um incidente com Lord Mudsgrave. Rubirosa (num movimento involuntário), bateu com o copo no olho do Lord. Nem pediu desculpas e continuou bebendo, enquanto Lord Mudsgrave era socorrido e levado para um dos camarins.



Julia de Palma (atriz do cinema italiano) anunciou oficialmente seu noivado com Mario Lanzi, um dos mais importantes (e conhecidos) proprietários de restaurantes na Itália. Mario tem 20 anos. O casamento se realizará em Roma, em abril.

Sofia Loren assinou contrato com uma companhia de Hollywood. Receberá uma soma astronômica. Tempo de duração do compromisso: 3 anos.

★

No Jardim Zoológico de Paris, também os bichos receberam presentes de Papai Noel. Aos leões couberam 3 quilos de carne, fora da ração normal.

★

O banqueiro (francês) Pferdemir ofereceu a Nasser 18 milhões de dólares para a reconstrução do Canal de Suez.

★

280 médicos franceses se apresentaram imediatamente como voluntários para servir na Hungria (gratuitamente) atendendo a um apêlo do sindicato da classe.

★

Os americanos gastaram em 1956, 200 milhões de dólares nas experiências com o cérebro eletrônico.

★

Grace Kelly dirigiu pessoalmente a decoração dos aposentos de sua filha recém-nascida. As paredes estão cheias de desenhos de coelhos e de pássaros.

★

A França pretende fabricar a sua primeira bomba atômica em 1958. A afirmação é do gen. Ailleret, comandante do Departamento de Armas Especiais do Exército Francês.

★

A paixão de Aga Khan aos 80 anos: astronomia. Nem as loucuras dos filhos, conseguem afastá-lo da sua diversão predileta. No próximo verão, Aga Khan irá visitar um amigo na Itália, que tem uma coleção de aparelhos de observação.

★

Albert Camus escreveu o prefácio do último livro de Paul Iq... (Continua na pág. 43).



Produto científico a preço popular.
No varejo Cr\$ 88,00

awaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada com o uso desse maravilhoso produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira do couro cabeludo; esta, com uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente perfumado.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso postal. Distribuidores: SOC. FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 143,50 — Por Vale Postal Cr\$ 133,50

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N.º

NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 88,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 123,50
Por Vale Postal Cr\$ 113,50

ÚLCERAS VARICOSAS

FERIDAS CRÔNICAS E ECZEMAS DOS MEMBROS

São eliminadas, com facilidade, em 80% dos casos, com a aplicação, em média, de quatro Ataduras Compressivas

UNAPASTE

A venda nas boas farmácias

REVISTA DA SEMANA

7 CRUZEIROS EM
TODO O BRASIL

QUER TER BOA LETRA?

matricule-se no curso por correspondência da
ESCOLA DE CALIGRAFIA DE FRANCO
Rua General Osório 724 — São Paulo



Não se pode (é lógico) acusar o ministro Clóvis Salgado pelo descalabro do ensino brasileiro. Mas pode-se acusá-lo (até com veemência) de assistir a esse descalabro de braços cruzados e sem tomar uma providência. Providência, que ele não poderia tomar mesmo, pois é um homem completamente inadequado e incapacitado para a função.

NO BRASIL O ENSINO É RUIM E CUSTA UMA FORTUNA

- ★ Os aventureiros vieram com a República Nova.
- ★ No exercício de uma exploração bilateral (pais e professores), os diretores dos colégios enriquecem.
- ★ $\frac{SMR + A}{120} - 30\% \text{ SMR}$: a fórmula aritmética que (em 10 anos) os professores não conseguiram ensinar os patrões a resolver.
- ★ «Os professores poderão ir novamente à greve para fazer valer a Portaria 204», afirma o presidente do Sindicato de classe.
- ★ Panorama educacional do Rio: «facilitários», «boites» «p.p.» e colégios «bem», mas quase nunca bons.
- ★ No jogo do ensino o Ministério da Educação apita mas não disputa o couro.
- ★ Jardim de infância: mais novo filão na mina do ensino.
- ★ Apenas 7 por cento dos 9 milhões de jovens brasileiros em idade escolar (secundária) freqüenta ginásios.

Reportagem de ANTÔNIO ROCHA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

O surto do ensino particular começou em 1930, quando se encerrou o período de nossa história conhecido sob a denominação genérica de República Velha, que também assinalou a passagem de estado da economia brasileira, de agrícola para industrial. Para dirigir engenhos de açúcar ou plantações de café, bastava a instrução primária. A economia da cidade exigia, na pior das hipóteses, um diploma de curso médio. Daí o salto brusco do número de estabelecimentos secundários e de alunos: em 1932, 350 escolas e 56 mil matrículas; em 1955, 1883 escolas e 580 mil matrículas. Neste espaço de tempo o índice de aumento das matrículas elevou-se de 1.000 por cento, e o da população, no mesmo período, foi de apenas 50 por cento.

Diante do novo panorama econômico-social do país, o ensino particular multiplicou-se com a rapidez de certas espécies biológicas inferiores. Surgiram exploradores de todos os recantos, do Brasil e do exterior. Valendo-se das circunstâncias, instalaram escolas em pardieiros, com professores improvisados e nenhum senso didático. Dentro em pouco, as casas em ruínas transformavam-se em prédios suntuosos. Os proprietários (em alguns casos, ex-vendedor de legumes, marujo, palhaço de circo inglês e peixeiro), revestiram-se de ares de sábios, salvadores da pátria, quando não passavam, na realidade, de *nouveaux riches*.

COMO ENRIQUECER NO ENSINO

Do Aristarco de «O Ateneu», ao La-layette do século XX, o processo de enriquecimento no ensino se mantém o mesmo, com variantes. Aproveitam-se da credulidade do brasileiro, iludido pelas ostentações materiais ou intelectuais, sem pesquisar muito a fundo a sua autenticidade. Lançado o pó nos olhos do povo, o restante da tarefa é fácil. Basta deixar um funcionário (pessimamente remunerado) na Secretaria para passar recibos das jóias e primeiras quotas das escorchantes anuidades. Os professores constituem a segunda etapa da exploração. Tampouco encerra dificuldades. São rapazes e moças humildes, imbuídos do tônico da missão a cumprir, que lhes foi inculcado nas Faculdades de Filosofia, indiferentes a vantagens materiais.

Nesta exploração bi-lateral, em anuidades extorsivas (aos pais), e salários de fome (aos professores), está montada, no Distrito Federal, talvez a mais ignóbil máquina de ensino do Brasil, fabricando e distribuindo diplomas de educação média, com variação de preço de acordo com o «status» do estabelecimento.

A FÓRMULA DA CONFUSÃO

O pagamento dos professores baseia-se em uma fórmula aritmética:
 $\frac{\text{Salário mínimo} + \text{anuidade} - 30\% \text{ do sal. mínimo}}{120}$

120

Os professores acham-na honesta, alegando os fabulosos lucros dos colégios. Os diretores, porém, a definem como «simplória devido à complexidade de problema como o da remuneração do trabalho em um período de inflação, estando permanentemente em atraso em face da realidade social».

A fórmula foi estabelecida pela portaria 204, do Ministério da Educação, em abril de 1945. Devido ao congelamento do salário mínimo, durante o governo Dutra, os professores se sentiram prejudicados e foram a dissídio coletivo em 1951, reivindicando 30 por cento de aumento. Surgiu então a portaria que até hoje os colégios se recusam a cumprir. A fim de conciliar a situação, o Ministério da Educação baixou a portaria 887, de 15-X-52, em que estabelecia novo critério para o pagamento do salário-aula. Os proprietários punham suas esperanças nesta portaria ministerial, pois alegavam que a 204 era anterior à Constituição de 1946. O S.T.F. — voto Mário Guimarães —, no julgamento do dissídio, declarou inconstitucional o art. 323 da Consolidação das Leis do Trabalho, tirando ao Ministério da Educação e Cultura a competência para intervir nas relações de trabalho entre professores e escolas. Restituía a vigência da Portaria 204, ao mesmo tempo em que tornava sem valor a 887, posterior à Carta Magna de 1946.



EDUCANDARIO
RUI
BARBOSA

Edifício do Educandário Rui Barbosa, em São Paulo, Brasil. A fachada é caracterizada por sua ornamentação clássica e o uso de arcos e balcões decorados.

EXISTEM, NO RIO, INÚMEROS COLÉGIOS "BEM",

FRAUDE E GREVE

Os diretores dos colégios insistiam em não cumprir a 204: O M. da Educação procurando resolver o impasse, estabeleceu suplementação — através da Lei do Fundo Nacional do Ensino Médio — para aqueles que a observassem. Houve verdadeira corrida para o dinheiro caído do céu. Inúmeros estabelecimentos foram contemplados e os diretores embolsaram a importância. O pagamento dos professores, porém, não sofreu alteração. «Quando o salário mínimo foi fixado em Cr\$ 2.400,00 é que começamos a perceber na base do de Cr\$ 1.200,00», diz o secretário geral do Sindicato dos Professores, Carlos Teixeira.

Logo depois da posse de Juscelino Kubitschek na Presidência da República, o Sindicato dos Professores denunciou a fraude. O Ministério nomeou uma comissão para examinar o assunto, que concluiu pela validade da portaria 887, que o Supremo Tribunal Federal considerara inconstitucional em meados de 53.

Os diretores aproveitaram-se da confusão. O salário mínimo foi elevado para Cr\$ 3.800,000, menos para os profissionais do ensino. Como consequência os professores foram à greve em fins de outubro. Segundo órgãos a serviço dos proprietários de educandários, «insuflados por comunistas». Segundo os próprios professores, «para defender um direito espoliado».

O Ministro da Educação, sr. Clóvis Salgado, só tomou conhecimento oficial do aumento do salário mínimo em 30 de dezembro, quando então remendou a fórmula.

A MINA DOS JARDINS DE INFANCIA

Em 1956, o Departamento de Ensino Primário da PDF relacionou 311 jardins de infância particulares, com um total de 10.419 alunos (média de 33,5 por unidade).

É este o mais novo filão na mina do ensino. São fáceis de montar e o problema do professor praticamente não existe. Basta contratar uma jovem recém-saída do Instituto de Educação, pagando-lhe o salário mínimo. Arranjar um nome simpático e atraente: Tico-Tico, Pequeno Polegar, Branca de Neve; ou inglês: «Happy School Brazil-Canada» (com segregação racial). O registro no Departamento de Educação Primária da Prefeitura é fácil de obter. Basta que a diretora declare possuir mobiliário adequado e se submeta a um testeinho de didática para habilitação.

O resto é abrir as portas e iniciar o massacre dos pais. Como exemplo típico de seus lucros, vejamos a tabela de preços mensais da «Escola Feliz Brasil-Canada», instalada sem a metade dos característicos apregoados nos seus anúncios:

Internato (de 2ª feira até às 13,30 de sábado): Cr\$ 2 mil

Semi-internato (das 10 às 17 horas): Cr\$ 1.400

Semi-internato (das 9 às 19 horas): Cr\$ 1.700

A condução, cobrada à parte, nunca é inferior a Cr\$ 500 por mês.

O jardim da infância ainda não atingiu a sua fase áurea. Mas à medida que a cidade cresce e mais mulheres se empregam, para ajudar nas despesas domésticas, o seu número cresce paralelamente. A Prefeitura mantém-se indiferente. Como prova disso basta dizer que se matricularam 6.896 crianças nos 51 jardins de infância municipais (num total de 228 turmas), no ano que acaba de findar. Por omissão a Prefeitura colabora com os exploradores da infância.

A VESTAL

O culpado das mazelas do ensino em geral, e do médio em particular, é um só — o governo. O Ministério da Educação e Cultura, em vez de construir escolas, para enfrentar o problema, limita-se a fazer o papel de vestal, no dizer de um técnico. O diretor de outra escola afirma:

— O Ministério da Educação e Cultura é o juiz no jogo da educação. Põe o apito na boca e entra a apitar faltas, intervindo aqui e ali. Mas participar da partida, disputar a bola, em igualdade de condições, isso ele não faz.

A posição do Ministério é definida pelas estatísticas oficiais. Enquanto existem 1.446 (75%) escolas particulares no país, o governo concorre com apenas 18 (1 por cento), em que se incluem o Pedro II, o Colégio Militar e escolas preparatórias de cadetes do Exército, Marinha e Aeronáutica. A rigor, portanto, o Colégio Pedro II é o único estabelecimento

de ensino médio do governo. Por este motivo argumentam os proprietários, que a «justificativa social da existência da escola privada só ocorre quando existe, paralelamente, a escola oficial aberta ao povo».

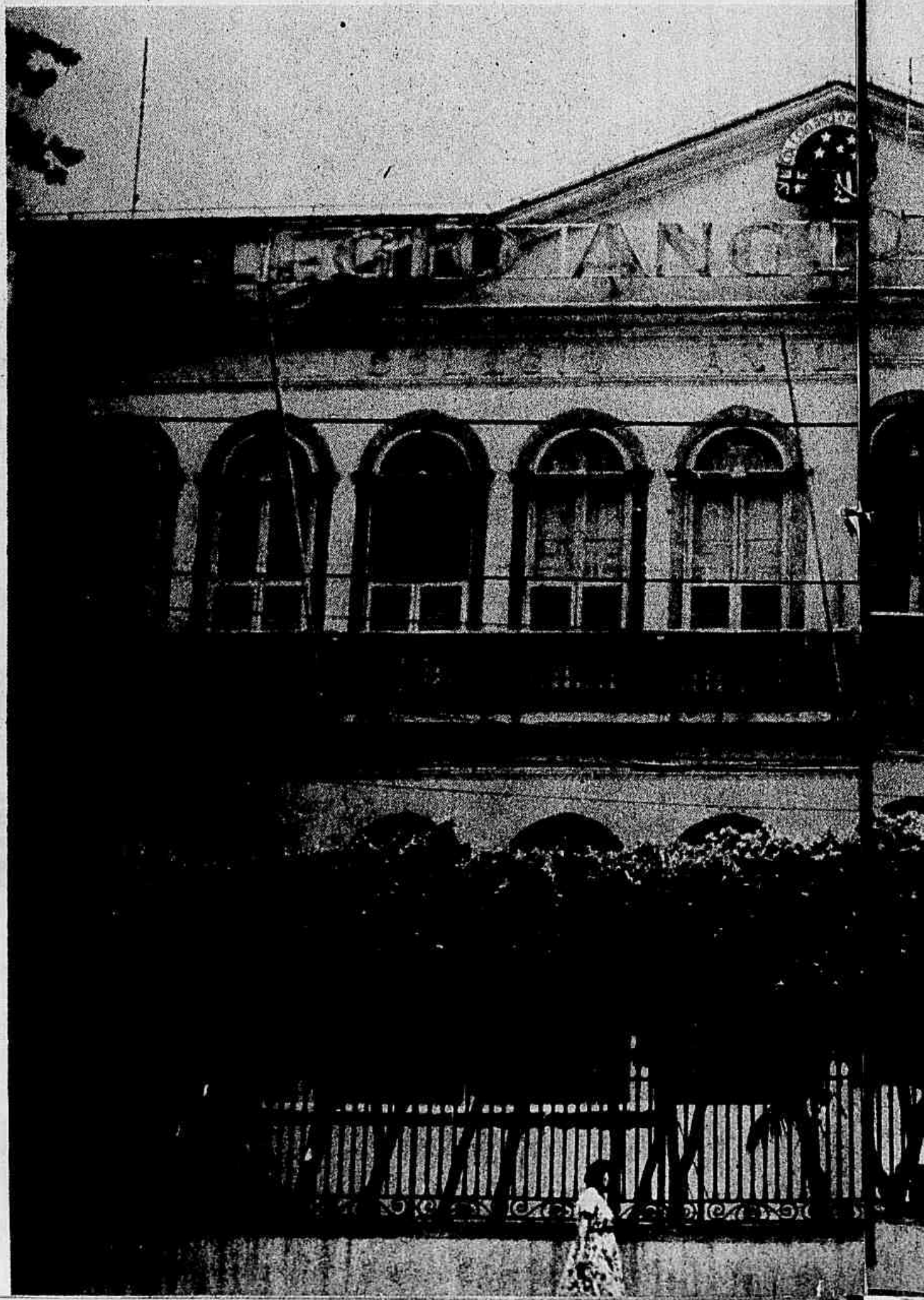
Devido à sua inação no terreno do ensino médio, o Ministério lança sobre o povo uma cortina de fumaça, como tática para esconder sua própria impotência. Sugerem, então, os defensores desta tese, o seguinte sofisma: Imagine-se que o Brasil tivesse um único hospital — «O Hospital Pedro II» — e o povo fosse obrigado a recorrer exclusivamente a casas de saúde particulares para tratar-se, atendo-se o governo a solicitar que não cobrassem tão caro, fechando os olhos aos doentes abandonados nas ruas, sem tomar qualquer providência.

AS «BOITES»

As «boites» e os «facilitários» constituem uma das características do ensino médio na capital da República. As duas denominações rotulam os estabelecimentos pouco rigorosos, frouxos na disciplina, na frequência e no ensino. Colégios onde os professores são coagidos pelas diretorias a aprovar indiscriminadamente, quem sabe e quem não sabe, conhecidos também por duas letras que refletem a feição moral de seus diretores — p.p., isto é, «pagou, passou». Dentre estes citam-se: a «MABE», o «Vera Cruz», o «Ateneu Brasileiro», o «São Luís», o «Lutécia», etc.

A mais notória «boite» do ensino carioca é o «Educandário Rui Barbosa», dirigida pelo ex-deputado federal Thompson Flores. Apesar disso — ou talvez por isso —, o seu diretor foi homenageado pelos colegas de ofício com a escolha de seu nome para ocupar a Presidência do Sindicato dos Proprietários de Ensino.

Os «facilitários» são módicos. Talvez honestos, se considerarmos que muitos cobram anuidades vultosas apenas pela ostentação. É o caso do «Anglo-Americano», orientado pelo ex-notário público Alberto Corrêa, mais interessado em brilhar em concursos de beleza e competições físicas juvenis do que em preparar, intelectualmente, para o futuro, as novas gerações; e do «La-fayette», onde para obter-se um diploma de



★

O Colégio Anglo-Americano (foto) é do tipo facilitário, uma categoria semelhante às «boites». Esse Colégio está sempre mais preocupado em vencer concurso e brilhar em jogos do que propriamente em preparar seus alunos intelectualmente.

MAS POUQUÍSSIMOS COLÉGIOS "BONS"

professor em sua Faculdade de Filosofia é suficiente prestar os exames parciais.

Além disso, há ainda os colégios de elite. Verdadeira aberração, num país onde não se atende sequer à necessidade de ensino popular. Dentre esses salientam-se os religiosos — Jacobina, Regina Coeli, Assunção, Sion, Sacré-Coeur de Marie, Santa Marcelina, Bennet, Santo Antônio Maria Zaccaria, São Bento, Santo Inácio, etc. — que cobram alto em nome da tradição. Os colégios «bem» deste grupo religiosos e leigos têm anuidades praticamente inacessíveis. Eis três exemplos: (leigos)

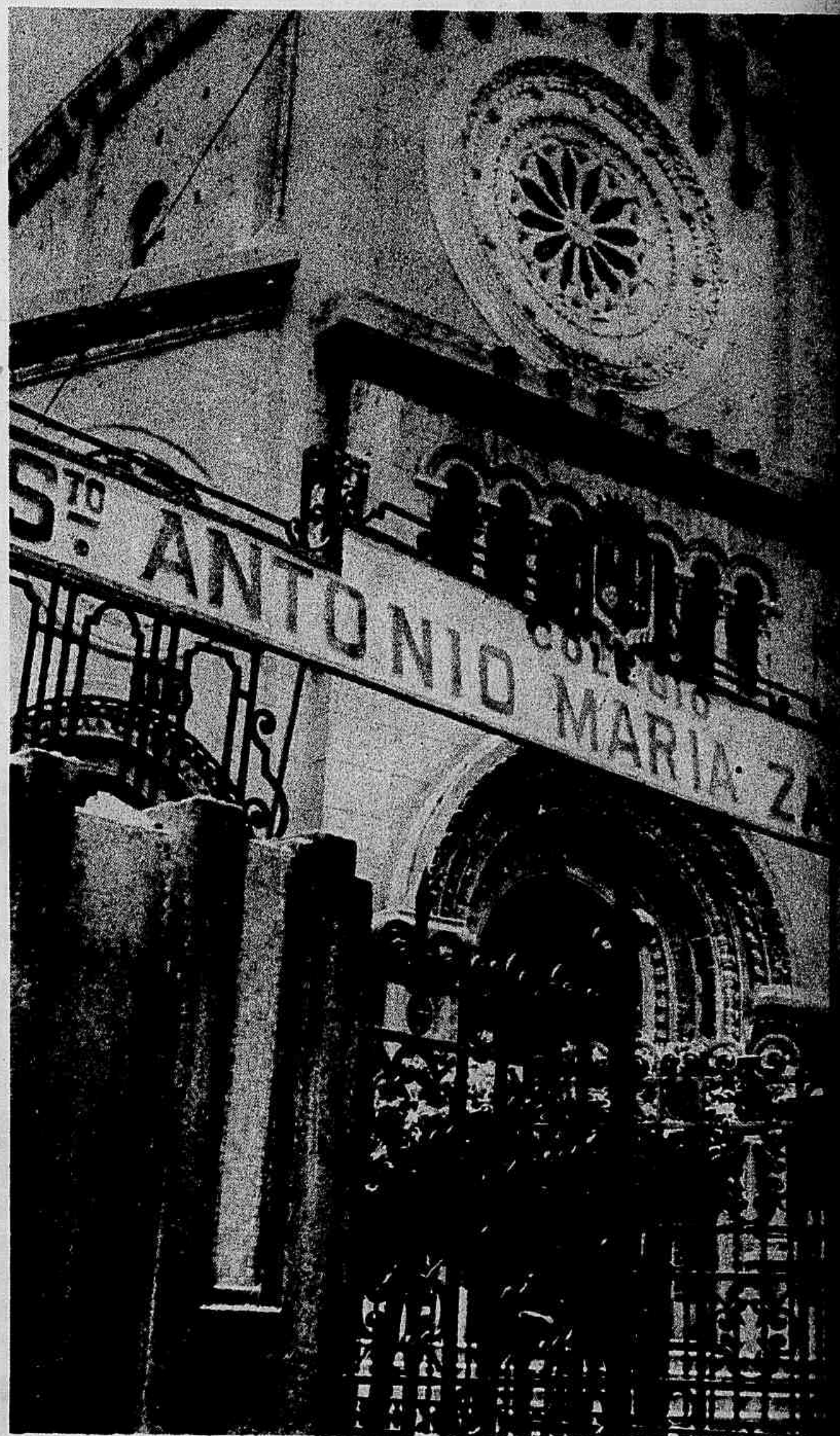
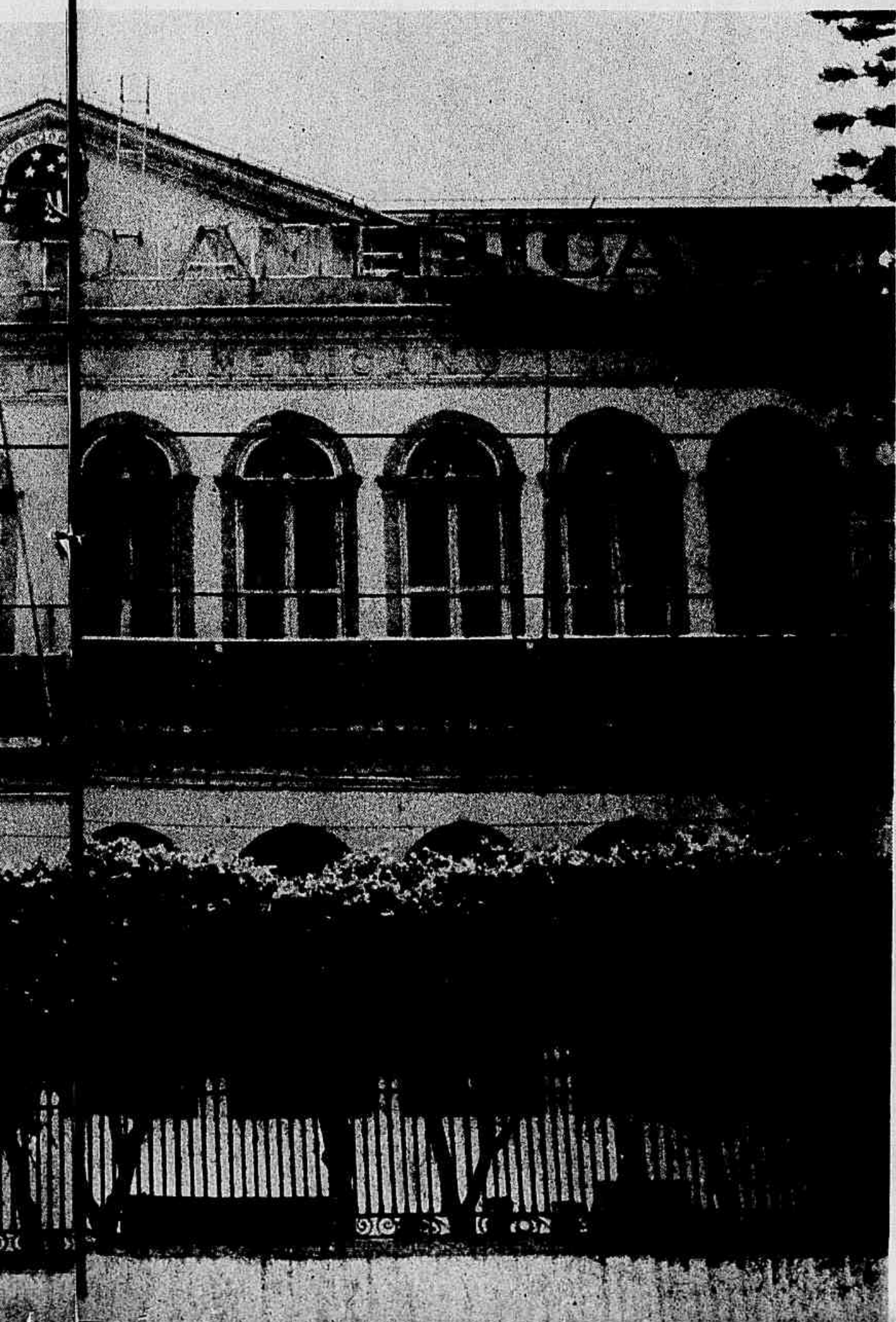
Mallet Soares — Jardim de infância: Cr\$ 7.800,00; Ginásial: Cr\$ 8.700,00; Colegial: Cr\$ 9.600,00.

Mello e Sousa: Jardim de infância: Cr\$ 7.280,00; Primário: Cr\$ 8.320,00; Ginásial: Cr\$ 9.360,00; Colegial: Cr\$ 10.000,00.

Andrews: Primário: Cr\$ 8.800,00; Ginásial: Cr\$ 10.400,00; Colegial: Cr\$ 11.440,00.

Desta breve exposição fica patente que a instrução no Brasil ainda é ineficiente e um dos bens mais caros de adquirir. Aos pais não resta, porém, alternativa, fora do Pedro II. Terão, irremediavelmente, de colocar os filhos em «facilitários», assegurando-lhes uma passagem de raspão pelos bancos escolares, ou garantir-lhes, a peso de ouro e à custa de imensos sacrifícios — depois de implorar uma vaga —, uma educação razoável, nos colégios grã-finos.

Por isso — impõe-se o registro —, o Brasil possui uma população de 9 milhões de jovens entre 11 e 18 anos, dos quais apenas 7% se encontram nas escolas. Reclama-se contra a abundância de escolas para ricos e nenhuma para os de nível aquisitivo mais baixo. A estes só resta um recurso: escrever os nomes dos filhos em papéis separados, juntá-los dentro do chapéu, sacudir bem e mandar a filha caçula tirar um ou dois papeluchos. Os sorteados irão para a escola. Os outros, que treinem futebol. Se tiverem os dois pés cegos, deverão resignar-se a ser chofer de lotação, cabo eleitoral, comerciante, etc., etc.



No Colégio S. Antônio Maria Zaccaria o ensino é caro, embora não se possa dizer que seja ineficiente. É até de boa categoria, com rigor na disciplina e na frequência. Mas o que achamos esquisito, é que seja um colégio fechado, destinado exclusivamente à elite, pois os seus preços são proibitivos até para a classe média. E num país onde o ensino popular é considerado artigo de luxo, dispensável, não se justifica esse desperdício. A providência que se impunha era a do escalonamento (preços menores para alunos mais pobres) mesmo que o Ministério da Educação completasse a importância exigida pelo Colégio. Mas o Ministério da Educação não pensa em nada e assiste, impassível, à destruição do ensino no Brasil. Enquanto não se instituir na vida pública brasileira, a exclusão sumária dos fracassados (sejam eles ministros ou o que for) nada irá para a frente. E principalmente o ensino. Que é caro, ineficiente, indisciplinado e ministrado com displicência.

ENERGIA ELÉTRICA

A SUA MELHOR COMPRA

Pense no número de vezes que V. utiliza a energia elétrica, diariamente, no seu lar, avalie o tempo que você ganha, considere os serviços que recebe, e calcule quanto vale tudo isso...



Você verá que, dentre todas as compras que faz, a de energia elétrica é a mais vantajosa.

A ELETRICIDADE FOI A MERCADORIA QUE MENOS SUBIU DE PREÇO NOS ÚLTIMOS ANOS.



AS TARIFAS DE ENERGIA ELÉTRICA DO RIO DE JANEIRO
SE SITUAM ENTRE AS MAIS BAIXAS DO MUNDO.

A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

SEM COMPROMISSO

(Continuação da pág. 37).

notos. O livro retrata o drama dos húngaros que fugiram de Budapeste.

★

No último Natal, os americanos dispenderam em brinquedos, 1 milhão de dólares. 15 por cento dessa importância foi gasta com bonecos de cérebro eletrônico.



Lynn Shaw chegou a Londres com sua inseparável companheira, uma gatinha. Vinha da Itália, onde fôra terminar uma gravação para o seu último filme.

★

Serge Lifar anunciou que se retirou definitivamente do palco. Última aparição em público: na Ópera de Paris, dançando Giselle.



Diana Infante casou (na Itália) com o conde Umberto Pallota da Torre. A testemunha da noiva (filha do general Infante) foi o príncipe Umberto de Savoia. Os padrinhos do noivo foram os marqueses de Lucifero.

Charlie Chaplin (que há muito não ia a um clube noturno) foi ao Lido de Paris com seu amigo Jean Cocteau. Provocaram tanta curiosidade que quase estragaram o espetáculo.

★

A Rainha Elizabeth declarou aos íntimos do Palácio de Buckingham que estava profundamente impressionada com o drama da Hungria.

★

Curzio Malaparte, atualmente na China fazendo uma série de reportagens para jornais e revistas da Itália, foi atacado de pleurite. As suas condições não são satisfatórias, apesar de ter sido operado rapidamente.

★

Marisa Pavan (irmã de Pier Angeli), será a personagem principal do filme «Sorriso», extraído do livro de Françoise Sagan, «Bon Jour Tristesse». O principal papel masculino caberá a Rex Harrison.

★

O príncipe italiano Antônio de Curtis (o famoso comediante Totó) recebeu no seu teatro a visita de outro príncipe: Vitorio Emanuele di San Martino Valperga Lascaris. Os dois príncipes conversaram cordialmente, tendo o segundo elogiado muito o espetáculo do primeiro.

★

Bella Huter apresentou no Scala de Milão um belo concerto, com músicas de Bach, Gershwin, Scarlatti e Shostakovic. A renda do espetáculo foi destinada a ajudar as vítimas da Hungria.

★

Foi proposta por Krushev uma reunião (em lugar não designado), de todos os chefes dos Estados da Cortina de Ferro. As possibilidades são de que essa reunião se realize.

VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante de



— INFANTIL —

comprovada eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1202

★ AUTOMOVEIS — Mil — ACESSORIOS ★



TELEG. 98-A RUA MEXICO 98-A FONES
MEMIL 98-A RIO DE JANEIRO 98-A 22-6144
42-5563
52-1066

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passes de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Cino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo

O COMUNISMO ESTÁ VIVENDO OS SEUS ÚLTIMOS MOMENTOS

MÁRIO PEDROSA ANALISA, PARA A «REVISTA DA SEMANA», A CRISE DO COMUNISMO MUNDIAL — A REVOLUÇÃO RENASCEU NA HUNGRIA, DAS CINZAS DO STALINISMO — A BUROCRACIA CALOU-SE E DEU A PALAVRA AOS CANHÕES.

Entrevista dada a HERMANO ALVES

◆ A «Revista da Semana» está observando e analisando, sistematicamente, a crise do comunismo internacional, que tomou corpo quando se divulgou o relatório secreto de Nikita Krushev, lido perante o 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em fevereiro de 1956, e que se agravou com a tomada do poder por Wladislau Gomulka, na Polónia, e com a revolução na Hungria. A entrevista do sr. Mário Pedrosa, que publicamos hoje, é uma das apreciações mais lúcidas sobre os recentes acontecimentos, da «destalinização» até as notícias que nos chegam de uma «restalinização». Pedrosa, um ex-comunista que militou no Partido Comunista Alemão e, mais tarde, no movimento trotskysta, sofreu perseguição policial, no Brasil, por causa das suas atividades revolucionárias. Foi o líder do grupo que fundou a «Vanguarda Socialista», depois da queda do Estado Novo. É um conhecido crítico de arte, articulista político e professor de História. Para facilitar a leitura e o debate, publicamos a sua entrevista sob a forma de perguntas e respostas.

— Qual o significado da «destalinização»?

— A «destalinização» se fez porque a burocracia comunista viu que era necessário romper com a era staliniana para entrar em contacto com o povo sem que um «líder genial» servisse de intermediário. A tarefa foi iniciada por Malenkov e Béria, nos próprios discursos que fizeram nos funerais de Stalin. Malenkov fez uma tentativa, no plano administrativo, sem contar com o Partido Comunista. A sua intenção, anunciada ao povo, era a de aumentar a produção de bens de consumo em detrimento da indústria pesada. Em suma: menos canhões e mais manteiga.

Krushev, que o substituiu, para impor a sua chefia ao Partido Comunista, tinha de destruir o mito staliniano e anunciar uma era mais «liberal». Surgiu o «slogan» da luta contra o culto da personalidade. A burocracia — nova classe dirigente — sentia a necessidade de se livrar de Stalin, que era um peso morto, e cortejar o povo. Krushev, porém, ao confirmar as monstruosidades da era staliniana, teve o cuidado de ressaltar a posição de Stalin, em 1930, quando lutava para impor a sua hegemonia no Partido Comunista e no país. Procurou justificar a ação de Stalin contra as oposições — Trotsky, Zinoviev, Bukharin — que chegou a liquidação física de milhares e milhares de bolcheviques, veteranos da revolução de 1917.

A plataforma dos que se opunham a Stalin afirmava que a formação de um novo grupo social privilegiado — os burocratas do partido e do Estado — era incompatível com o espírito revolucionário. Krushev, criticando Stalin, apelou para o leninismo. Morto numa época em que a burocracia ensaiava os seus primeiros passos, Lenine não oferece, hoje, perigo algum à segurança dessa classe. Lenine é um ícone. Um santo que se pode reverenciar. Em suas obras — como na Bíblia ou no Corão — pode a burocracia encontrar frases que lhe permitam justificar-se.

Isso não é possível com Trotsky e os demais oposicionistas. Foi Trotsky o primeiro a analisar o fenómeno da burocracia, sob todos os pontos de vista: político, sociológico, económico. Trotsky previu e denunciou o seu desenvolvimento e a sua tendência a usufruir das posições e a alcançar uma situação de direito — e da legalização dos privilégios.

A burocracia comunista, hoje, quer livrar-se do ídolo Stalin para tornar legais os seus privilégios. Quer garantias individuais, aparentemente para todos, e faz concessões formalmente democráticas. Se a burocracia pudesse se isolar do resto do mundo, seria mais fácil para ela fazer certas concessões ao povo. Esse isolamento, porém, é impossível. Os menores sintomas de um relaxamento levam os povos oprimidos dos países satélites a fazer reivindicações substanciais como a retirada das tropas russas do seu território, a restauração das liberdades públicas e o fim da exploração imperialista. A luta pelas reivindicações toma o carácter de movimento revolucionário popular, como se deu na Alemanha Oriental, em junho de 1953, em Poznan, na Polónia e na Hungria.

Os burocratas russos ficam em pânico, diante desses movimentos. Sentem-se impotentes diante da ação do povo. O seu temor aumenta quando vêem os operários e os intelectuais, além dos estudantes, deixarem de atender aos apelos à necessidade de defender o comunismo, à doutrina e às tradições leninistas. Que fazer? Os burocratas só vêem uma solução. Calam-se e deixam os generais falarem pelas bocas dos canhões.

— E a «restalinização»?

— É apenas a volta, por motivos de ordem tática, aos métodos de repressão violenta. Krushev recua, na sua política «liberal» e justifica, com o exemplo de Stalin, a ação dos tanques russos. Mas a «restalinização» como a «destalinização» não soluciona os problemas que a burocracia tem de enfrentar. O principal desses problemas é o desejo de liberdade dos povos oprimidos pela União Soviética. Os tanques não resolvem a questão. Podem esmagar o povo, momentaneamente, mas não apagam as dúvidas que se infiltraram — e até profundamente — no espírito dos burocratas dos países satélites. Não é apenas o povo que duvida. Os grupos dirigentes dos satélites — como o provam os casos de Tito, de Imre Nagy e Gomulka — também têm as suas dúvidas sobre os métodos comunistas russos.

— Por que houve a intervenção de Chou-En-Lai?

— A burocracia chinesa surgiu como mediadora, atendendo a um apelo dos atarantados dirigentes russos. Os chineses têm prestígio nos países satélites. Gomulka, por exemplo, sabe quem é Krushev. Os dirigentes russos não têm segredos para ele que não vê razões para confiar em Krushev & Cia. Mas é bem capaz de ter ilusões sobre Mao-Tsé-Tung e Chou-En-Lai. Os burocratas chineses ainda estão em fase de ascensão. Não se desligaram inteiramente das massas do seu país, como os russos fizeram. E, como a revolução chinesa está ainda na etapa anterior à da burocracia na União Soviética, os seus dirigentes se dão ao luxo de serem mais intransigentes.

Os burocratas chineses, porém, temem as consequências da «destalinização». As suas próprias bases de massa e o seu futuro se veriam ameaçados. É preciso não esquecer que a «destalinização» acabou se transformando na luta armada e na greve geral da Hungria.

— São diferentes os movimentos polonês e húngaro?

— Em essência, não. Somente em grau. Circunstâncias locais impediram que o caso polonês tivesse o desenvolvimento do da Hungria. Gomulka pôde chegar a tempo para servir de mediador entre as reivindicações do seu povo e a pressão russa. Os burocratas russos não tinham a experiência de um movimento popular desencadeado da envergadura do que se deu na Hungria. Fizeram concessões a tempo.

A revolta na Hungria não foi «canalizada» pelo Partido Comunista. Foi muito mais espontânea e desenvolveu-se num ritmo vertiginoso. Os burocratas comunistas da Hungria viram-se ultrapassados. A solução que encontraram foi a de convocar os tanques russos para esmagar a revolução.

É preciso frisar, porém, que a nova revolução, que surgiu na Europa ocupada pelos russos, é nacional, democrática, proletária e socialista. É nacional porque o povo luta contra o ocupante estrangeiro. Democrática porque defende as liberdades públicas e individuais. Proletária porque a liderança cabe à classe operária que utiliza a arma da greve geral. Socialista porque não se intenta restaurar o capitalismo da chamada livre concorrência e se luta para que haja um controle coletivo e democrático de certas formas de propriedade estatizada.

Os velhos grupos conservadores e tradicionalistas, das antigas classes dirigentes não desempenharam papel relevante. Houve vigilância para que isso não acontecesse — na Polónia como na Hungria.

— Quais as perspectivas para o comunismo mundial?

— O comunismo, pelo menos este que se conhece, está vivendo os seus últimos momentos históricos. Não é um movimento que simbolize o futuro ou que esteja, necessariamente, ligado ao progresso histórico. Os próprios burocratas russos reconheceram isso, na sua meia-linguagem, quando disseram que há vários caminhos para o socialismo. Foi esta concessão ideológica de Krushev que mais inquietação produziu entre os burocratas chineses, ainda jovens e cheios de confiança em sua missão.

Entramos em nova fase revolucionária, de âmbito mundial. O comunismo não pode mais falar em nome da História. As velhas reivindicações éticas e libertárias reapareceram, formuladas de acordo com a mentalidade, as conquistas e as possibilidades da nossa época. Os movimentos da Polónia e da Hungria restauraram a união dos intelectuais com a classe operária. Foram apoiados pelo campesinato e pela juventude, representada pelos estudantes. A liberdade res-



Mário Pedrosa, crítico, jornalista, homem de mil atividades, observador lúcido, claro e lógico, fala à «Revista da Semana». Na foto, em companhia do ex-ministro Simões Filho.

surge como ideal capaz de unir os povos. Estes recuperam a faculdade de acreditar num progresso para o homem — e não num homem para o progresso.

Os povos asiáticos e os países subdesenvolvidos, em geral, estavam à frente de um movimento revolucionário de caráter reivindicatório mas puramente nacional. Agora, cederão o lugar à velha Europa que, assim, retoma as suas velhas posições de portadora da História. A revolução, que foi europeia, da Polônia e da Hungria, é a do futuro. Põe na ordem do dia o problema fundamental de uma forma de economia dirigida mas submetida a um controle democrático dos consumidores, dos técnicos e dos produtores. E, traz ao primeiro plano a idéia de um governo supra-nacional.

Para a Hungria, para a Polônia, para todos os povos europeus, não há solução dentro do âmbito puramente nacional. Os Estados nacionais viram-se superados, precisamente nos países que mais sofreram com diversas opressões nacionais e que, ao mesmo tempo, foram campo de experiências sociais coletivas. A federação europeia vai deixando o plano do puro conceito e da especulação para entrar no plano empírico da política. A revolução dos nossos dias não é chinesa, egípcia ou indiana, apenas contra o opressor imperialista e pela industrialização e emancipação nacional. São os velhos povos da Europa que vão abrir caminho para a verdadeira revolução que a Humanidade pede — a de um governo mundial que assegure a paz e que planeje a utilização dos recursos do mundo em benefício, realmente, de suas populações e não de interesses oligárquicos nacionais, deste ou daquele capitalismo, desta ou daquela burocracia personalista e estatizante.

— Qual o futuro dos atuais partidos comunistas?

— Há uma crise ideológica profunda, nos partidos comunistas. Os comunistas perderam, para sempre, a segurança de que são os detentores do segredo da História. O partido comunista, como se formou, não é mais do que o aparelho que as circunstâncias criaram para levar ao poder uma casta social nova, a burocracia, numa época em que a livre concorrência desapareceu no mercado mundial. Foi utilizado para montar, em cada país, um capitalismo de Estado.

Nos países que se puderam industrializar, desde o fim da era feudal, com a ascensão do capitalismo, a burguesia — comerciantes e industriais das cidades — organizou-se em classe dirigente e acabou assumindo o poder e instituindo a forma democrática de governo que hoje conhecemos. Nos outros, em que a industrialização veio posteriormente, com a decadência do próprio método capitalista de produção, as classes médias não puderam se transformar em burguesia industrial e daí surgiu a necessidade de novo instrumento — a burocracia — para industrializar o país através do aparelho do Estado monopolizador.

O Partido Comunista, hoje, é um instrumento dessa camada parasitária que mantém as formas capitalistas de exploração sob um regime de puro arbítrio e despotismo. Esse regime é necessário para que essa camada se mantenha no poder e usufrua dos privilégios e posições que a manipulação do Estado oferece. Os comunistas não compreendem, ou não querem compreender, o papel parasitário e reacionário do seu partido na evolução dos acontecimentos da nossa época. Os burocratas dos satélites e mesmo dos não-satélites — como a China e a Indo-China — que agiam sob a inspiração da doutrina russa, dificilmente compreenderão os atuais movimentos europeus dos povos contra a dominação.

Há muito que sabemos que os partidos comunistas, com a sua organização super-centralizada e direção monolítica, com a sua disciplina militar, não eram, como pretendia a doutrina leninista, o veículo para levar o proletariado ao poder conforme as pretensões do marxismo.

Estamos diante da decadência da própria concepção de partido. Vemos, hoje, que o povo dos países europeus não se identifica mais com os ideais e interesses da burocracia do mais eficiente dos partidos. O povo já não tolera os seus métodos e processos e insiste em introduzir, no regime capitalista de Estado, o direito de controlar o Estado, a burocracia e as várias formas coletivas de propriedade.

Esta luta, que começa na Europa, em nossos dias, continuará ininterruptamente, com altos e baixos, êxitos e derrotas, até a época em que os nossos filhos tomarem conta dos negócios do mundo.



DIDI:

POR 7 MILHÕES JOGAREI ATÉ NA CHINA

O GAROTO MODESTO QUE COMEÇOU NO MADUREIRA É HOJE UM CRAQUE DO MUNDO — PUSKAS SEM HESITAR: DIDI É O MAIOR JOGADOR DO BRASIL — O BOTAFOGO ENTRE UMA NOVA OPERAÇÃO (TIPO VINICIUS) E A IMPOSSIBILIDADE DE ARRANJAR UM SUBSTITUTO — OS ESPANHÓIS COMEÇARAM COM 3 MILHÕES, PASSARAM PARA 4, SUBIRAM A 6, CHEGARAM A 7 E IRÃO ATÉ O INFINITO PARA CONTRATAR DIDI — GUIOMAR NÃO QUER SAIR DO BRASIL, MAS ACHA QUE ESSA É A ÚNICA MANEIRA DE CONQUISTAR A INDEPENDENCIA ECONÔMICA.

Reportagem de ANTÔNIO CARLOS NOGUEIRA

DIDI não se agita. Em 10 anos de futebol já foi manchete muitas vezes. Volta e meia seu nome aparece no noticiário. Aquêles passinho miúdo (que o torcedor chama de malandro) não se altera, continua o mesmo. Às vezes, um riso tranqüilo mostra seus dentes muito brancos. Todos querem saber: «Então, Didi vamos para a Espanha?» O craque não desconversa, enfrenta o assunto, mas diz que ainda depende do Botafogo.

— 7 milhões é realmente muito dinheiro. Por essa quantia eu jogaria na China ou no Japão. Mas não sou dono da minha liberdade. O Botafogo (onde tenho grandes amigos) é que decidirá.

Depois dessa explicação, o silêncio impenetrável.

Foi José da Gama (o empresário-aventureiro) quem trouxe a novidade e a proposta: o Valência estava interessado em Didi e pagaria qualquer dinheiro para levá-lo. Depois, vieram os detalhes: contrato de 1 ano. Casa e passagem de ida e volta. 3 milhões de cruzeiros pelo passe. Com esse preço inicial o Botafogo não quis nem conversar. Então as cifras foram subindo e em menos de 48 horas atingiram a casa inflacionária dos 7 milhões. Ai os olhos de Didi e de d. Guiomar começaram a se escancarar, a imaginação trabalhou rápido e já se viram na Espanha, jogando 1 ou 2 anos, voltando e concretizando o sonho longamente amadurecido: uma casa comercial. De que? Nenhum dos dois fala sobre isso. Mas o nervosismo de ambos mostra que a vontade não é fruto de um momento.

O começo de Didi não teve nada de espalhafatoso. Foi levado para o Madureira, e logo aos primeiros chutes, Plácido (então seu técnico), viu que o garoto (mais ou menos 20 anos) tinha jeito para a coisa. Chamou-o de lado, conversou com ele, 3 dias depois voltava para repetir o treino. Daí para o primeiro contrato (600 cruzeiros por mês) foi um pulo. No princípio (é lógico) ninguém notou que ali estava um craque internacional, que dominaria platéias de várias cores, de muitos gostos e sentimentos.

Mas não durou um ano esse anonimato. Já os cronistas (e o próprio público) sabiam que em Madureira havia um preto simpático, esguio, pernas finas e musculosas que se chamava Didi, costumava dar uns «efeitos» estranhos na bola e tinha um chute e uma pontaria que espantava muito craque de clube grande. Os olheiros não dormiram no ponto e como clube pequeno é isso mesmo (celeiro de craques), um belo dia

lá se foi o preto simpático para o Fluminense. O mesmo Fluminense que lutou anos para receber jogador de côr, mas que agora selecionava-os apenas pela habilidade pessoal e não pela pigmentação.

Foi útil ao Fluminense? Foi. Sinceramente que foi. Criou muito caso. Deu muita dor de cabeça. Mas foi um grande jogador. Durante os anos que passou em Alvaro Chaves esteve à pique de se transformar num ídolo. Conseguiu regalias especiais. Foi amigo de sócios, dirigentes, de simples torcedores. Depois veio a paixão por Guiomar, atrapalhando a sua vida de jogador. Fugiu de concentrações, fez loucuras, o que lhe interessava mesmo era ela. Seu amor não podia estar sujeito a regimes, a horários, e ele se rebelava. Começou a jogar mal. Os dirigentes do Fluminense tentando tudo para não perdê-lo. Mas um dia a situação pareceu ao Fluminense sem solução, e Didi, o grande Didi, craque incontestável e homem apaixonado foi vendido ao Botafogo.

Antes disso já andara em muitos esportes, em terras distantes e diferentes. Sempre mostrando a sua grande classe, a categoria indiscutível de jogador excepcional. No Botafogo, reencontrou o jogo disperso pela paixão. Solidificada a sua situação com Guiomar, Didi ficou mais calmo e sua estrela voltou a brilhar. Ainda mais tendo no mesmo time companheiros como Nilton Santos e um senhor chamado Bauer. Apenas com esses 3 homens o Botafogo, em determinado momento, chegou a pensar seriamente em conquistar o campeonato carioca. Depois, as esperanças se desfizeram, mas Didi continuou a figurar como uma das chaves do clube para as próximas campanhas.

E agora, Didi? De terno cinza, elegantíssimo, quase displicente, ele espera os acontecimentos.

— Se dependesse de mim iria agora mesmo. Não quero dizer com isso que esteja louco para deixar o meu país, ou que jogar no estrangeiro me agrade muito. Mas vocês sabem. (Ai Didi repete aquêles seu gesto acanhado, se encolhe, parece que não vai dizer mais nada. Continua logo depois). Tenho que cuidar do futuro. Ganhando uns dois milhões de cruzeiros, bem que seria um negócio.

Valência, Botafogo e José da Gama detêm nas mãos o futuro de Didi e de Guiomar. Vejamos o que acontece.



Didi em 1948, ainda jogador do Madureira. Já começava a despertar a atenção dos «moços da cidade». Não demoraria muito, e iria para o Fluminense, clube rico e poderoso. Depois, o estrelato definitivo, os casos, o casamento, as cifras aumentando e as tentações crescendo. E agora a Espanha, estará no seu caminho?

Ítalo Rossi como Juiz Gaunt
em «Tragédia em New
York», de Maxwell Anderson



ÍTALO ROSSI: 5 ANOS DE

♦ A
Rossi
pape
Luca
pula
As p
o es
ganc
sário
do p
apla
deta
Do
ficou
Ang
de»,
John
mi-s
dam
do i
sent
pedi
Lotu
de s
com
mar
Íta
São
lian
tria
na
mat
co,
em
més
con
res
ou
tro
sinó
rio
con
pro
C

23 ANOS, PAULISTA, E UMA VOCAÇÃO DECIDIDA PARA O PALCO — BRIGHTON COM A FAMÍLIA PARA INGRESSAR NO TEATRO — ATOR TEATRAL PROFISSÃO AINDA IMPOSSÍVEL NO BRASIL — «CASA DE CHÁ DO LUAR DE AGOSTO» RENDEU ATÉ AGORA 17 MILHÕES DE CRUZEIROS — SAKINI NÃO É O PERSONAGEM PREFERIDO DE ÍTALO ROSSI.

Por PAULO FRANCIS

◆ Após cinco anos de trabalho honesto, Ítalo Rossi firmou-se publicamente como intérprete. O papel chave de Sakini em «A Casa de Chá do Luar de Agosto», de John Patrick, deu-lhe a popularidade de Paulo Autran e Sérgio Cardoso. As platéias de São Paulo e do Rio mantiveram o espetáculo em cartaz durante onze meses, pagando dezessete milhões de cruzeiros ao empresário Franco Zampari. Ítalo foi visto e lisonjeado por um número de pessoas suficiente para aplacar a vaidade da menos inibida das vedetas.

Do ponto de vista interpretativo, Sakini significou relativamente pouco para o criador de Angelo Baldovino, de «O Prazer da Honestidade», de Pirandello. A personagem oriental de John Patrick, a despeito de algumas tiradas semi-satíricas, pertence à família literária de «Madame Butterfly». A presença e a «verve» cômica do intérprete foram impotentes para disfarçar o sentimentalismo do texto (vide a cena de despedida entre Sakini, o capitão Fisby, e Flor de Lotus). Ítalo Rossi parece preferir a modalidade de sucesso sugerida neste parágrafo. Um breve comentário de suas atividades e interesses dará margem ao leitor de verificar por si próprio.

Ítalo Rossi nasceu em Botucatu, Estado de São Paulo, há vinte e cinco anos. É filho de italianos abastados; seu pai controla uma indústria. Ingressando no teatro, também ingressou, na roda dos expostos, pois a família opôs-se material e moralmente a sua vocação. Do palco, representando, Ítalo converteu a guerra fria em encanto pelo «artista da família». Crises domésticas com «happy-endings» semelhantes, constituem um lugar-comum na carreira de atores da nova geração. Em alguns lares da alta ou pequena burguesia — o celeiro do atual teatro brasileiro — a profissão cênica permanece sinônimo de vadiagem e devassidão. O Ministério do Trabalho, diga-se de passagem, parece concordar com a última suposição: o registro profissional do ator é idêntico ao da prostituta.

O rompimento temporário de relações com a

família, resultou permanentemente para Ítalo na necessidade de ganhar a vida. Isto, no seu «métier», ainda é praticamente impossível no Brasil, exceto para vedetas de revista e estrelas-empresárias (ou quase-empresárias). A média dos intérpretes nacionais ganha de Cr\$ 2.500,00 (!) a Cr\$ 12.000,00; as exceções, de Cr\$ 18.000,00 a Cr\$ 150.000,00 (!). Alguns empresários exploram principiantes e veteranos em disponibilidade, empregando-os a salários minguaados, sem a garantia contratual. Despedem-nos quando bem entendem, naturalmente se negando a indenizá-los. O reverso da medalha consiste no «conto da estabilidade de trabalho». As vítimas deste são, de preferência, novatos de real talento e velhos atores mal aproveitados. Um contrato de lisonjeira duração lhes é proposto. O mesmo inclui uma remuneração ridícula, mas oferece... estabilidade de trabalho. No decurso da exploração exaustiva e rendosa de seu talento, os intérpretes recebem melhores propostas. O contrato, porém, prende-os ao empresário anterior; seus ordenados não lhes permitem comprar uma rescisão, etc. Existem variantes do «conto da estabilidade de trabalho» de caráter artístico, mas os exemplos citados bastam para dar ao leitor um vislumbre da situação profissional do ator brasileiro.

Ítalo lançou-se na carreira com o vultoso salário de Cr\$ 3.200,00. Hoje, cinco anos depois, o principal intérprete e caça-níqueis de «A Casa de Chá do Luar de Agosto» percebe Cr\$... 11.000,00.

Não foi, obviamente, o ganho pecuniário que o atraiu ao teatro. Sua fé de ofício e ascensão permanente como ator estabelecem o motivo preponderante.

A ilustração ideal deste motivo e de seus resultados, é o Angelo Baldovino de «O Prazer da Honestidade», representado no teatro de Arena de São Paulo, há dois anos. O «realismo moral» de Lionel Trilling define a personagem de Pirandello. Baldovino é consumido pela paixão da honestidade, uma paixão essencialmente moral.



Ítalo Rossi como «Sakini», em «A Casa de Chá do Luar de Agosto», de John Patrick.

Assim, diz a verdade, «age» a verdade, pensa a verdade e sente a verdade — sempre. É senhor da verdade de si próprio e da verdade dos que o cercam. Estes inspiram-lhe compaixão, pois torturam-se mutuamente e a si mesmos. O amor insolúvel de Baldovino por uma mulher conclui a personagem e justifica o irônico «Prazer da Honestidade» Pirandelliano.

A paixão moral de Baldovino irradia-se pelas suas atitudes, dando-lhes uma qualidade impalpável, inumana. Transmitir isso ao público constitui o problema chave do intérprete. Existem duas tentadoras soluções falsas: acentuar o cerebralismo da personagem transformando-a no Sherlock Holmes da honestidade; ou explorar-lhe melodramaticamente a indignação moral, convertendo-a num pregoeiro salvacionista de porta de botequim.

Ítalo Rossi, com 23 anos de idade, não dispondo do lastro técnico europeu ou norte-americano, visualizou e executou Baldovino à perfeição. Quando um ator em formação, nascido numa cidade chamada Botucatu, consegue defrontar Pirandello em termos de igualdade, o futuro do teatro brasileiro torna-se uma certeza.

ASCENÇÃO TEATRAL



ZAIDINHA

"MUDOU DE IDADE"

Na «soirée» de sexta feira Zaidinha Saldanha mudou de idade e comemorou o acontecimento com um «dinner» no apartamento do casal Mário Tamborindéguy, ali ao lado do Copa. Como vocês sabem, Zaidinha é personagem de primeiro plano nas colunas sociais, sendo uma figura popular no jovem «high-society» carioca. Sua elegância e sua maneira clássica de transitar na passarela transformaram-na num dos mais disputados e aplaudidos modelos de nossa «soirée-snob». O «dinner» que prolongou-se até as primeiras horas de sábado, teve um «show» de «rock-and-roll» com a participação exclusiva da irrequieta Irene Von Delingshausen. Quatro jovens louras, realmente bonitas, lá estavam: Regina de David, Suzana Pôrto, Glorinha Drummond e B.V. A primeira estava de vermelho, a segunda de branco e as duas últimas de negro. O casal Tamborindéguy, que ajudou a jovem Zaida a receber, funcionou com perfeição e categoria.



O jovem casal Roberto Vasconcelos que recentemente chegou dos «States» esteve presente.



Fernando Pessoa de Queiroz e a «beaut» Suzana Pôrto.

A jovem Zaidinha Saldanha com o casal Mário Tamborindéguy numa pose especial para esta coluna.



GOSSIPS



A famosa tadista Amália Rodrigues tem agora o ator Anthony Quinn como seu «date» preferido. E o César Seabra?

AQUI ENTRE NÓS: O sr. Alexandre Camacho confidenciou-me que seu «date» B. G. está prestes a figurar na PRATELEIRA. Quem é ela?

A minha amiga Amália Rodrigues continua em Paris, seu romance com o ator Anthony Quinn. Esse romance que virou notícia nas colunas de «GOSSIPS» internacionais teve seu início no México, quando a famosa tadista lá atuou recentemente. E o César Seabra?

O jovem milionário André Spitzman Jordan, que depois de sua chegada de New York não teve ainda nenhum «date», tem saído nas últimas noites com Eloisa Dolabela.

Raquel dos Santos Jacinto em um «night-club» com um Ricardo que não era Fazanelo. Isso significa: a importância de ser Ricardo.

As jovens Márcia e Marília Barreto Burlamaqui fizeram o «debut» na «soirée» jantando na piscina do Copa.

Roberto (Bob) Lacerda e Veninha Dolabela continuam saindo juntos. Noivado e casamento tudo à vista.

Em uma boite na «soirée» de sábado o sr. Alberto Pumachor com a morena Maria Clara Bitencourt. Enquanto isso o sr. João Nader (um dos bons partidos do Rio), era as atenções de um grupo de moças.

O cronista Antônio Maria em sua mesa de vista no Sacha's observava os «GOSSIPS», e comentava para o João Condé: estou vendo alguém dançando «cheek-to-cheek». Essa Bom Maria vê tudo.

Hallo Datta, colunista de «O Diário» de Vitória, esteve no Rio e transitou com aliança na mão direita.

O jovem Gustavo Capadema Filho em uma boite escolhendo uma jovem belíssima. Será?

Gilda Baroni, está ficando uma beleza realmente «suspena». Atualmente ela é vista sem nenhum «date».

Arnaldo Branca, que atualmente reside em São Paulo, esteve no último «rock» e funcionou como maitre.

O colunista Tavares (a «vedette») de Miranda vem ao Rio para participar do «Baile dos Artistas» no Hotel Glória como convidado desta coluna. Com o Tavares, virão também duas jovens do «high-society» paulista.

Determinada paulista que recentemente esteve no Rio, continua prestes a figurar na PRATELEIRA.

Gilka Serzedelo Machado mudou de «globo-juvenil» para Balzac.

BABY THOMAS, informo de São Paulo que Mili Loureiro ainda continua sem «date». Será?

Ela continua figurando na PRATELEIRA.

P. S. — Minha entrevista com a senhora Irene Quilte, foi o assunto da semana no «estado-maior» do «high-society» carioca. Elogiada e criticada, essa entrevista senão virou logo notícia. Entre as críticas está a de um IDIOTA já completamente surrado no colunismo social que insiste em ter Mestre. Trata-se do «desperdiçado» da coluna social, Medeiros, presunçoso, alucinado e cego. Ainda não viu que a sua época já passou?

LORICE & ELOÍSA:

ELEGÂNCIA REALMENTE "SUSPENSE"

VOU falar de duas jovens que representam a elegância do «high-society» paulista e carioca. Uma é Lorice Maluf, que como já tive a oportunidade de escrever, foi a jovem paulista de maior elegância, que transitou em 1956 no «grand-monde» carioca. Trata-se de um tipo senhorial, com categoria na maneira de vestir ou de falar. Prefere sair pouco, e sua elegância numa noite de gala é realmente «suspense».

A outra é Eloísa Dolabla. Desde que surgiu em sociedade tem se destacado pela classe, elegância, beleza e simpatia. Atualmente Helô é a mais elegante do «high-society» carioca. Sai muito; e no Country ou no Sacha's é sempre notícia para as colunas sociais. Lorice é morena, Eloísa e Lorice são dois tipos de beleza diferentes. Ambas têm toneladas de classe.

A flor das Dolabelas caminhava serenamente quando foi surpreendida pelo «flash».



Lorice Maluf a mais elegante jovem do «high-society» paulista numa pose especial para esta coluna.



Eloísa Dolabla: elegância realmente «suspense».

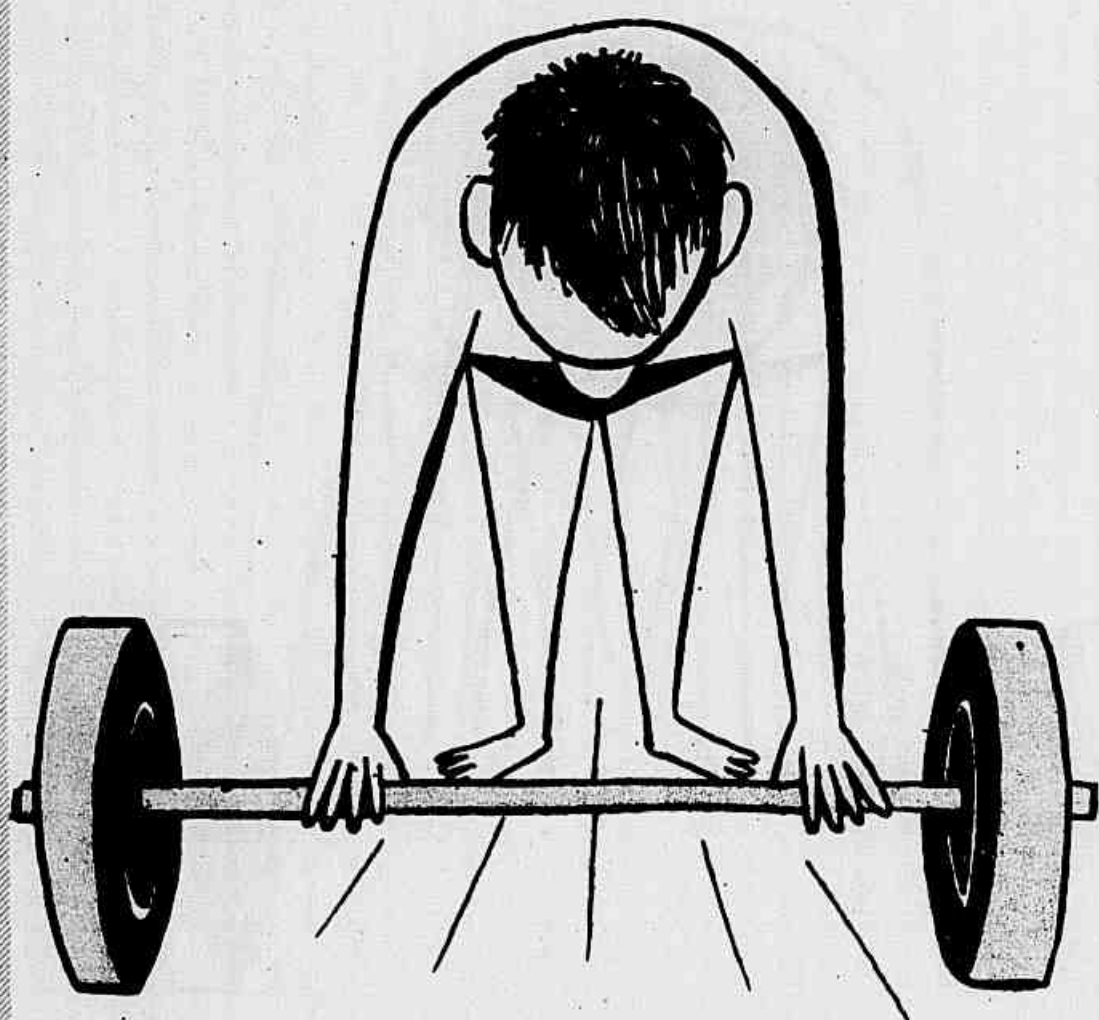


A bonita Lorice dança com Jeff Thomas numa recente «soirée-snob». Reparem sua elegância!

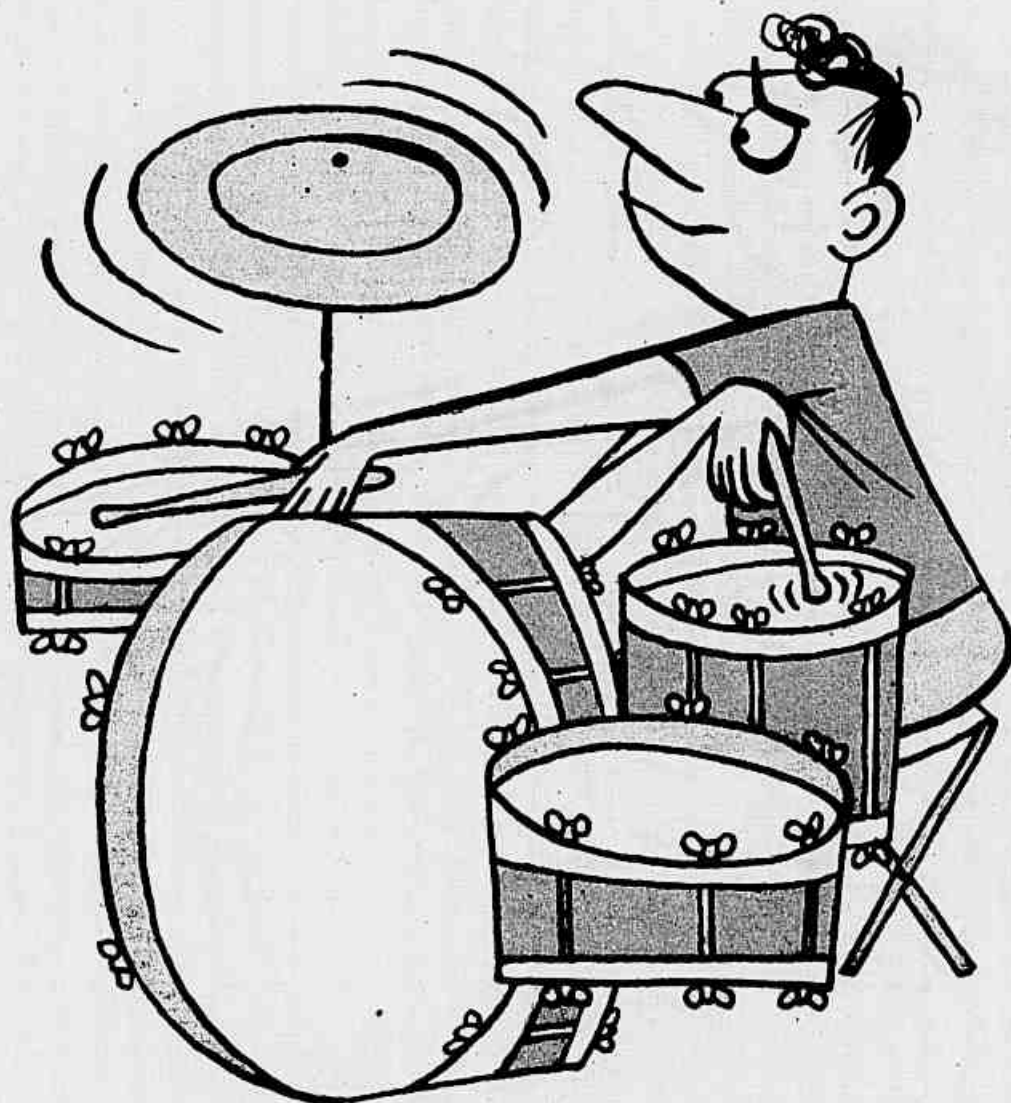
FORTUNA (da dita geração) APRESENTA

A GENTE

COMEÇA DE BAIXO



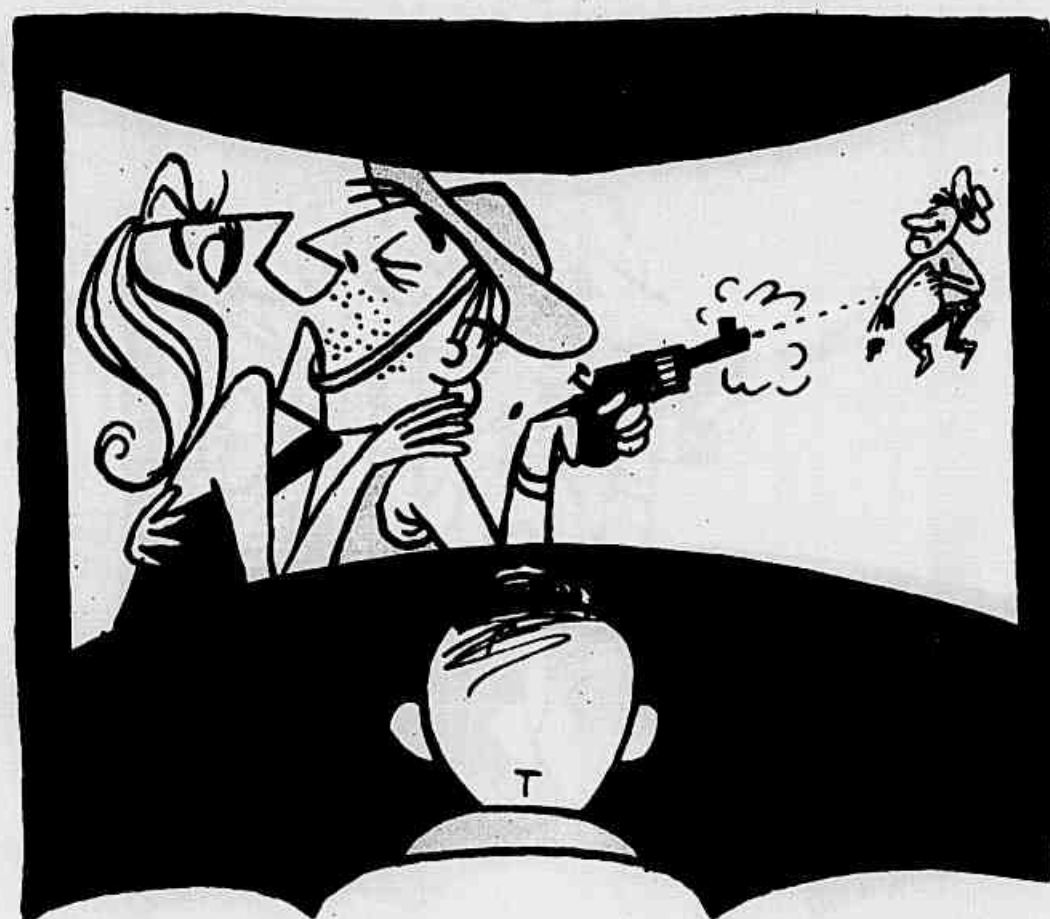
DÁ DURO



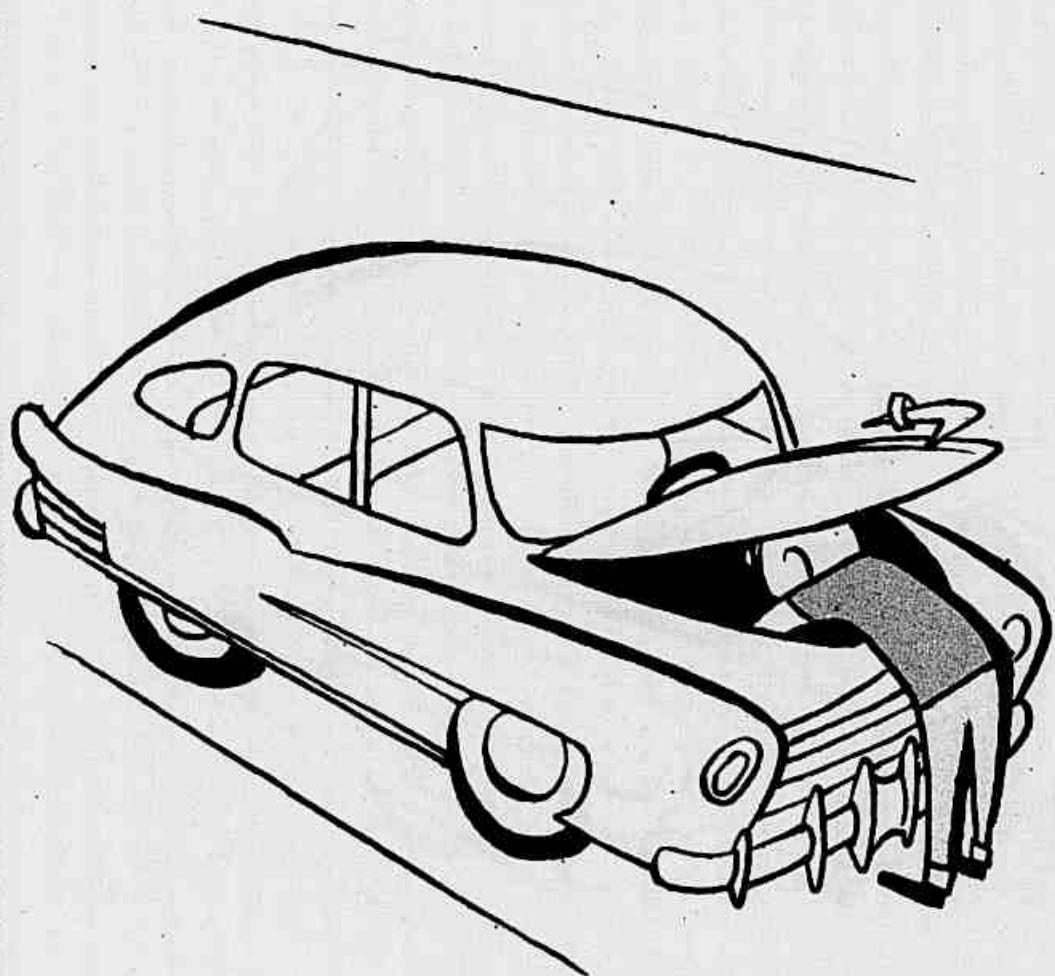
PROCURA LER



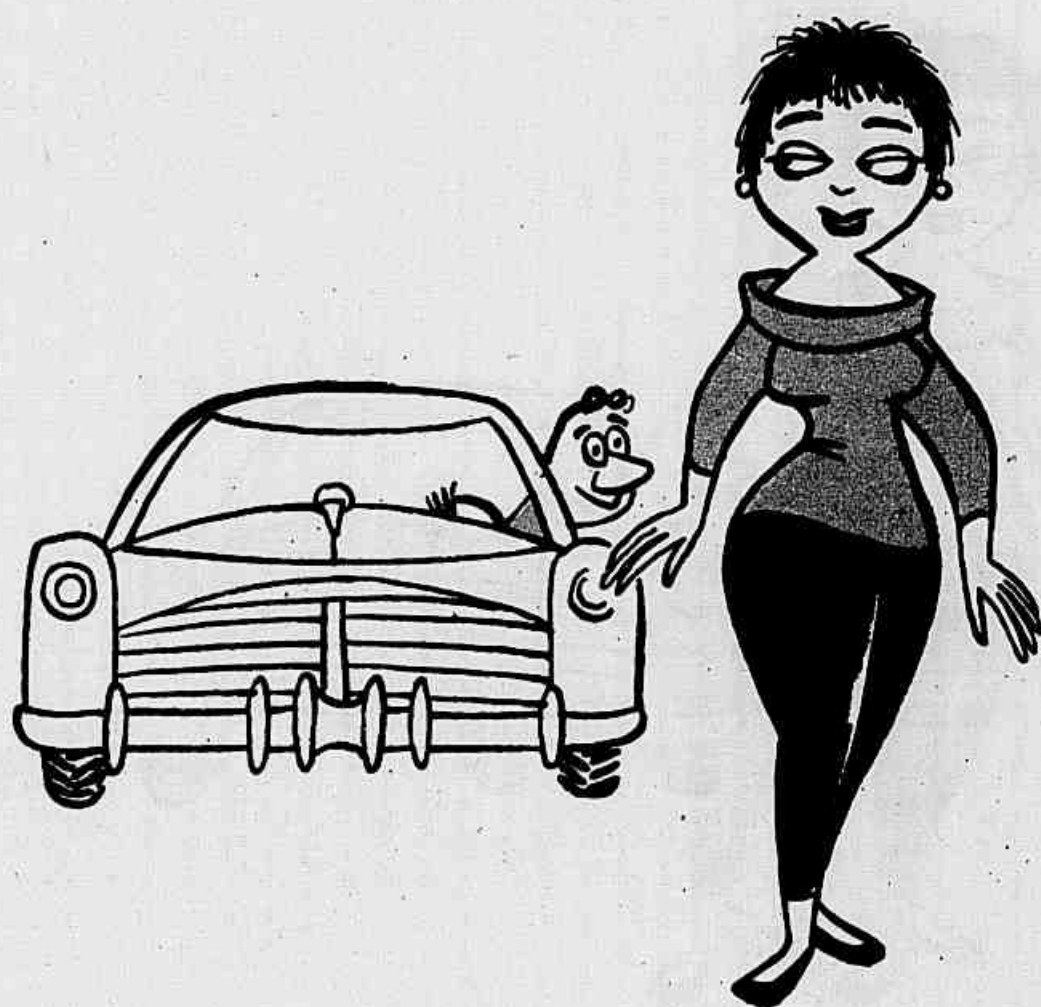
SE ILUSTRAR



METE A CARA NO ESTUDO



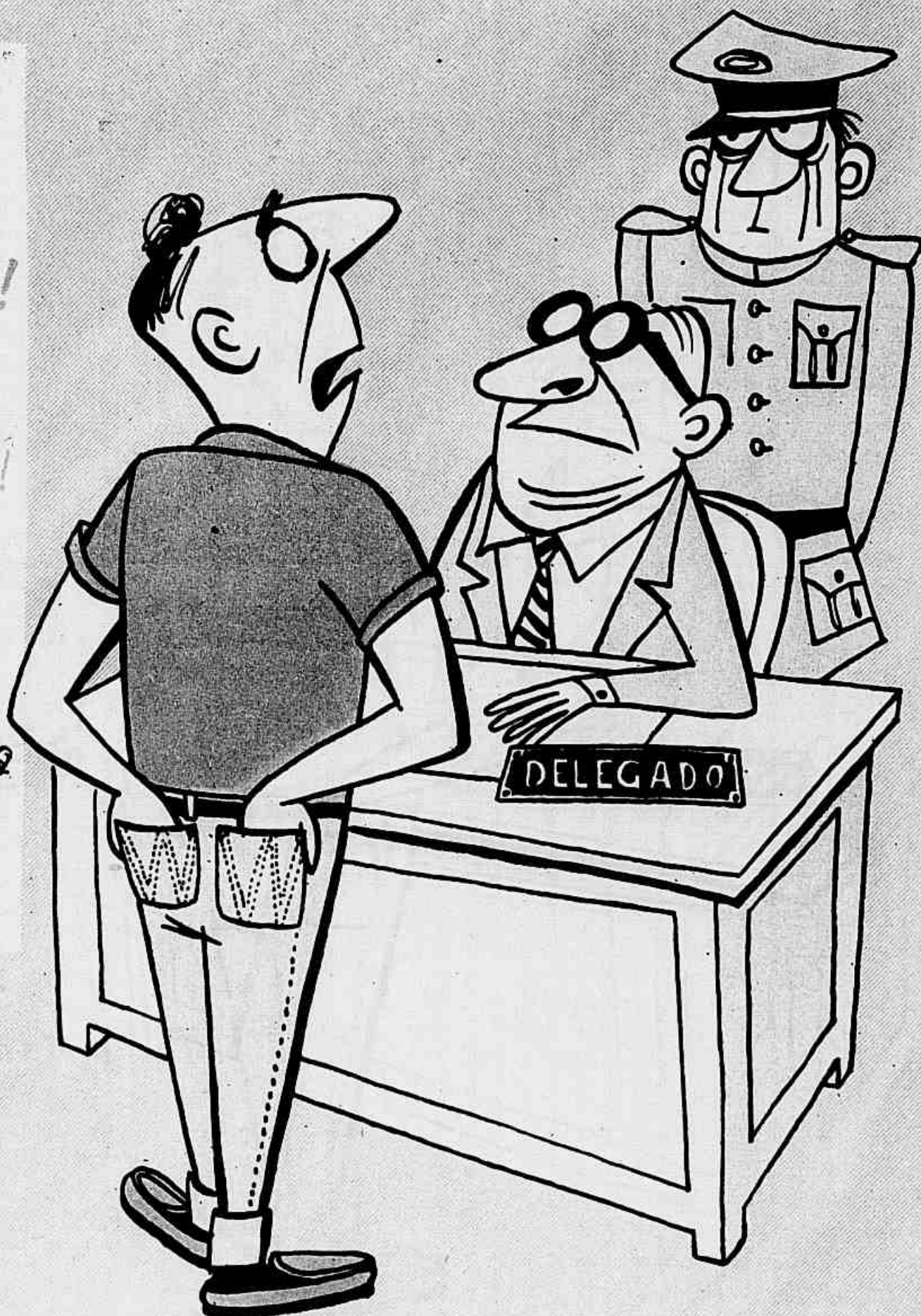
DÁ EM CIMA O TEMPO TODO



SE ACABA



—...E O SENHOR AINDA ME
CHAMA DE «PLAY-BOY»?





CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

A BELEZA DOS BRAÇOS

Nem todos os braços finos poderão se tornar harmoniosamente grossos com ginástica violenta. Existe um tipo de braços de ossos muito finos, para os quais a ginástica exagerada só poderá dar músculos salientes, aumentando as angulosidades. Se o seu caso é esse, exercícios de ginástica moderados são recomendados, prefe-

rivelmente ao som da música para lhes dar harmonia e belos movimentos. Todos os dias, depois do banho, passe nos seus braços um bom creme a base de lanolina, para amaciar a pele.

Os braços gordos, com tendência a se tornarem flácidos, necessitam de ginástica violenta, e duchas alternadas frias e quentes diariamente, para se tornarem mais firmes. Em casos especiais, pode-se usar também um creme que adelgace, para melhorar a linha de braços muito gordos.

BANCO DE «PRESENTES»

Como é notório, nada existe de mais mal dado do que os presentes de casamento. Conhece-se a célebre anedota do casal que recebeu 3 dúzias de abajures. No entanto, mesmo não chegando a esse exagêro os noivos ganham o que não precisam e não recebem o que necessitam. Foi por isso que os escoceses (sempre práticos) fundaram o «Banco de Presentes» que se encarrega de comprar os presentes de casamento sem utilidade e de vendê-los a outros

que dêles necessitam. Está tendo muito sucesso o novo «banco».

PELES «PLÁSTICAS»

A notícia já tinha sido divulgada antes: que foi criada nos Estados Unidos uma indústria de casacos de peles feitos com fios sintéticos, que imitam a beleza das martas, renards, visons e astracans, e por vezes até as surpassam. Agora, sabe-se que estas peles, que estão sendo vendidas numa média de 8 mil cruzeiros cada uma (como se sabe, um vison verdadeiro custa várias centenas de mil cruzeiros). O sucesso é absoluto.

OS RUSSOS INVENTARAM UM NOVO TECIDO

Um jornal italiano divulgou que os russos inventaram um novo tecido feito com fibra sintética à base de carne de baleia. A maior novidade porém — e que realmente interessa as mulheres — é que o tecido de baleia é absolutamente à prova de rugas.

O CORPO IDEAL

Não se lastime nem se preocupe se as medidas de seu corpo não são **exatamente** perfeitas. Basta que não seja excessivamente gorda, nem excessivamente magra; que não tenha o ventre saliente e que suas pernas sejam bem torneadas; que saiba manter-se sempre elegante, com os ombros, costas e cabeça bem erguidos.

A questão do peso é muito importante — se não o tiver adequado a sua altura ou a sua idade (para mais ou para menos) — procure um bom médico e peça para lhe dar um regime sério que engorde ou emagreça, segundo o seu caso.

Quanto às medidas ideais, é bom saber que na realidade só existem no tipo imaginado como o «manequim» ideal. Na realidade, cada corpo tem sua graça e proporção harmoniosa, inteiramente pessoais. As medidas que ficam bem num corpo podem não ficar no outro.

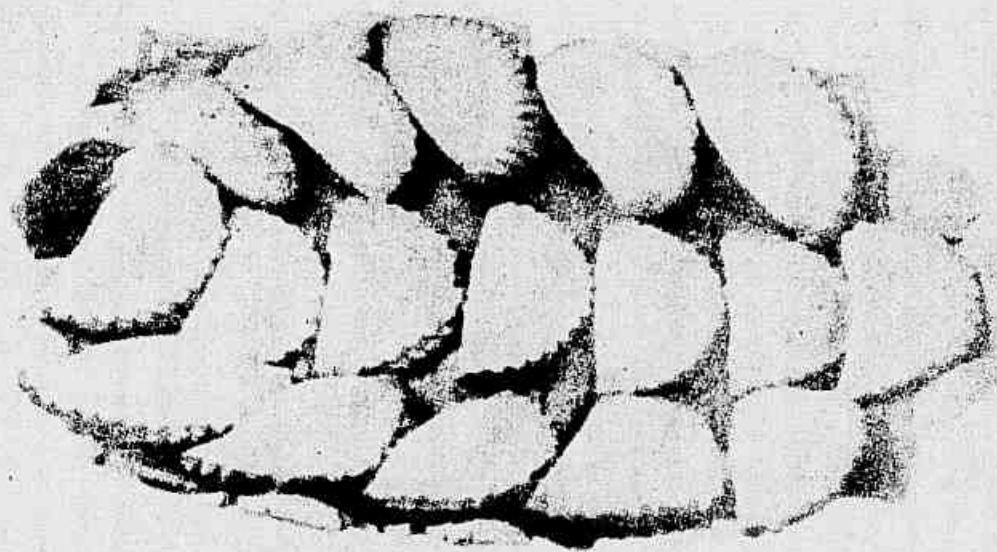
EVITE O SOL MUITO FORTE

Se não quer que sua pele se descasque logo depois dos primeiros banhos de sol, procure expô-la gradativamente aos raios solares. No primeiro dia tome apenas 10 minutos, no segundo 15, e assim sucessivamente, até um máximo de hora e meia.

Se não quer ir para a praia muito branca nos primeiros dias, tome algumas aplicações de banho de luz, antes de iniciar a sua temporada de praia.

A BONECA MARILYN

Está fazendo sucesso em Nova York uma boneca chamada «Marilyn Monroe», e que reproduz fielmente as feições e linhas da estrela do mesmo nome. Essa boneca é vendida a cerca de 2 mil e quinhentos cruzeiros. Há também um modelo que «beija» e que é vendido pelo dobro.



Você, que procura sempre alguma gulodice nova para agradar as crianças que estão em férias e que convidam os amiguinhos para o lanche da tarde, há de apreciar esta receita de **pastêizinhos de frutas**.

1 — Ponha de molho em água morna 300 gramas de fruta seca (uma só qualidade: damascos, ameixas, peras, passas, etc.). Depois ferva-as com água, um pouco de açúcar e um cálice ou dois de vinho branco. Quando estiverem bem macias, retire as sementes (se tiverem) e passe tudo por uma peneira. Junte a casca ralada de um limão e 50 gramas de amendoim ou castanhas do Pará trituradas.

2 — Prepare a massa dos pastêizinhos: na tábua de amassar (ou no mármore) ponha 350 gramas de farinha, 150 gramas de manteiga ou margarina, um ovo inteiro, 200 gramas de açúcar, meia colher das de sopa de fermento em pó e uma pitadinha de sal. Amassar tudo e se fôr preciso, junte um pouquinho de vinho branco para dar a consistência desejada.

3 — Abrir a massa com poucos milímetros de espessura. Cortar rodela, pôr no centro um pouco de recheio de fruta seca, fechar e arrumar num taboleiro untado. Assar em forno brando, perto de meia hora.

Espere que esfriem para servir.

Se gosta de pintar você mesma, móveis, molduras, caixinhas e outros objetos domésticos, mas não aprecia nada ter que limpar o chão depois de tudo pronto, faça isso: antes de começar a lidar com as tintas, forre o chão com algumas folhas de jornal. Depois de tudo pronto, basta recolher os jornais e jogar fora, que o chão estará limpo como antes de iniciar o trabalho.

★

Os pentes de osso podem ser limpos com facilidade se forem deixados de molho durante algumas horas numa solução de amoníaco a 10 por cento. Depois, lavam-se com água e sabão, enxaguam-se em água limpa, e põe-se para secar.

★

Quando tiver que limpar o ferro de engomar, experimente passar na sua superfície um pouco de pasta de dentes. É um ótimo produto para essa finalidade. A pasta de dentes não arranha, nem mesmo os ferros cromados, ou niquelados. Limpe-os enquanto estiverem ligeiramente mornos, pois, assim, secarão completamente, evitando a ferrugem. Nunca limpe ferros de engomar quando ainda ligados à tomada.

★

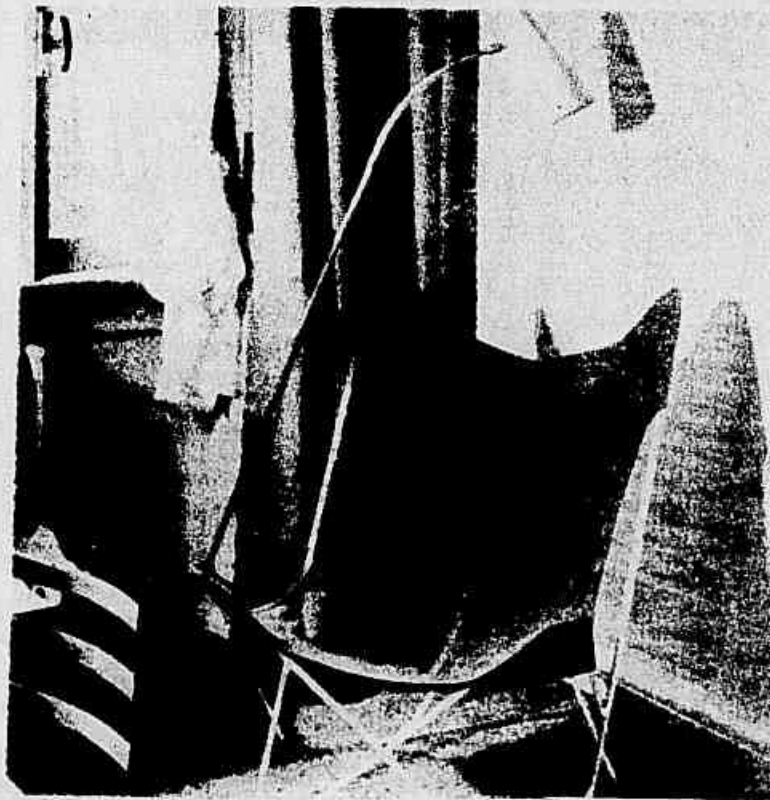
As «sweters» brancas, em lã ou linha, são muito elegantes, porém têm a desvantagem de encardirem com facilidade, tornando-se amareladas. Para evitar que isso aconteça — quando lavá-las — adicione uma colher das de sopa de água oxigenada à última água em que as enxaguar. Ficarão tão alvas como se fossem novas.

SUGESTÕES PARA O LAR



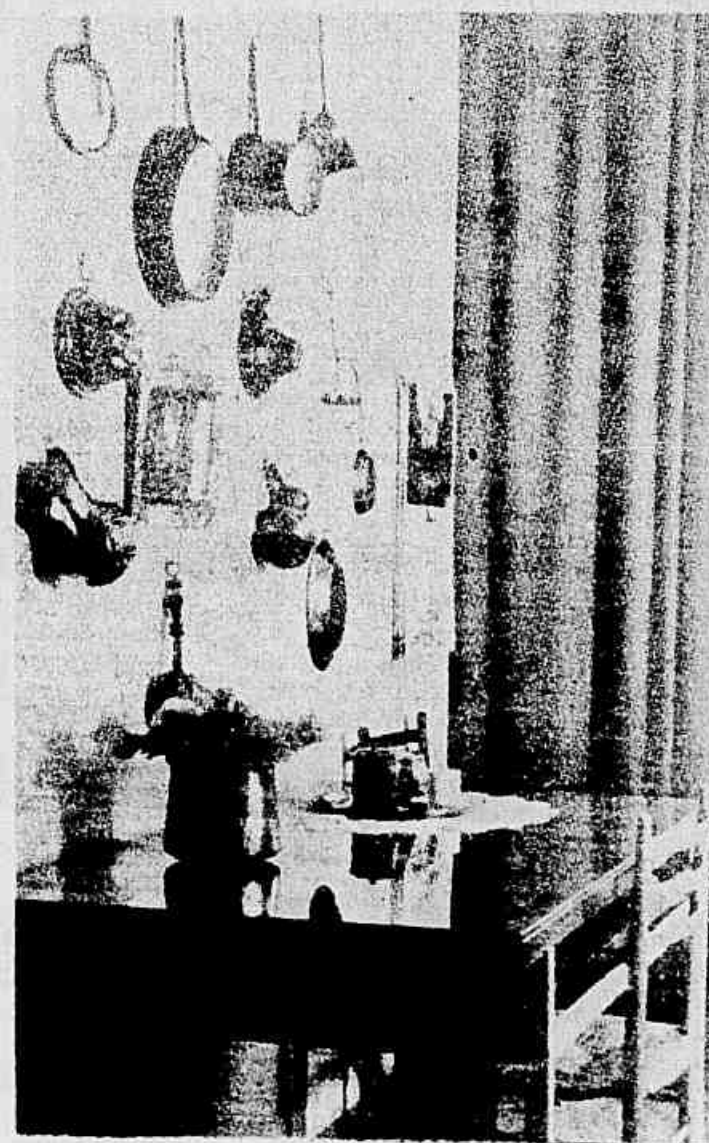
Um balaio grande de vime pode ser adaptado para servir de original porta capas, no «hall» de entrada. O balaio é preso ao teto por correntes de alumínio.

Nada existe de mais confortável para a leitura do jornal do que uma



cadeira bem cômoda, como esta, em lona e armação de ferro, e uma lâmpada que alumie exatamente onde deve.

Panelas, fôrmas e jarros de cobre, bem polidos, podem constituir uma ornamentação original para a parede que fica junto à mesa de refeições.



QUAL A SORTE QUE ESPERA OS JOGADORES DO HONVED?



O famoso Puskas com a mulher Elizabeth e a filha Aniko. O primeiro encontro do jogador com sua família depois de longa separação, ocorreu no aeroporto de Milão. Depois de mil peripécias a mulher e a filha de Puskas conseguiram atravessar a fronteira e chegar a Viena.

Outro jogador famoso Kocsis, e sua mulher Alice se encontraram também em Milão. Kocsis é outro que não voltará a Hungria.



DEPOIS de todo o barulho, e de toda a discussão provocada pelo Honved, se impõe uma pergunta mais simples e mais humana: qual o destino desses jogadores? Alguns já declararam que não voltarão à pátria, pois sabem que apesar de todas as promessas e de todas as afirmações, serão perseguidos sem tréguas. Outros, menos comprometidos com a revolta esmagada pelos tanques russos, voltarão, continuarão a jogar futebol e quando pararem e descalçarem as chuteiras, pouco se alterará em suas vidas. Mas de qualquer maneira, duas coisas parecem certas: os jogadores húngaros ainda vão dar muita volta ao mundo, antes que as suas situações se resolvam; e o Honved, como time, está quase que

definitivamente condenado a terminar, pois o certo é que a federação húngara tratará de obter imediatamente a sua eliminação. É ao clube só resta a alternativa de aceitar a proposta do México, que lhe oferece a oportunidade de disputar o campeonato local, como se fosse um clube regular da Liga Mexicana. Quanto a punição que poderia lhe ser aplicada, os dirigentes do México ainda não tomaram conhecimento do assunto. E estão dispostos a desconhecê-la. Pois o que lhes interessa é a publicidade mundial que do fato resultaria. Mas em tudo isso, uma coisa permanece indiscutível: o destino dos jogadores permanece uma incógnita e ninguém pode afirmar quando terminará o seu exílio.

condenado a morte aos 19 meses

RECUPEROU A VIDA AOS DOIS ANOS



«Que notícias, enfermeira?». Papai e mamãe Gold, não conseguiram vencer a própria ansiedade e só deixaram o Hospital de Saint Mary (Rochester, EE.UU.) depois de saber que tudo ia bem e que o pequeno Johnny estava salvo.

«Seu filho não viverá mais que alguns meses», foi a sentença terrível que os mais ilustres médicos ingleses assinaram e entregaram aos pais de Johnny Gold. Aos 19 meses seu pequeno coração apresentava uma lesão considerada incurável. Nada, nem ninguém parecia com poderes para salvá-lo. Mas os pais de Johnny não quiseram se render a evidência, acreditaram no impossível, e o impossível aconteceu: uma operação arriscadíssima devolveu a vida e a saúde ao menino de 2 anos. E hoje, sorridente e feliz o menino Johnny é um garoto como os outros. É provavelmente, dentro de alguns anos, não acreditará que já esteve condenado a morte.



Logo depois da operação, Johnny mergulhou num profundo sono e durante 3 dias (apesar de sabê-lo salvo e fora de perigo) não foi possível vê-lo. Para distrair a terrível expectativa, o sr. e a sra. Gold saíram a comprar brinquedos para o garotinho recurado. Na foto, mamãe Gold pergunta a papai Gold: ele gostará deste ursinho branco?



Primeira foto de Jhonny, 15 dias depois da operação. Completamente fora de perigo, brinca com um cãozinho de veludo. A doença que ele trazia no coração foi substituída pelo sorriso de felicidade que traz agora nos lábios.



ULTIMO FLASH

UM

CAMPEÃO

(GRACIE)

CONTRA

UM

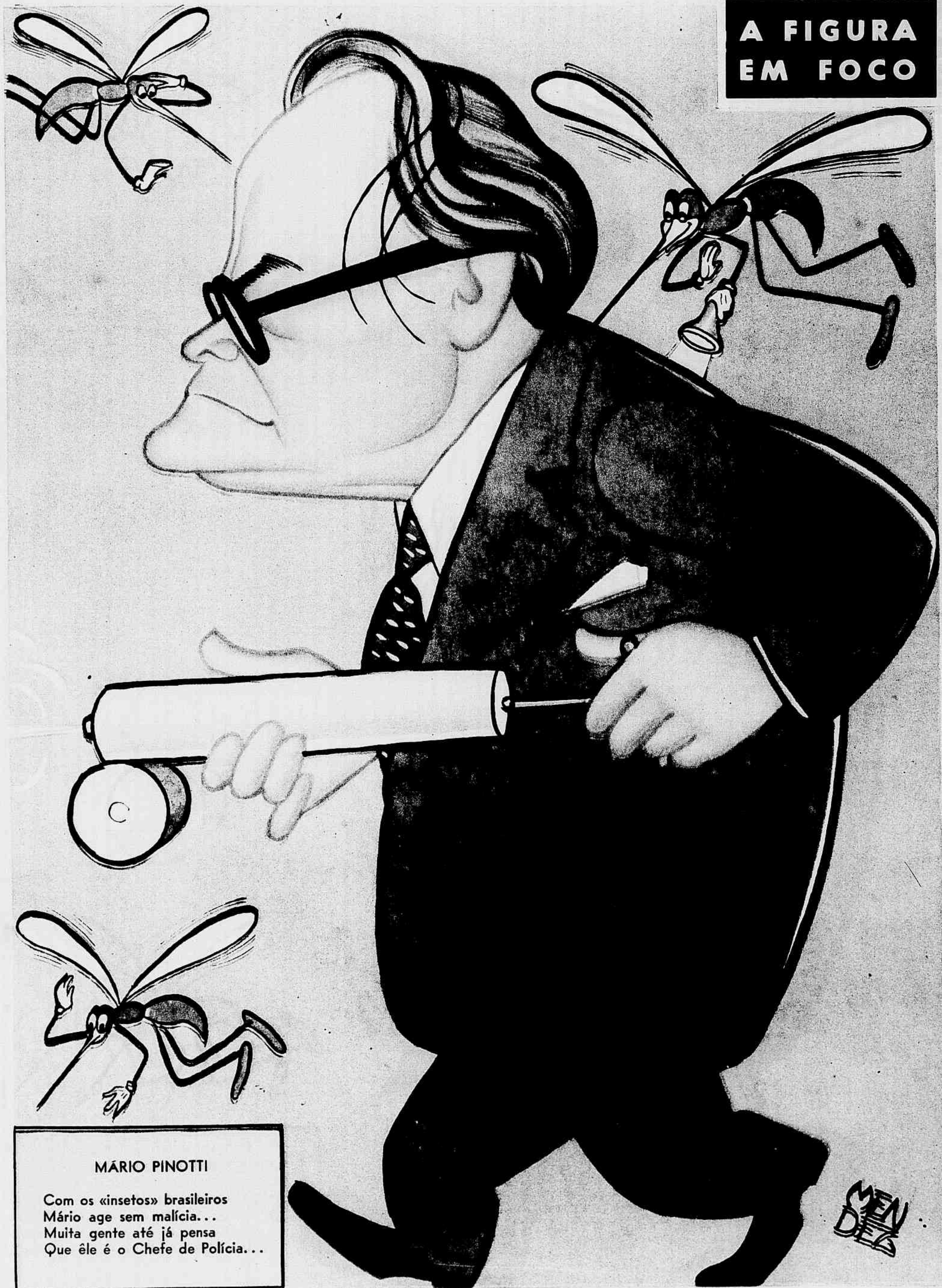
CACHACEIRO

(LEÃO DE

PORTUGAL)

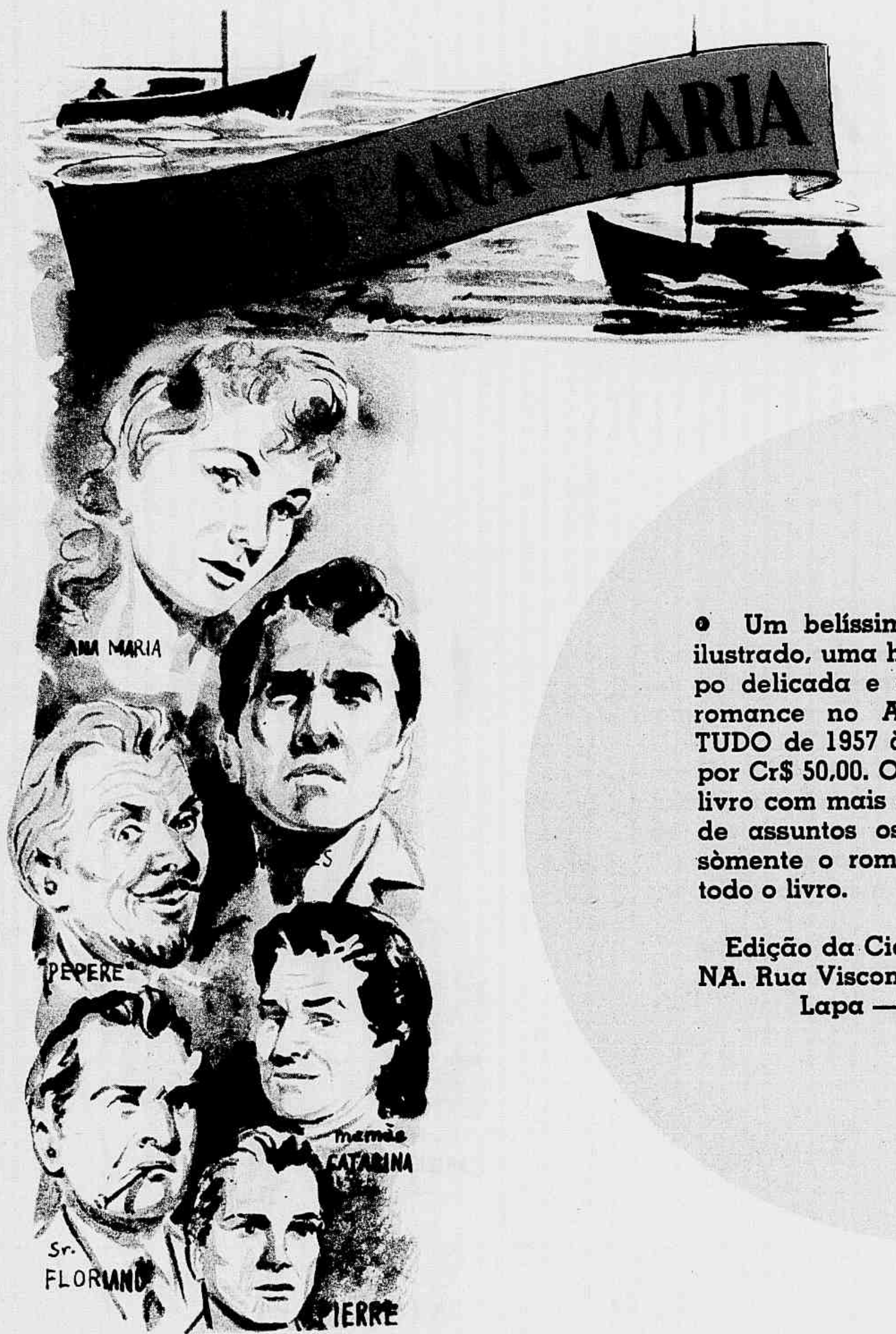
★ Fartamente anunciada, já alguns jornalistas denunciavam antecipadamente a luta Carlson Gracie x Leão de Portugal como uma palhaçada, pois o lutador português não tinha categoria para enfrentar o excelente herdeiro do nome famoso de Hélio e de Carlos. E não aconteceu nada diferente do que estava previsto. Com 5 minutos (depois de brincar com o gordo e volumoso português), Carlson encaixou um estrangulamento e mandou o falso leão para casa. O português não chegou a levar a surra que merecia, mas a Federação de Pugilismo (em defesa do público) e os próprios Gracies (em defesa de seu nome), estão na obrigação (de agora em diante) de selecionar melhor os adversários de Carlson. Já está mais que provado que Carlson é um verdadeiro campeão. Qual o benefício técnico e esportivo que lhe traz uma luta como essa, com um homem conhecido como cachaceiro, que falando aos jornais, declarou (êle mesmo) que há 60 dias não bebia? Por dinheiro não é, pois os Gracies são tradicionalmente esportistas e praticam realmente o esporte pelo esporte. Portanto, em defesa do público, e em defesa principalmente do nome Gracie que é um patrimônio esportivo brasileiro, esperamos que êsses equívocos não se repitam.

**A FIGURA
EM FOCO**



MÁRIO PINOTTI

Com os «insetos» brasileiros
Mário age sem malícia...
Muita gente até já pensa
Que ele é o Chefe de Polícia...



• Um bellissimo romance ricamente ilustrado, uma história ao mesmo tempo delicada e empolgante. Leia êste romance no **ALMANAQUE EU SEI TUDO** de 1957 à venda em tôda parte por Cr\$ 50,00. O «**ALMANAQUE**» é um livro com mais de 300 páginas repleto de assuntos os mais variados. Mas sòmente o romance vale o preço de todo o livro.

Edição da Cia. EDITORA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15 Lapa — Rio de Janeiro.

ALMANAQUE EU SEI TUDO DE 1957

